

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CAMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**A PRODUÇÃO DO LUGAR DE SUJEITXS COM CEGUEIRA: UM
ESTUDO EM PRESIDENTE PRUDENTE-SP**

Presidente Prudente- SP
Abril/2020

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CAMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

LEANDRO BUZZO MOURÃO GUIMARÃES

**A PRODUÇÃO DO LUGAR DE SUJEITXS COM CEGUEIRA: UM
ESTUDO EM PRESIDENTE PRUDENTE-SP**

Dissertação de mestrado apresentado ao programa de pós-graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia- UNESP, para obtenção do título de mestre em Geografia

Orientador: Prof. Dr. Raul Borges Guimarães

Presidente Prudente- SP
Abril/2020

G963p Guimarães, Leandro Buzzo Mourão

 A produção do lugar de sujeitxs com cegueira: um estudo em
Presidente Prudente-SP / Leandro Buzzo Mourão Guimarães. --
Presidente Prudente, 2020

 115 p. : il., tabs., fotos, mapas

 Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente

 Orientador: Raul Borges Guimarães

 1. A vida no contexto. 2. A vida no espaço-tempo. 3. A vida
no cotidiano. 4. A vida como resistência. 5. A busca por um
fim!. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da
Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente. Dados fornecidos pelo
autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: Produção do lugar de sujeitos com cegueira: um estudo em Presidente Prudente - SP

AUTOR: LEANDRO BUZZO MOURÃO GUIMARÃES

ORIENTADOR: RAUL BORGES GUIMARÃES

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em GEOGRAFIA, área: Produção do Espaço Geográfico pela Comissão Examinadora:


Prof. Dr. RAUL BORGES GUIMARÃES
Departamento de Geografia / FCT/UNESP - Presidente Prudente

Profa. Dra. NEIDE BARROCA FACCIÓ **VIDEOCONFERÊNCIA**
Departamento de Planejamento Urbanismo e Ambiente / Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente - FCT/UNESP

Profa. Dra. MARTHA PRISCILA BEZERRA PEREIRA **VIDEOCONFERÊNCIA**
Departamento de Geografia / Universidade Federal Campina Grande

Presidente Prudente, 28 de abril de 2020

À minha mãe, uma inspiração. Uma flor que perfuma a minha vida e me faz continuar lutando a cada segundo. Seu amor por animais, pronta em ajudar as pessoas mesmo que, isso a prejudique, a sua alma de criança brincalhona, mas extremamente poderosa ao enfrentar aos desafios. A ela meu eterno agradecimento.

Agradecimentos

A pesquisa é um processo longo e exaustivo e enfrentar sozinho é algo quase impossível. São muitas pressões, desafios, e acho que vem daí a necessidade dos agradecimentos, realmente agradecer a todo o apoio, seja moral, burocrático ou mesmo dos próprios sujeitos que escancararam suas vidas para que todo esse trabalho pudesse ser realizado.

Aos meus pais, mais que um agradecimento, dedico meu eterno amor, por mais que elxs não entendam o que eu faço, entendem a importância, isso pra mim já basta! Ajudam em todos os âmbitos da minha e ainda continuam firmes e fortes nessa caminhada. A minha vizinha Lourdes, razão do meu viver.

Aos meus animais, que só foram aumentando nesses anos em Presidente Prudente- SP, a Fumaça, à Bombom (cachorrinhas), que me acompanharam nessa trajetórias, as vezes me alicerce quando tudo dá errado, um carinho e uma lambida já basta para me reerguer e enfrentar os novos desafios, e aos gatinhos que chegaram por último, quando eu e meu namorado passamos a morar juntos e fizeram uma revolução na minha vida, muitos mais sapecas que os cachorros e sem leis, voltam grávidas e muitas vezes machucados. Tê-los é um sufoco só, mais o amor só aumenta a cada dia.

Aos meus amigos, Paulo, Valquíria, Agda e o Matheus, Marcos sobre os quais nem consigo descrever o que passamos e as coisas que fizemos, algo pra ser guardado na memória e eternizados em nossos espíritos.

Ao William que, transformou minha vida, uma pessoa que realmente me completou, somos muitos iguais e isso as vezes até me assusta.

Ao Laboratório de Biogeografia e Geografia da Saúde, que cumpre uma importante função social além da pesquisa, conhecer e conviver com pessoas tão diferentes nos abre sempre para diferentes pontos de vista.

Ao meu orientador, com sua loucura genial, pensando sempre na frente, combinando várias ideias nas quais te leva a pensar sempre fora da caixa, sempre disposto a voar alto com seus orientandos.

Aos integrantes da pesquisa que foram fantásticos sempre dispostos a ajudar e colaborar com qualquer coisa da pesquisa.

À universidade Estadual Paulista e seus integrantes, que mantém viva a ideia de UNIVERSIDADE, mesmo com tanto descaso do poder público, com a infraestrutura comprometida. Ao professorxs fantásticos que tive a oportunidade de assistir suas aulas e aos funcionárixs da limpeza que sempre mantém o bloco do discente um limpinho e cheiroso, alegrando o meu dia todo vez que entro no prédio.

À todas pessoas as que vibram felicidade, companheirismo, alegria nesse Brasilão tão castigado pela falta de estrutura e pelo descaso com a vida de alguns políticos, inclusive do Presidente. Nas palavras de Gilberto Gil: *“Todo povo Brasileiro, aquele Abraço”*.

Agradecimentos/Fundos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 no período entre 01/03/2018 a 30/06/2018

A pesquisa de mestrado foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) processo n° 2018/05967-0 no período entre 01/07/2018 a 30/04/2020

A pesquisa de mestrado financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) processo n° 2018/05967-0 possui um vínculo com a Bolsa de Estágio de Pesquisa no exterior (BEPE/FAPESP) processo n° 2018/ 23988-5 no período entre 01/03/2019 a 31/07/2019.

O foco no estudo do sentido do lugar é a possibilidade de compreensão desse objeto – o espaço geográfico, onde o centro das análises está no sujeito. Pratica-se, assim, não uma geografia dos sujeitos, mas uma geografia para os sujeitos, preocupada com a vida das pessoas onde elas vivem, percebem e elaboram seu próprio entendimento acerca do mundo (GUIMARÃES¹, GUIMARÃES² e WIEZELL, 2018, p. 6

Resumo

A patologia cegueira se caracteriza por um campo visual de até dez graus, na qual abrange apenas a percepção da luz até sua total ausência. Ela pode ser classificada como congênita, desde o nascimento ou adquirida, resultante de algum acometimento durante a vida. Neste sentido, a perda da visão afeta diretamente a relação dos indivíduos com os lugares que habitam, sobretudo porque a visão não é um simples estímulo de luz, mas um processo seletivo e criativo em relação ao ambiente. Trata-se de um dos principais sentidos que nos fornecem significados, e perda incide diretamente em como se conhece e constrói a realidade, fazendo com que as pessoas com cegueira encontrem seu próprio modo de conceber o espaço geográfico. Esta dissertação tem por objetivo evidenciar estes aspectos seguindo um modelo próprio dos autores de interpretação da realidade, uma vez que aproxima a escrita científica da literatura romancista, o que contribui para que o trabalho ganhe uma dimensão sensível da realidade dos sujeitos cegos. Assim, cada capítulo contém análises das diferentes dimensões que a vida está contida como: história e lugares (A vida no Espaço-tempo), suas tarefas rotineiras (A vida na cotidianidade), a exploração dos sentidos para compreender a cidade (A vida como complexidade) e os modos de sobrevivência em uma sociedade desigual (A vida como resistência). Para realização de todos esses âmbitos que compõem a pesquisa, nos aprofundamos nos estudos da pesquisa qualitativa utilizando diferentes procedimentos metodológicos, aliada também, a construção de figuras geoespaciais.

Palavras Chaves: Sujeitxs com cegueira, lugar, vida, pesquisa qualitativa.

Abstract

Blindness pathology is characterized by a visual field until to ten degrees, it covers only the perception of light until total absence. It can be classified as congenital, since birth or acquired, resulting from some impairment during life. In this sense, loss of vision affects directly the relationship of individuals with the places yours inhabit, especially because vision is not a simple stimulus of light, but a selective and creative process in relation to the environment. It is one of the meanings that provide us with meanings, and loss directly affects how we know and build reality. This people with blindness find their own way of conceiving geographical space. This dissertation aims to highlight these aspects following a model specific to the authors of the interpretation of reality, it brings a scientific writing closer to romantic literature, which contributes for the work to gain a sensitive dimension of the reality of blind subjects. Thus, each chapter contains analyzes of the different dimensions that life is contained in: history and places (Life in Space-time), the routine (Life in everyday life), the exploration of the senses to understand the city (Life as complexity) and the ways of survival in an unequal society (Life as resistance). In order to carry out all of these areas that make up the research, we delved into the studies of qualitative research using different methodological procedures, combined with the construction of spatial figures.

Key words: Blindness People, Place, Life, Qualitative research.

SUMÁRIO

A VIDA NO CONTEXTO	14
A VIDA NO ESPAÇO-TEMPO	24
A VIDA NO COTIDIANO	51
A VIDA NA COMPLEXIDADE.....	77
A VIDA COMO RESISTÊNCIA	90
A BUSCA POR UM FIM!	103
REFERÊNCIAS.....	106
PARA COMPLEMENTAR	112

Lista de Figuras

A VIDA NO ESPAÇO-TEMPO	24
Figura 1. Linha de pensamento desenvolvida para o capítulo 1	24
Figura 2 – Exemplificação dos mapas sobre as trajetórias de vida de sujeitos com cegueira.....	35
Figura 3– Trajetória de vida a partir do lugar - A garota dinamarquesa.....	41
Figura 4 – Trajetória de vida a partir do lugar - Dom quixote de la Mancha	Erro! Indicador não definido.
Figura 5 e 6 – Diário de campo do autor.....	47
Figura 7 – Trajetória de vida a partir do lugar - O Evangelista	49
A VIDA NO COTIDIANO	51
Figura 9 - Processo de elaboração do mapa dos deslocamentos	58
Quadro 1 – Dados e Interseccionalidades dos sujeitxs da pesquisa.....	59
Figura 10 – Mapas com os locais de permanência nos lugares e relações sociais – A garota Dinamarquesa	64
Figura 11 – Mapas com os locais de permanência nos lugares e relações sociais – Dom quixote de la mancha	66
Figura 12 – Mapas com os locais de permanência nos lugares e relações sociais – O Evangelista	67
Figura 13– Mapas de deslocamento diário – A Garota dinamarquesa.....	Erro! Indicador não definido.
Figura 14– Mapas de deslocamento diário – Dom Quixote de La Mancha.....	Erro! Indicador não definido.
Figura 15– Mapas de deslocamento diário – O evangelista.....	Erro! Indicador não definido.
A VIDA NA COMPLEXIDADE	77
Figura 16. Linha de pensamento desenvolvida para o capítulo 3	77
Figura 17 – Paisagem Sonora – Dom Quixote de la Mancha	81
Figura 18 – Paisagem tátil – O Evangelista	83
Figura 19 – Paisagem olfativa – A Garota dinamarquesa.....	85
A VIDA COMO RESISTÊNCIA	90
Figura 20. Linha de pensamento desenvolvida para o capítulo 4	90
Figura 21 - Gráficos com índices estáticos da aplicação do questionário.....	97
Figura 23 - A imagem da cidade para pessoas com cegueira	108

Lista de Quadros

Quadro 1 – Dados e Interseccionalidades dos sujeitxs da pesquisa	59
--	----

1.

A VIDA NO CONTEXTO

A estruturação da dissertação

Este trabalho acompanha a forte renovação no âmbito acadêmico descrita acima, com destaque para o crescente debate científico sobre a inclusão e equidade de gênero, principalmente nas ciências sociais e humanas, que buscam o entendimento da realidade vivida. Por isto, gostaríamos de evidenciar algumas mudanças na forma de analisar e compreender o texto.

A primeira delas é a não utilização da palavra deficiente, uma vez que ela foi formulada a partir de um modelo hospitalocêntrico que entende o corpo apenas como anátomo-biológico, o qual traz um significado atrelado à incapacidade e anormalidade desses indivíduos, desconsiderando os aspectos sociais, culturais e espaciais (GAUDENZI & ORTEGA, 2016).

Pedimos licença também aos (as) leitorxs para que durante a interpretação do texto notem a letra “x” em algumas palavras. Essa terminologia somente será empregada nas palavras que sofrem uma flexão de gênero (o & a), quando relacionados a um grupo de indivíduos, com o objetivo de não masculinizar a percepção de quem está realizando a leitura, evidenciando, assim, um grupo seletivo de sujeitxs como mulheres, transsexuais e não-binários com cegueira que fizeram parte das análises.

Essas preocupações são necessárias para trazer em evidência as interseccionalidades de grupos marginalizados por uma sociedade que privilegia certos padrões e comportamentos corporais em detrimento de outros, trazendo não somente uma preocupação científica, mas também social. Todas essas questões são importantes e auxiliam em uma análise mais coerente com a realidade vivida e a percepção de cada sujeitx a respeito da imagem da cidade.

Nesta dissertação a Introdução, Metodologia e Análise irão aparecer no transcorrer do texto. Assim, estará presente em cada capítulo carga características estruturais próprias como Caixas de Diálogos, Teorias, Metodologias, Análises e Contextualizações.

A Caixa de Diálogo, um dos elementos desta dissertação, tem a função de causar provocações a você leitor, e também oferecer um auxílio na compreensão de textos e conexões realizadas por mim e meu orientador. A metodologia virá acompanhada de resultados, permitindo a análise dos fatos e mais fácil compreensão para os sujeitxs com cegueira, uma vez que há vários procedimentos metodológicos realizados como História Oral, Observação Participante,

questionário, produção de figuras espaciais, dentre outras melhor especificadas com o panorama de cada capítulo.

Os capítulos foram divididos em:

Capítulo 1 - A vida no Contexto

Capítulo 2 – A vida no espaço-tempo

Capítulo 3 – A vida na Cotidianidade

Capítulo 4 - A vida na complexidade

Capítulo 5 - A vida como resistência

Sem mais delongas. Espero uma ótima viagem!!! O foco é que esta dissertação se voltou para compreensão e estruturação do presente trabalho. A partir de agora, será necessária uma maior concentração espacial e temporal para entender e decifrar os processos gerados a partir das falas, mapas e imagens que aconteceram ao longo de todo trabalho. É a partir desses instrumentos, que procuramos entender alguns aspectos considerados relevantes para a vivência com a cegueira.

A história do pesquisador se confunde com a pesquisa

Entre no primeiro mês de aula no Laboratório de Biogeografia e Geografia da Saúde, consegui uma bolsa e a oportunidade de construir uma pesquisa, que só foi desenvolvida no segundo ano com a aprovação da FAPESP. Entrar em um laboratório com pouco tempo não foi algo muito fácil de fazer. Há muitos compromissos que precisam ser assumidos, cobranças, o que faz muitas pessoas desistirem. Para ser sincero, pensei algumas vezes em desistir, mas o carinho das pessoas e a união do laboratório no período em que entrei, me fez construir laços de afetividade que se mantêm até hoje, mesmo depois de tantas despedidas. Estas que são tão chatas! Além do laboratório que consumia grande parte da minha rotina, as aulas da graduação, por serem sempre muito complexas e com muitas leituras.

Contudo, o que realmente abalou as minhas estruturas não estava nem relacionado ao excesso de cursação, nem ao excesso de estudo, foi por uma questão de saúde. Descobri no final da graduação que tinha esclerose múltipla. Foram longos meses de internação, de choros e tristezas para entender o que estava acontecendo comigo e com meu corpo.

Mas, apesar de todas as dificuldades, me vi determinado a prestar a prova do mestrado. O mestrado, por sua vez, foi o período de maior paz comigo mesmo. Um tempo para meu corpo respirar e sem cobranças acadêmicas, já que os processos foram acontecendo sem muitos obstáculos.

Ter esclerose múltipla me fez ter um posicionamento diferentemente ao tratar os sujeitos da minha pesquisa, porque as limitações que eles enfrentavam ao ser cegos e que eles passaram, de certa forma, também eram as minhas, e talvez isto tenha se incidido diretamente na relação com sujeitos e a possibilidade para que se abrissem sobre suas vidas com maior facilidade, já que a pesquisa tem como objeto central entender suas trajetórias de vida e as suas relações de pertencimento aos lugares.

Em relação ao Leandro que foi-se construindo durante o Mestrado, muitos conhecimentos (acadêmicos e cotidianos) foram sendo enriquecidos com as aulas de “*Produção do Espaço Urbano*” ministrada pelos Professorxs Profa. Dra. Maria Encarnação Beltrão Sposito, Profa. Dra. Eda Maria Goes, Prof. Dr. Arthur Whitacker e Prof. Dr. Everaldo Santos Melazzo. Além desta disciplina realizei as aulas “*Tópicos Especiais: Espaços, Sujeitos e Cursos de Vida*” com os professorxs Dr. Nécio Turra Neto e Dra. Joseli Maria Silva e Saúde, e “*Ambiente e Desenvolvimento*” com o Prof. Dr. Raul Borges Guimarães.

Os aprofundamentos teóricos foram sendo enriquecidos com a ida para a Nova Zelândia para a realização de um estágio no exterior sob a supervisão do Prof. Phd Robin Kearns da University of Auckland, Auckland, Nova Zelândia, além dos eventos, como o 18th International Medical Geography Symposium (IMGS) realizado na cidade de Queentown, Nova Zelândia.

A história e os desafios da cegueira

O contato com a temática surgiu a partir de um esforço do Laboratório de Biogeografia e Geografia da saúde da UNESP Presidente Prudente - SP em se preocupar com a apreensão do cotidiano pelas pessoas que vivem e vivenciam o espaço de modo singular. No caso específico de sujeitos com cegueira, o entendimento do conceito singular se amplia, pelas necessidades de desenvolver outros canais de percepção para compreensão e significação do mundo. Desta maneira, propomos o estudo da apreensão geográfica a partir de sujeitos cegxs, aprofundando

pesquisas já iniciadas desde a iniciação científica, sob um ponto de vista da Geografia humanística e do conceito de lugar.

Diversos autores têm se dedicado ao estudo da cegueira, sob diferentes enfoques. Dentre esses autores, cabe destacar as contribuições de Jordão (2015); Sena (2016); Tibola e Francischett (2014), uma vez que eles têm fomentado a discussão geográfica a respeito desta temática, muitos deles com apoio da própria Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ). Especialmente, destacam-se as pesquisas na área do ensino em Geografia, que tem contribuído para questionar acerca de muitos estigmas ainda arraigados culturalmente na sociedade, como o próprio conceito de deficiência e inclusão.

Apesar dessas contribuições, ainda se faz necessário o desenvolvimento de trabalhos geográficos que reflitam não só o ensino inclusivo para cegxs, mas a dimensão da vida destes sujeitos, principalmente no que diz respeito à suas subjetividades e produção do seu espaço-lugar. Afinal, há um número cada vez maior de indivíduos que nascem cegxs ou adquirem a cegueira ao longo de sua existência.

Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2013) são mais de 246 milhões pessoas em todo o mundo que convivem com alguma forma de limitação visual, dentre os quais 39 milhões de pessoas são consideradxs cegxs. Esta mesma organização ainda estima que em 2020 o número de cegos atingirá cerca de 75 milhões.

Há, portanto, um número cada vez maior de pessoas que vivem limites funcionais consideráveis, diariamente, sobretudo porque a visão não é um simples registro de estímulo de luz, mas um processo seletivo e criativo em relação ao ambiente. Trata-se de um dos principais sentidos que nos fornecem significados e a perda deste incide diretamente no processo de como se conhece e se constrói a realidade (TUAN, 1983)

Apesar de toda uma desconstrução em cima do termo deficiência, o código internacional de doenças (CID-10, 2010) ainda traz na sua classificação da patologia o termo deficiência visual e hierarquiza em cinco níveis diferentes, sendo que os dois primeiros se caracterizam como baixa visão e os três últimos como a perda total. A cegueira de categoria três apresenta um campo visual de cinco a 10 graus; a categoria quatro, um campo inferior a cinco graus, a qual reconhece apenas a percepção de luz; e por último, resulta na ausência total de luz.

A cegueira ainda pode ser classificada como algo resultante do próprio nascimento, o que é denominada como congênita. Mas a cegueira também pode ser adquirida, quando é provocada por algum acontecimento durante a vida. Neste último caso, conforme levantamento realizado pelo Hospital Albert Einstein (2016), é possível identificar como causas principais: catarata (cristalino opaco), danos relacionados com a idade (degeneração muscular) e, açúcar elevado no sangue (retinopatia diabética), o que atinge exponencialmente pessoas acima de 41 anos de idade.

Fica claro, portanto, que a cegueira não pode ser pensada pela falta de incapacidade, mas, como sendo um fenômeno complexo e diverso. Complexo ainda, pela falta de estudos que deixam lacunas no entendimento desta característica e diverso, pelo “leque de opções” que pode ser abordado a respeito desta temática, evidenciado alguns deles ao longo do trabalho.

As concepções adotadas no trabalho

As reflexões relatadas neste tópico fizeram-se a partir de percepções, pesquisas e experiências particulares através do estágio no exterior realizado na Universidade de Auckland, Nova Zelândia e Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, Brasil, no qual realizei meu mestrado e ofereceu o suporte para as colocações apresentadas: uma dissertação que tem como pilar central as concepções adotadas na Geografia da Saúde.

Fazer esta demarcação para mim é um ato político para que a Geografia sempre ocupe novos espaços, porque o limite do saber geográfico não está na caneta do geógrafo e sim na realidade empírica do momento de fazer pesquisa. Entendo que a Geografia da Saúde é parte deste processo de renovação da Geografia, com um crescimento exponencial, ganhando notoriedade a cada ano pelos seus avanços científicos com ampla aprovação em agências de fomento à pesquisa, publicação em revistas de alto impacto e livros bem avaliados pela CAPES no Brasil.

A estruturação da Geografia da Saúde faz parte de uma mudança no *modus operandi* do pensar geográfico, que não está presa à áreas restritas do conhecimento, ou mesmo de maneira dicotômica entre humana e física, mas sim a partir da interseccionalidade de saberes. Por exemplo os estudos de Geografia da Saúde podem abarcar questões urbanas, rurais, físicas, biológicas que possibilitam de fato ao pesquisador transitar por diferentes áreas da Geografia e disciplinas afins, visando compreender um problema real que demanda socialmente respostas.

Essas *novas geografias* - incluímos aqui também Geografia do Trabalho, Geografia de Gênero, Geografia do Clima (recente passou por uma renovação do pensamento) - têm possibilitado o desenvolvimento de teorias e procedimentos metodológicos que possibilitam ampliar e renovar o conhecimento geográfico, já que novos modos de olhar a realidade impõe conjuntamente novos desafios (Vannini, 2015).

Segundo Guimarães (2019).

O reconhecimento e apoio da comunidade acadêmica ao estudo geográfico da saúde coletiva no Brasil não foi um processo fácil, uma vez que sempre existiu uma postura dominante na Geografia brasileira que desconsidera o papel da Geografia na compreensão de problemas sociais que não tenham claramente uma vinculação com a materialidade espacial. Assim, não seria papel da Geografia compreender os processos de adoecer e morrer de um grupo social, desde que não fosse possível demonstrar a determinação socioespacial de tais processos (GUIMARÃES, 2019, p.121)

Para entender esse processo de estruturação da Geografia da Saúde no âmbito atual, no qual tem impacto diretamente na concepção adotada neste trabalho, é necessário realizar uma recapitulação muito sintética da histórica da Geografia da Saúde.

A Geografia da Saúde tem a sua origem na chamada Geografia Médica, que tinha com o objetivo a descrição e distribuição de doenças, utilizando-se recursos em Cartografia, bases estas intimamente vinculadas ao Positivismo. Segundo Eyles (1985) a virada cultural da Geografia Médica para a Geografia da Saúde possibilitou o interesse crescente para a compreensão de uma visão ampliada da saúde, envolvendo a prestação de cuidados, atenção, e identidade em saúde, assim como a localização e distribuição espacial de fenômenos relacionados à saúde. Isto possibilitou uma ampliação de novos estudos.

Guimarães (2019) salienta que o Laboratório de Biogeografia e Geografia da Saúde foi o espaço acadêmico para a orientação de inúmeros trabalhos de pesquisa destacando-se como um importante pólo para a renovação do pensamento da Geografia da Saúde no Brasil e América Latina. Segundo ele,

Essa diversidade muito grande de atividades e ações, com uma pluralidade acentuada de conceitos e abordagens metodológicas era objeto de críticas, sugerindo uma postura eclética e com pouco rigor científico. Mas, de fato, o que se processava era outra agenda. Deliberadamente, procuramos não perder de vista a complexidade do objeto “saúde coletiva” a partir do olhar da Geografia. Para isto, quando necessário, foi preciso buscar aportes em áreas afins (Epidemiologia,

Sociologia, Antropologia, Psicologia etc), mas, sobretudo, na releitura de clássicos da Geografia (Max Sorre, Jean Brunhes, entre outros), (GUIMARÃES, 2019, p.125)

Apesar de participar ativamente das discussões, saber claramente minhas origens de um geógrafo latino americano, reflexo desta desigualdade, com o dever de dar uma resposta crítica na minha dissertação, vi a necessidade de compreender o que tem de particular em cada sujeito que vai além da estrutura de classe, sem estar dissociado desta.

Outra concepção que participou ativamente da construção deste trabalho foi a influência da Geografia da Saúde na Nova Zelândia que, por outro lado, tem suas bases acadêmicas na escola da Geografia da Saúde de língua inglesa presente principalmente em países como os Estados Unidos, Nova Zelândia, Reino Unido, Austrália e Canadá. Kearns and Moon (2005) em seus trabalhos ressaltam, enfaticamente, que a Geografia da Saúde produzida por estes países representa apenas uma forma de compreender a realidade e não um pensamento hegemônico. Esse caráter enfático segundo os autores, é para evitar criar uma visão “[...] *Atlanto-Antipodean white health geography orthodoxy* (KEARNS e MOON, 2005, p.19)”, ou seja, que o pensamento produzido pela Geografia da Saúde da Nova Zelândia vem de autorxs majoritariamente brancos e que não respondem todas as questões que estão envolvidas em outras realidades geográficas. Enfim, devemos tomar cuidado na utilização dos conceitos, uma vez que eles devem contribuir para a realidade empírica dos países que o adotam sem, contudo, cair em uma visão neocolonial.

A Geografia da Saúde de língua inglesa vem desenvolvendo, assim como a escola latino-americana, análises estatísticas e cartográficas para a compreensão de processos geográficos que envolvem a saúde e, por isso, marcas da geografia médica ainda se fazem presentes. Contudo as perspectivas ligadas aos estruturalismo e humanismo têm ganhado um protagonismo nos últimos anos na Nova Zelândia.

Kearns e Moon (2005) salientam que não existe uma abordagem propriamente estruturalista, mas sim conceitos-chaves que tipificam essa abordagem. A perspectiva estrutural pressupõe que há forças subjacentes na sociedade que criam divisões ao longo das linhas de etnia ou raça, classe, gênero, idade e outras características da população. Aplicada aos cuidados de saúde, esta abordagem examina, entre outros tópicos, (1) as desigualdades na prestação de serviços; (2) a medicalização do cuidado; (3) os efeitos da reestruturação e privatização; e (4) a resistência à dominação.

Sob o ponto de vista humanista, o foco das análises de saúde se volta para as experiências subjetivas de um indivíduo, e seus significados simbólicos. Nessa perspectiva o lugar desenvolve importante papel nos estudos como possibilidade de tratamento terapêutico e relações afetivas com as doenças. Segundo os autores o estudo de acordo com as perspectivas humanistas pode ser analisado através (1) das crenças de diferentes atores em encontros médicos; (2) sentimentos de identidade com lugares onde os cuidados de saúde são administrados; e (3) o papel do concreto e do abstrato símbolos (KEARNS & MOON, 2005)

Segundo Canesqui (1998) essa perspectiva de estudos das ciências humanas e sociais tem sido adotada pelas ciências da saúde em diversos segmentos como na Saúde Pública, Epidemiologia e determinantes sociais dos estudos de saúde que estão tomando nota das metodologias e análises para adicionar criticidade ou mesmo entendimentos semióticos e discursivos à pesquisa em saúde.

Essas concepções também têm direcionado estudos na Geografia da Saúde Latino americano, que vem sendo desenvolvidos importantes trabalhos. O Professor titular Raul Borges Guimarães, desde o início de sua docência, vem se debruçando sobre este tema. Em seus últimos trabalhos, como na sua tese de Livre docência *“Regionalização da saúde no Brasil: da escala do corpo à escala da nação”* defendida no ano de 2008, seu livro *“Saúde: fundamentos da geografia humana”* (2015), além de trabalhos desenvolvidos com seus orientados, embasado com viés marxista, mas também, outras perspectivas como do humanismo.

A internacionalização dos saberes, com os diversos congressos nacionais e internacionais e estágios de intercâmbio entre diferentes países vem enriquecendo cada vez mais uma análise da pesquisa ampliada, ou seja, um debate a respeito da Geografia da Saúde no âmbito mundial e suas diferentes formas de interpretar a realidade, ressaltando não o antagonismo entre elas, mas sim a interlocução dos saberes.

Assim, apesar dos distintos traços marcantes das escolas da Geografia da Saúde, Kearns e Moon (2005) analisam criticamente e com um certo grau de ironia um olhar contemporâneo aos processo que ocorram nos últimos 30 anos ao salientar que o período de estudos na atualidade é representado por uma *“geografias pós-médicas da saúde”*, guardando traços de uma Geografia Médica renovada com uma percepção mais ampla a respeito do conceito de saúde e com um método que trabalha a interlocução de diferentes saberes, é claro, ponderado a partir de cada

realidade representada na visão dos autores como “*Humanista Marxista estruturalista*” (sem vírgulas e sem relevância em qual nomenclatura vem em primeiro lugar).

Na percepção dos autores,

Essas misturas tentam reconciliar uma série de aparentes opostos: estrutura e agência, sociedade e indivíduo, hegemonia e auto expressão, normas culturais e biografias pessoais, sistemas sociais e prática cotidiana. O importante é que os elementos dicotômicos são interagindo continuamente uns com os outros; eles são certamente importantes em si mesmo, mas geralmente mais em relação ao seu oposto (KEARNS & MOON, 2005, p. 84)

Para entender esses processos cada vez mais dinâmicos, a ciência se utiliza de métodos de investigação/análises que variam de acordo com o enfoque dado pelo pesquisador para compreensão dos problemas levantados. Contudo, é necessário levar em conta que apesar de existirem diferentes métodos de análises e eles não sejam complementarem ou mesmo não dialoguem entre si, há uma falácia em dizer que diferentes métodos não podem ser utilizados em um mesmo trabalho.

O trabalho de mestrado que vem sendo desenvolvido a partir desta perspectiva, olha para estes diferentes saberes que ajudam no processo de entendimento do problema sem um descolamento da realidade vivida e fruto deste processo de internacionalização de saberes. Alguns conceitos geográficos expressos no trabalho fornecem subsídios significativos para o desenvolvimento da dissertação, como veremos adiante.

2.

A VIDA NO ESPAÇO-TEMPO



Figura 1. Linha de pensamento desenvolvida para o capítulo 1
Org: O autor (2019)

Caixa de diálogo I:

Novas histórias, velhos lugares: o tempo e o espaço em uma eterna intersecção

Você já parou para pensar como foi a sua trajetória de vida? Essa pergunta sempre nos faz procurar reflexões sobre nossas ações, resistências e ressignificações. Entender esse movimento espaço-temporal não é uma tarefa fácil devido às materialidades envolvidas que aparecem em diferentes escalas e participam da construção das nossas subjetividades.

Muitas vezes alguns processos materiais que circundam a existência ultrapassam a nossa capacidade de ação e compreensão, como os movimentos de rotação e translação da Terra, leis da Física, como a cinética e a inércia, desastres naturais, ou até mesmo da interferência de agentes globais no que acaba impactando o nosso modo de viver e nossas (re) significações para as escolhas das próximas ações.

Todavia, outras escolhas dependem de nossas escolhas e nos fazem seres com uma identidade única. A subjetividade trabalha em ritmos próprios, tornando-a complexa e de difícil compreensão. Um exemplo bem cotidiano disso é a relação entre tempo e subjetividade. Frases comuns como *“Nossa, já anoiteceu! A hora da aula não passa! Estou atrasado e o tempo não para de correr!”* São recorrentes em no nosso dia-a-dia e evidenciam uma plasticidade própria de perceber o mundo.

A subjetividade dificulta a nossa compreensão do que é passado, presente e futuro, principalmente, em momentos cotidianos, isso é mais facilmente percebido a medida que vamos nos distanciando do tempo de ação. Uma frase interessante para compreender esse processo seria *“Cada passo, um tempo, cada tempo, um espaço”*.

Santos (1994) em sua grande obra *“Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção”*, salienta que as dificuldades de realizar uma cisão no tempo a partir de vivências cotidianas é porque o presente é um instante, como um estalar de dedos, e o que percebemos é um estiramento do tempo presente, essa sensação é chamada pelo autor de presente estendido.

Esses processos que ocorrem na mente humana podem criar histórias, alterar locais e até mesmo a verdade dos fatos. Mesmo com todas estas dificuldades, salientamos a necessidade de desvelar as trajetórias de sujeitos com cegueiras, suas vivências, ressignificações e resistências, produzindo sua própria geografia. Histórias de vidas importam!

Para tentar condensar nosso poder de análise, serão tratados os fatos estruturantes na vida desses sujeitos os quais foram sendo (re)significados ao longo de suas vivências e acentuados por fortes laços, relações de afetividade, tornando o ambiente um lugar de pertencimento. Todavia, é importante ressaltar que a categoria lugar não será compreendida neste trabalho como o *status* supremo de perfeita relação. Pelo contrário, nos lugares há sempre discussão, pensamentos diferentes, tristezas, e até mesmo decepções. Mas mesmo com todos os percalços que acontecem com qualquer ser humano, permanecem elos de ligação que se mantêm vivos na memória.

Você já parou pra pensar quais são os motivos que te fazem gostar de um determinado lugar? É pensar nos lugares que explicamos muitas vezes nossos gostos, trajetos e escolhas de vida. Portanto, para compreender a história de vida dos três sujeitos da pesquisa, chegamos à conclusão de que a melhor forma de compreender suas vivências é a partir do método proposto através dos lugares de pertencimento, e de procedimentos metodológicos qualitativos do tipo história oral e ilustrações através de mapas que respondem às análises qualitativas.

O lugar de cada um

A argumentação construída sobre o conceito de lugar no presente trabalho tem em seu fundamento o estudo dos fenômenos através da filosofia fenomenológica, a qual teve como precursor Edmundo Husserl, na Alemanha, em uma reação contrária à difusão da Metafísica. Suas concepções ganharam evidência e fundamentaram autores como Martin Heidegger, Alfred Schutz, Jean Paul Sartre e Maurice Merleau-Ponty.

A utilização desses filósofos para o embasamento do saber geográfico, sob a perspectiva fenomenológica, foi de grande importância para formulação e estruturação de conceitos, métodos e teorias. As teorias geográficas até então tinham como principal expressão a Epistemologia e desenvolvimento de métodos que atendessem às questões relacionadas ao estudo do conhecimento. Segundo Relph (1981), Eric Dardel em seu livro *“L’Homme et la Terre: nature de la réalité géographique”*, publicado em 1952, foi um dos primeiros autores preocupados em formular uma concepção geográfica pensada a partir da existência. Contudo seu trabalho foi ignorado e a discussão sobre sua obra só foi retomada 20 anos depois.

O principal filósofo da corrente fenomenológica utilizado na estruturação de teorias geográficas foi Martin Heidegger, justamente pela preocupação espacial em suas análises sobre o ser. Alguns de seus conceitos e teorias como Dwelling (habitar), Dasein (Ser-aí) e Ser-no-mundo foram de extrema importância para o pensamento geográfico (MARANDOLA, 2016)

Apesar da Fenomenologia ter autores franceses e alemães como principais expoentes. Ela ganhou expressão na Geografia em países de língua inglesa através de Yi-Fu Tuan, Anne Buttimer e Edward Relph, na década de 1970, se tornando também um método de investigação. O conceito de lugar como experiência ganhou evidência central nas análises geográficas, com o enfoque no estudo das relações afetivas construídas entre os sujeitos e os ambientes onde habitam.

Todavia, por mais que o lugar seja um elemento central na concepção fenomenológica, houve diferentes perspectivas de interpretação do fenômeno no entendimento da realidade geográfica e diversas críticas, atualizações, novas proposições se espalharam por diversas partes do globo. Ao realizarmos uma sistematização sobre o conceito de lugar através da perspectiva de inúmeros autores, ficou evidente que o lugar poderia ser estudado a partir de diferentes relações com os sujeitos, dependendo do modo com que cada vínculo é construído (MARANDOLA, 2016).

Essas concepções foram trabalhadas e agrupadas em cinco pares dialógicos: *a) lugares pivotantes e lugares fasciculados; b) lugares como ponto e lugares como difusão; c) lugares fixos e lugares móveis; d) lugares como nó e lugares como rede; e) lugares como inspiração e expiração*

a – Lugares pivotantes e lugares fasciculados

Ao estudarmos as relações psicanalíticas de autores como Freud, Winnicott, Lacan e Klein, podemos destacar que em seus trabalhos há uma distinção clara entre todos tipos de patologias que afetam os funcionamentos mentais: a psicose e a neurose. Segundo Winnicott (1983), a neurose é resultado de reflexões de relações traumáticas que podem ser reativadas por fatores externos; já a psicose pode ser relacionada com situações nas quais o sujeito perde o controle sobre suas próprias ações. Esses tipos de patologias causam tensionamento nos vínculos afetivos e afetam as construções de pertencimento com os lugares.

Todavia, a definição deste tipo de relação conceitual expressa no título do trabalho nasceu a partir de uma pesquisa com crianças que apresentavam transtorno do espectro autista (TEA). O estudo tinha por objetivo verificar se esses sujeitos conseguiam construir vínculos e formar laços com os lugares. Com o aprofundamento do trabalho foi possível identificar relações de pertencimento com uma quantidade pequena de lugares e, uma maior fragilidade em comparação às pessoas que não apresentavam nenhum tipo de transtorno aparente (GUIMARÃES¹, GUIMARÃES², WIEZZEL, 2018).

As relações voláteis com o lugar eram causadas pela falta de integração psíquica, ou seja, a não diferenciação entre o corpo e a realidade externa. Através deste estudo foi possível verificar que outras patologias semelhantes poderiam ser caracterizadas através deste tipo de relação como transtornos esquizoafetivo, psicoses, depressão seguida de suicídio e doenças relacionadas à degeneração cerebral, como demência e Mal de Alzheimer (GUIMARÃES¹, GUIMARÃES², WIEZZEL, 2018).

A partir dos dados, Guimarães, Guimarães e Wiezzel (2018) realizaram uma divisão no modo de relação com lugares, denominados de pivotantes e fasciculados. A concepção para evidenciar esse processo surgiu a partir da estruturação do crescimento das raízes. As árvores com raízes pivotantes crescem em profundidade e no sentido vertical em comparação ao solo, conseqüentemente, possuem uma maior fixação ao substrato, enquanto que as raízes fascinadas crescem perpendicular ao solo, e portanto, mais suscetíveis aos agentes externos, como ventos e tempestades.

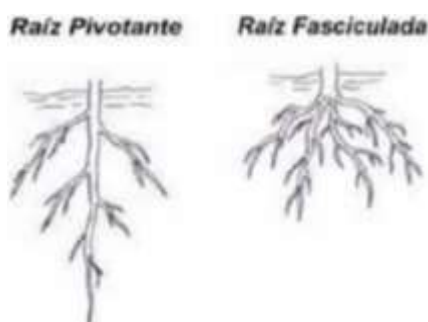


Figura 5 – Tipos de crescimento da raiz no solo.

Fonte: Toda matéria (2019)

Os lugares pivotantes, nesta conjuntura, são construídos a partir de relações mais sólidas, a partir das quais as amarras espaciais são dificilmente quebradas por tensionamento. Em contrapartida, os lugares fasciculados podem ser rompidos com uma maior facilidade, como salientam os autores “ [...] há neste sentido uma tentativa constantemente de fixar substrato, ou seja, no lugar, para manter vínculos, mas que se tornam muito frágeis e facilmente de ser rompidas (GUIMARÃES¹, GUIMARÃES², WIEZZEL, 2018, p. 82) ”

b) Lugares como ponto e lugares como difusão

A premissa evidenciada para este tipo de relação teve como base o livro de Yi-Fu Tuan denominado “*Space and Place*”, escrito em 1983, considerado como um dos livros mais importantes da Geografia ainda nos dias atuais. O autor salienta que a modificação dos modos de vida na sociedade nos últimos séculos foi acompanhada de uma crescente difusão das cidades em todo o mundo, resultando numa delimitação cada vez maior dos ambientes urbanos. Este processo possibilitou que as pessoas conseguissem diferenciar com maior clareza onde começa e termina os lugares em que elas se sentem pertencidas. Esses ambientes, com uma geometria estabelecida, estão diretamente relacionados aos lugares como pontos.

Todavia, os lugares como ponto não são o único de tipo de relação evidenciada por Tuan (1983), pois, existem lugares que não seguem uma geometria pré-determinada, em que os limites não possuem uma delimitação clara, criados segundo formas subjetivas difusas. Suas fisionomias podem assumir diferentes escalas, quanto maior a amplitude de pertencimento, maior é a abstração

da mente humana e, portanto, mais idealizados são os lugares. De acordo com Tuan (1986) um bairro, uma cidade, zonas rurais, florestas podem ser consideradas como lugar. São vários exemplos a serem considerados, segundo o autor “*A cidade é um centro de significados, por excelência. Possui muitos símbolos. Mais ainda, a própria cidade é um símbolo (TUAN, 1983, p.13)*”.

Uma crítica que pode ser feita a este tipo de relação é: se tudo pode ser lugar, onde se aplicaria o conceito de Espaço de Yi Fu Tuan? Marin (1993) conseguiu solucionar esse dilema utilizando o termo utopia numa condição de similaridade, pois, ao mesmo tempo que um lugar é imaginado e não delimitado, ele também é um espaço de incerteza. É evidente destacar que nem todo lugar é utópico, mas também é certo que todo lugar apresenta um pouco de utopia. O autor complementa que o lugar como difusão, por ser uma extensão indefinida, gera uma transcendência do que parece ser possível e conhecido, encontrado através da poética e da retórica e entre o visível e o invisível.

c) lugares fixos e lugares móveis

O terceiro par dialógico de relações tem por objetivo evidenciar os lugares fixados ao solo, construídos sob uma estrutura que não se movimenta e os lugares que possuem fluidez, e portanto, podem se deslocar no espaço geográfico como barcos, casas, carros, e no qual estão passíveis a vínculos de pertencimento à medida que seus usos se tornam frequentes e transmite uma sensação de segurança.

A discussão de lugares móveis está presente no trabalho de Eric Dardel (1952) em vários trechos desenvolvidos a partir das relações de geograficidade construídas com o espaço aéreo, aquático e terrestre, salientando que o lugar é fruto de diversas adaptações do meio para a manutenção da vida, ainda que essa discussão não esteve nas concepções centrais dentro da Geografia Humanista.

A crítica a respeito da discussão levantada surgiu a partir da argumentação de Kevin Hetherington (1997). Embora seja uma obra importante, o estudo do autor está fundamentado em uma concepção material de lugar e em várias partes ao longo do texto questiona as visões euclidianas e hermenêutica. Sua crítica de maior fundamentação é que os estudos fenomenológicos têm se preocupado em estudar relações com os lugares que estão fixados ao solo e têm omitido os lugares que podem se movimentar, seja no ar, no mar ou na terra.

O autor utiliza o barco como meio de questionamento para dar sustentação ao seu argumento, ressaltando que este meio de transporte usado por muitas civilizações como maneira de descobrimento é ainda muito importante nos dias atuais, principalmente como viés econômico, pode ser classificado como um pedaço de espaço flutuante ou como um lugar sem lugar? Acredito que esta pergunta crítica é pertinente para pensarmos em lugares que têm como embrião o movimento e a necessidade de novos estudos que consigam evidenciar não só de maneira teórica, mas também empírica, para que possam oferecer respostas à questão levantada por Hetherington (1997).

Ao ler este trabalho comecei a pensar nas formas subjetivas, agora sob o ponto de vista fenomenológico, para conseguir identificar se havia no meu trabalho lugares como esse viés de mobilidade. Através de diversas análises do material coletado, pude perceber, em dois momentos, os lugares como movimento expresso pelos sujeitos, o que será melhor detalhado em suas respectivas histórias de vida.

d) Lugares como nó/como rede

A concepção de lugares em rede está presente em muitos trabalhos de concepção materialista, tais como Santos (1994), Massey (2002) e Castells (2001), evidenciando as relações sociais, econômicas e políticas globais na sua interação com o desenvolvimento tecnológico, estabelecendo uma forma organizacional interligada e multiescalar do local ao global. Esses conceitos, no entanto, complementam nossas análises, mas não as definem a partir da corrente fenomenológica, pois o lugar como nó e como rede surge a partir das subjetividades dos sujeitos, na sua relação com o particular e o global.

Todo vínculo de pertencimento gerado entre o indivíduo e o lugar desenvolve um novo marco mental. Todavia, apesar desta relação ser única e possuir suas próprias particularidades, ela também é parte de uma rede de conexões com outros lugares, pois toda relação com profundidade contribui para a manutenção, restauração e formação de novos ambientes (RELPH, 1981). Esse par dialógico, diferente dos outros tópicos, tem em sua relação evidenciada através da complementaridade e não pela oposição. Portanto, cada lugar é ao mesmo tempo nó (particularidades) e rede (interação). Quanto mais lugares em rede, mais consolidados são os elos de ligação, pois para que haja uma quebra nessa relação de pertencimento, vários outros lugares podem ser afetados.

Bachelard (1958) em seu livro “*La Poétique de l’espace*” evidencia tais relações fenomenológicas ao salientar que

[...] os lugares em que experimentamos sonhar acordados se reconstituem em um novo devaneio, em que nossas lembranças de antigas moradas são revividas como abstrações, essas moradas do passado permanecem em nós por todos os tempos (BACHELARD, 1958, p.42, tradução nossa).

Os fluxos subjetivos que dão forma à rede de lugares são ativados constantemente em cada nova relação, na qual são revividas algumas lembranças já consolidadas, acrescentando às novas informações e vínculos experienciados.

e) Lugares como inspiração e expiração

Por evidenciar a realidade vivida, os vínculos construídos com os lugares são passíveis a tensionamentos, crises como qualquer outra tipo de relação humana, A diferença é que essa relação sobrevive aos impactos cotidianos, e ainda se mantém viva na memória, mesmo que o subjetivo não tenha mais contato com o lugar, pois a lembrança permanece presente em suas vivências.

Tuan (1983), ao descrever “*o lugar como pausa no movimento*”, transmitiu uma ideia de que todos os lugares estabeleciam vínculos tão intensos com os indivíduos, que não tinham abertura para nenhum tipo de turbulência e, portanto, livre de qualquer interferência externa ou de novas relações que pudessem modificar o que já estava estabelecido. Segundo Relph (1996) esse tipo de relação expressa o sentimento mais forte da experiência com o lugar, chamado por ele de insídia existencial - uma situação de imersão profunda com o lugar, e que pode ser experienciada principalmente através de vínculos construídos com o lar e, portanto, não expressa condição fundamental sobre o conceito de lugar.

Buttimer (1980), não satisfeita com as definições que evocam apenas sentimentos profundos e imutáveis dos lugares, estabelece um diálogo através de dois movimentos recíprocos como o inspirar e o expirar. Esse tipo de conceituação teoriza as relações através do momento em que elas são vivenciadas, portanto, o lugar pode ser ao mesmo tempo limpeza ou criação, segurança ou aventura, tristeza ou alegria, pausa ou movimento, aproximando o conceito às relações vivenciadas no cotidiano. Esse modo de relação permite, segundo Rose (1993), evidenciar desigualdades nos modos de existência entre os diferentes corpos.

As cinco relações aqui retratadas correspondem à estudos, sistematização e ideias de diferentes autores, a respeito do conceito de lugar. Entendemos que lugar se trata de um conceito complexo, que não pode ser definido apenas sob a concepção de um autor, mas sim a partir de análises que se complementam de maneiras a explicar fenômenos que serão abordados mais adiante.

Conte-me sobre sua vida?

Foi com essa pergunta deste tópico que, depois de conhecer os sujeitos, eu iniciava as entrevistas. Os deixei livres para falar o que quisessem com um tempo previamente estimado de 40 minutos, se entendendo um pouco mais ou não, dependendo de cada entrevista e do comportamento de cada sujeito.

As entrevistas aconteceram em um ambiente no qual cada indivíduo se sentisse confortável, para que o diálogo ocorresse com uma maior naturalidade. Depois das entrevistas, eu escutava cuidadosamente os depoimentos e nos próximos encontros ia direcionando um pouco mais as conversas, dando mais enfoque para alguns relatos. As entrevistas só se finalizavam a partir do momento em que eu, enquanto pesquisador, julgava ter conseguido a quantidade de dados relevantes para contar suas histórias de vida.

A escolha da história oral do tipo história de vida enfatizou o que buscamos neste trabalho, que foi evidenciar as trajetórias sem seguir blocos temáticos pré-determinados pelo pesquisador, portanto, não se enquadrando na história oral do tipo temática (ALBERTI, 2004)

Lisboa e Gonçalves (2007), a partir dos principais autores que discutem a temática da história oral, sistematizaram setes regras a serem seguidas no procedimento metodológico para conferir um caráter científico para os dados apresentados, no qual foram cumpridos de forma rigorosamente na realização das entrevistas. São eles:

a) *Primazia epistemológica*: definição clara do projeto como teoria, objetivos, problemática e metodologias que devem ser a “bússola” que orienta as análises. b) *Vigilância epistemológica*: clareza e o maior controle possível na relação com os sujeitos, sabendo o real objetivo da entrevista, que parte do senso comum, tendo como resultado final o discurso científico. c) *Consciência e não-consciência*: as informações das entrevistas devem ser realizadas até extrapolar todos os conteúdos propostos, sentidos e significados expressos conscientemente. d) *Objetividade e subjetividade*: a existência de uma dualidade subjetividade e objetivo presente em

todas as falas. *e) Singularidade e totalidade*: a reconstrução de uma singularidade dentro de uma totalidade social, cultural e espacial das vivências dos sujeitos. *f) Compreensão na perspectiva hermenêutica*: vivência – expressão – compreensão visando aprender e explicar o sentido que as pessoas e grupos atribuem à sua ação. *g) Historicidade*: um trabalho conjunto do pesquisador e dos entrevistados para a reconstrução do passado (LISBOA, GONÇALVES 2007).

Após as realizações de entrevistas e coletas dos dados, a sistematização do trabalho ocorreu através da leitura flutuante, como nos ensina Appolinário (2006), a partir da qual se evidencia uma menor estruturação no momento da leitura, a fim de decodificar as falas nas retomadas ou trocas de temas. Todos esses processos foram necessários pela descontinuidade do modo de pensar, a partir do qual acontecimentos são selecionados no processo temporal, não seguindo a linearidade do passado ao presente. É como um quebra-cabeça, com recortes de histórias espaço-temporais que, ao final das entrevistas, precisam dar sentido e significado aos relatos dos sujeitos. O autor supracitado salienta que essa obra valiosa em nossas mãos - a vida, faz de cada sujeito único e singular (ALBERTI, 2003).

Após todo o tratamento metodológico das histórias orais do tipo história de vida, avançamos para a segunda etapa do trabalho: a produção de mapas qualitativos que evidenciam as vivências dos sujeitos com cegueira, priorizando a categoria lugar pelos maiores laços de pertencimento.

Sabemos da dificuldade de produzir mapas, principalmente a partir de histórias orais, mas cabe ressaltar que toda história tem espaço e, portanto, é passível de cartografia. Contudo, não adotaremos a visão cartesiana, no qual considera como mapas somente quando há a presença de métrica, escala, grades, ou seja, uma base matemática por trás deste processo.

Por ser um mapa autoral, vimos a necessidade de esboçar um detalhamento da sua produção para facilitar a diversa compreensão dos detalhes apresentados. Observe na figura 1 que há uma linha temporal, que está no encostado diretamente ao mapa, a linha temporal destaca em preto e centralizada no meio da área urbana do mapa, começa no ano de nascimento de cada sujeito. Assim, temos um menor detalhamento da infância e um maior detalhamento conforme o passado vai se aproximando do presente.

Além da linha temporal, há três barras vermelhas com um círculo em sua base, sendo que uma está encostada ao contorno da malha urbana (sem a presença de uma sombra). Isto indica que o lugar começa no ano zero de vida do sujeito, sendo a casa como seu primeiro espaço de relação

e de pertencimento. As outras barras não estão encostadas justamente ao mapa, por não começaram no ano zero de vida, mas sim de acordo com os diferentes tempos de vivência em cada lugar (Repare que o indivíduo muda de casa no ano de 1979 e, posteriormente, no ano de 1981). As sombras encontradas na malha urbana, portanto, indicam a posição espacial dos lugares; e a barra que se eleva, indica o tempo de vivência em cada localidade.

Esses pontos estão dentro da malha urbana do município de São Paulo, a cada um centímetro corresponde a 6,5 km. No total foram feitos três mapas que compõem as nossas análises. Dois com cegueira congênita e os outros dois com cegueira adquirida.

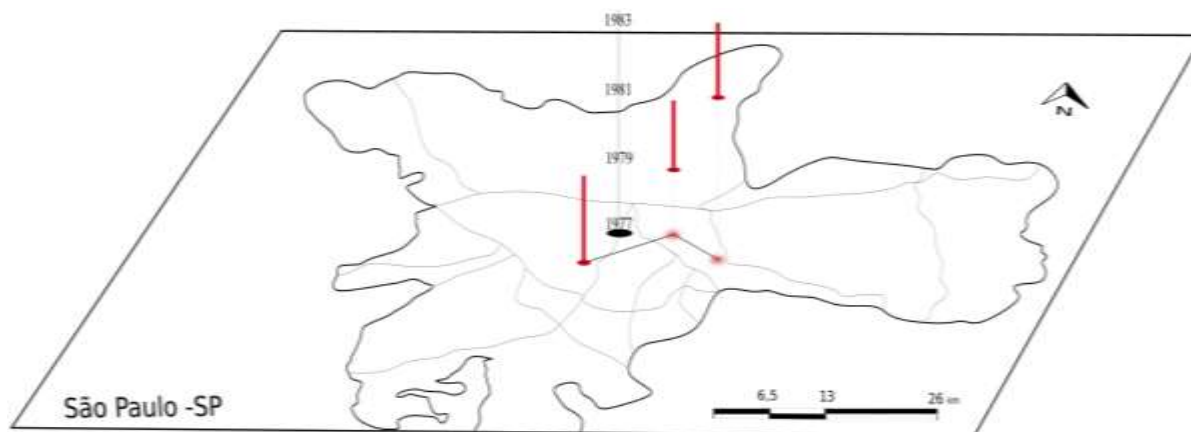


Figura 2 – Exemplificação dos mapas sobre as trajetórias de vida de sujeitos com cegueira.

Org: autor, 2020.

Vivência, Resistência e Ressignificação dos sujeitos cegos

Como o objetivo deste capítulo é identificar a história de vida dos sujeitos, eles serão apresentados primeiramente através de suas histórias e marcas para avançarmos nos próximos capítulos para o entendimento da cegueira no tempo presente. Conforme acordado com o comitê de ética em pesquisa os nomes foram alterados para evitar o reconhecimento destes e possíveis constrangimentos, já que há relatos fortes e pessoais.

A garota Dinamarquesa

O nome garota dinamarquesa foi dado a partir do nome de uma obra literária de David Ebershoff que conta a história do primeiro homem a se submeter a uma cirurgia de mudança de sexo e suas dificuldades enfrentadas a partir desta escolha. A garota dinamarquesa nasceu como Einar Mogens Wegener e, posteriormente à cirurgia, adotou Lili Elbe como nome oficial. História essa, com aspectos semelhantes vivida pela sujeita da pesquisa.

A entrevistada nasceu na cidade de São Paulo onde viveu até seus seis/sete anos de idade e se mudou para cidade de Presidente Prudente – SP. Contudo antes da mudança de cidade, a família da garota dinamarquesa se mudou de casa quatro vezes, e declara que foi na sua infância os únicos locais de relação de pertencimento eram os locais onde morava. Pela idade não saía sozinha e odiava ir para a escola.

Então (risada) eu morei em várias casas, neste período, meu pai me falou que eu nasci bem no centro, em frente ao elevador, ao minhocão, daí depois eu fui lá pra zona leste, a gente morou no Belém, no carrão (bairros de SP). A gente saiu de São Paulo. Depois fui pra Rio Preto, morei dois anos em Rio Preto aí depois vim pra Prudente (Garota Dinamarquesa).

Ela se mudou para Presidente Prudente/SP depois que a sua mãe abandonou a família para viver com outra pessoa, deixando seu pai com três filhos pequenos para cuidar. Nesta idade a garota dinamarquesa declarou que ainda não se importava com sua masculinidade e que se enxergava consideravelmente bem. A escolha por Presidente Prudente-SP se deu pela família de seu pai residir na cidade, o qual não sentiu confiança de cuidar de três filhos sozinhos em São Paulo.

Em Presidente Prudente - SP passou a morar com a avó e seu avô, com quem crescera junto durante o final da sua infância até o final de sua adolescência. Frequentou escolas públicas que também não gostava de ir. Preferia ir até o clube da cidade chamado APEA (Associação Prudentina de Esportes Aquáticos).

A garota dinamarquesa, ainda se declarando com gênero do sexo masculino, relata que frequentava a escola, mas frequentemente estava na diretoria, brigava com muitas pessoas, fazia partes de gangues, e fazia armas como soco inglês - “*coquetel molotofê*”, para lançar na escola e em seu bairro. Por este comportamento mudou várias vezes de colégio, mudou o turno da escola para noite, tentou fazer o terceiro colegial três vezes, mas desistiu da escola antes de se formar.

Nesse período a sua visão foi se deteriorando, relatado nas entrevistas aos 16 anos, o que contribuiu para seu comportamento agressivo em sala de aula e também por um comportamento mais intimista. Se divertia prioritariamente no seu bairro, e não frequentava bares nem festas com frequência. Segundo ela,

Não, eu nunca gostei de estudar não. Sempre tive facilidade de aprender as coisas, mas eu era da turma da bagunça, da briga, ia direto pra diretoria, sempre tinha alguém pra pegar na saída, alguém que ia me pegar (Garota Dinamarquesa).

No colégio eu fui bem até o fundamental. Depois eu fui pra um outro colégio, não me adaptei, fui pra outro colégio estudar a noite, daí fiz o primeiro colegial três vezes, ia só até o meio do ano, depois das férias eu não ia mais. Daí depois de três anos, aí depois desses três anos eu voltei a estudar. Daí eu terminei em 1999, tinha 21 anos (Garota Dinamarquesa).

Ainda nesse período da adolescência se mudou, juntamente com seus avós e seu pai, de uma casa alugada para uma casa própria muito próxima à localidade em que residia anteriormente, o que não afetou sua relação social com o bairro.

Aos vinte anos resolveu voltar a estudar, terminou o terceiro colegial para no ano posterior entrar em uma universidade. Com sua visão cada vez pior por uma patologia degenerativa da retina, raramente ela conseguia enxergar no período noturno. Sua opção foi a de estudar durante o dia no Centro Universitário Toledo.

Durante o período em que esteve na universidade (inferior a um ano), ela relata seu apreço ao espaço que frequentara, a qual abriu as portas para o seu problema da visão, além de ter feitos vários amigos.

A garota dinamarquesa desistiu da Universidade por não ter passado em algumas matérias e pelo alto custo da mensalidade. Diante de todos esses acontecimentos, decidiu morar em São Paulo, na casa de um tio, mesmo com sua visão ficando bastante comprometida. Foi novamente residindo em São Paulo que a sua vida teve grandes mudanças e transformações.

Em São Paulo, morando na casa de seu tio, que a Garota Dinamarquesa encontrou duas instituições: Adorino Novil e Lara Mara, que auxiliam pessoas com limitação visual. De acordo com seu relato,

O Apartamento era grande, tinha 200 metros, era gigante, eu tinha um quartão pra mim gigantesco, tinha tudo, teve por assinatura, uma tevezona, computador, tinha de tudo. Eu tinha conforto, era 30 metros do Marechal, então se eu andasse por qualquer lugar da cidade, se eu encontrasse uma estação de metrô eu tava em casa, eu sabia. Então foram

essas comodidades que me fizeram aguentar muita coisa em relação a meu tio, porque se fosse pra eu me bancar (Garota Dinamarquesa).

Foi neste local que comprou sua primeira bengala que auxilia as pessoas cegas a deslocar pela cidade. Também foi com a ajuda desta instituição que conseguiu encontrar um emprego em São Paulo. Segundo relatos da entrevista ela só conseguiu emprego na cidade de São Paulo pela quantidade de empresas que existem, as quais possuem uma determinada cota para contratação de pessoas com algum tipo de limitação que elas devem cumprir. Nas palavras da entrevistada:

Daí eu fui no Lara Mara, porque eles encaminhavam para as empresas, porque lá em São Paulo é muito sério esse negócio da cota, entende, tem muita empresa muito grande, tem muita vaga pra deficiente, porque lá é muito sério (Garota Dinamarquesa).

No mesmo dia, ele me ligou e falou que tinha conseguido uma vaga de emprego e com o valor eu conseguiria pagar a outra parte. Eita pega!! Trabalhar, daí eu falei demorou, não titubiei, daí eles me contrataram, era meio período, era uma administradora hospital, chamava pro saúde, eu era arquivista do departamento pessoal, caixas e caixas, era meio período (Garota Dinamarquesa).

Além de empregos, as instituições assistencialistas oferecem cursos que a capacitaram para realizar funções básicas do dia-a-dia. Após a mudança para a cidade de São Paulo, as instituições, segundo ela, foram os lugares de maior importância para que ela conseguisse uma mudança de vida, no qual sente muito carinho e relata ter muita importância na conquista de sua independência. A garota Dinamarquesa fez cursinho da Poli em São Paulo, mas não conseguiu continuar, começou a fazer cursos em uma Faculdade (inferior a um ano) através de cotas e pelo dono ser cego.

Foram várias mudanças de emprego pela instabilidade emocional, mas embora com tantas mudanças, a entrevistada falou que as empresas sempre a trataram a com respeito. Nessas empresas fez grandes amizades, lugares que a possibilitaram criar afetividade ao ambiente. Neste período ela ainda tentou entrar na universidade, mas desistiu duas vezes.

A instabilidade emocional não era mais pela grande dificuldade em enxergar, mas por um começo de transição de gênero. Ainda como homem, a Garota Dinamarquesa passou a colocar algumas roupas de mulher para ir trabalhar e a querer vestir-se como mulher. Tamanha instabilidade, levou a fazer uso de drogas mais frequentes, como cocaína e maconha, principalmente no emprego, o que a levava sempre à sua demissão. Mas isso não era uma

preocupação, pois segundo seus relatos, era relativamente fácil conseguir um emprego na Cidade de São Paulo. Dessa forma, nas palavras dela,

Nesta fase, eu comecei a ir trabalhar com umas roupas femininas, foi a primeira vez que eu dei uma surtada, foi em 2004, porque o que aconteceu, quando eu aprendi a mexer no computador, eu comecei a fuçar na internet, eu comecei a ver história de meninas trans, então isto é possível e começou uma sementinha na minha cabeça, daí eu fiquei um tempo trabalhando e fazendo a faculdade, lidando com essa coisa da sexualidade e perda progressiva da visão (Garota Dinamarquesa).

Neste período em que viveu em São Paulo teve a oportunidade de reencontrar amigos de Presidente Prudente- SP, os quais frequentou, muitas vezes, e ainda frequenta nos dias atuais quando vai a São Paulo – SP. Segundo seus relatos, seus amigos a ajudaram muito durante o período de transição de Gênero.

Em 2012, pela mudança de gênero, seu tio a expulsou de casa por não aceitar sua condição. Um lugar que acolheu por muito tempo, o qual ela não podia mais entrar. O rompimento de relação social não interferiu nas lembranças e sentimentos bons que ela cultivava por esse período em que ela morou com seu tio em São Paulo.

Na falta de uma residência, entrou em contato com sua mãe com quem ela não falava há muito tempo e não tinha boas lembranças pelo abandono e pelos relatos de brigas e até espancamento. Desesperada, ela entrou em contato para pedir auxílio de um lugar para ficar. Sua mãe a acolheu, mas logo brigaram, segundo seus relatos, muito pelos sentimentos de quando era criança e novamente foi expulsa de casa.

Esse período foi o de maior dificuldade na sua vida. Não tinha um lugar para chamar de seu, sem possibilidades de voltar pra casa de seu tio ou de sua mãe. Seus antigos amigos de Presidente Prudente-SP a abrigaram, até ela conseguir um lugar onde morar. Foi perto do Ibirapuera que ela conseguiu uma residência onde moravam mais de 20 pessoas, passando a dividir quarto com três homens em um período de transição. Nas palavras dela:

Meu tio me mandou embora, daí eu fui morar na pensão, mas eu trabalhava na Rede car. Eu não tava muito feminino ainda, então as pensões de mulheres não me aceitavam. Ai foi nesta casa, casarão do paraíso, tinha sete quartos, meu quartos tinha dois, dai eu cheguei no quarto, peguei uma parte do guarda-roupa e coloquei um punhando de sapato de mulher (Garota Dinamarquesa).

Esse ambiente que passou com o tempo a se tornar seu novo lugar e foi fundamental de certa forma na sua recuperação. Apesar de morar com três rapazes, eles sempre foram respeitosos com ela durante o período de transição. Foi lá que ficou amiga de várias pessoas.

Vendo que as condições em São Paulo- SP não estavam boas, seu pai pediu para que ela voltasse à Presidente Prudente, que ele a acolheria com o todo amor possível. Assim, segundo ela,

Aí eu vim pra prudente, meu pai me recebeu superbem, meus irmãos também!!! Eu gostei muito de ficar aqui, daí fui a advogada e ela disse que eu poderia me aposentar, eu fiquei 18 meses sem receber, mais daí eu consegui me aposentar (Garota Dinamarquesa).

A garota dinamarquesa então voltou para a cidade de Presidente Prudente - SP e, posteriormente, fez a cirurgia de mudança para sexo o feminino em São Paulo- SP. Seu pai acompanhou todo esse processo, se deslocando de Presidente Prudente -SP juntamente com ela, várias e várias vezes. Posteriormente, com sua recuperação, ela começou a frequentar locais em Presidente Prudente -SP e se aproximou de coletivos que lutam como a lgbtfobia. Atualmente, sua visão está com cerca de cinco por cento, mas é algo que ela consegue lidar muito bem. Recentemente, voltou a estudar direito e hoje mora com seu pai na antiga casa que era dos seus avxs.

A construção com os lugares da garota dinamarquesa foi aumentando exponencialmente conforme o avanço da idade e aumento das relações sociais. Durante o período em que viveu em São Paulo na sua infância a Garota Dinamarquesa relata que não gostava de ir para a escola, apenas ficava em casa. Ao se mudar para Presidente Prudente-SP, rapidamente se ambientalizou com o bairro, no qual foi construído um lugar difuso. A partir da construção deste lugar outros foram sendo construídos, como a casa de amigos, atividades de lazer, dentre outros. A mudança de casa posteriormente não afetou suas relações, pois a nova residência era relativamente perto de onde ela morava.

Já em São Paulo-SP, suas relações de pertencimento, os lugares ficaram cada vez mais latentes e complexos, mesmo perdendo a visão gradativamente. Intuições, locais de trabalhos, casa de amigos, lazer foram as relações que mais apareceram neste período.

Com sua volta para Presidente Prudente-SP, por estar em processo de transformação sexual e já sem visão, novas relações passaram a ser feitas, baseadas principalmente pelo movimento ativista, no qual fez participar de várias intuições e atividade de lazer.

A produção cartográfica, representada abaixo visa compreender todas essas relações evidenciadas durante a entrevista. Podemos perceber, juntos, que durante a Infância da Garota Dinamarquesa, os principais vínculos afetivos estavam nas relações com a casa, com seu bairro, ainda insegura em desbravar o mundo, causada principalmente pela limitação visual, essa barreira foi quebrada com a ida para São Paulo em buscar essas experiências. O que antes era uma limitação, posteriormente virou uma possibilidade, com a conquista de uma autonomia, de ganhar seu próprio dinheiro, portanto, buscar seus novos valores para sua existência. Os problemas da cegueira, de certa maneira se dissolveram, ela aprendeu a conviver com suas dificuldades, o afloramento da transição gênero também contribuiu com isso, e por muito tempo foi os nós que não se dissolviam na sua vida.

Depois de intensas experiências, a Garota Dinamarquesa sentiu a necessidade de voltar para seu lar em Presidente Prudente para sentir novamente o carinho da sua família, mas principalmente de seu pai. Voltou para casa já com valores construídos e consolidados assumindo sua identidade em essência.

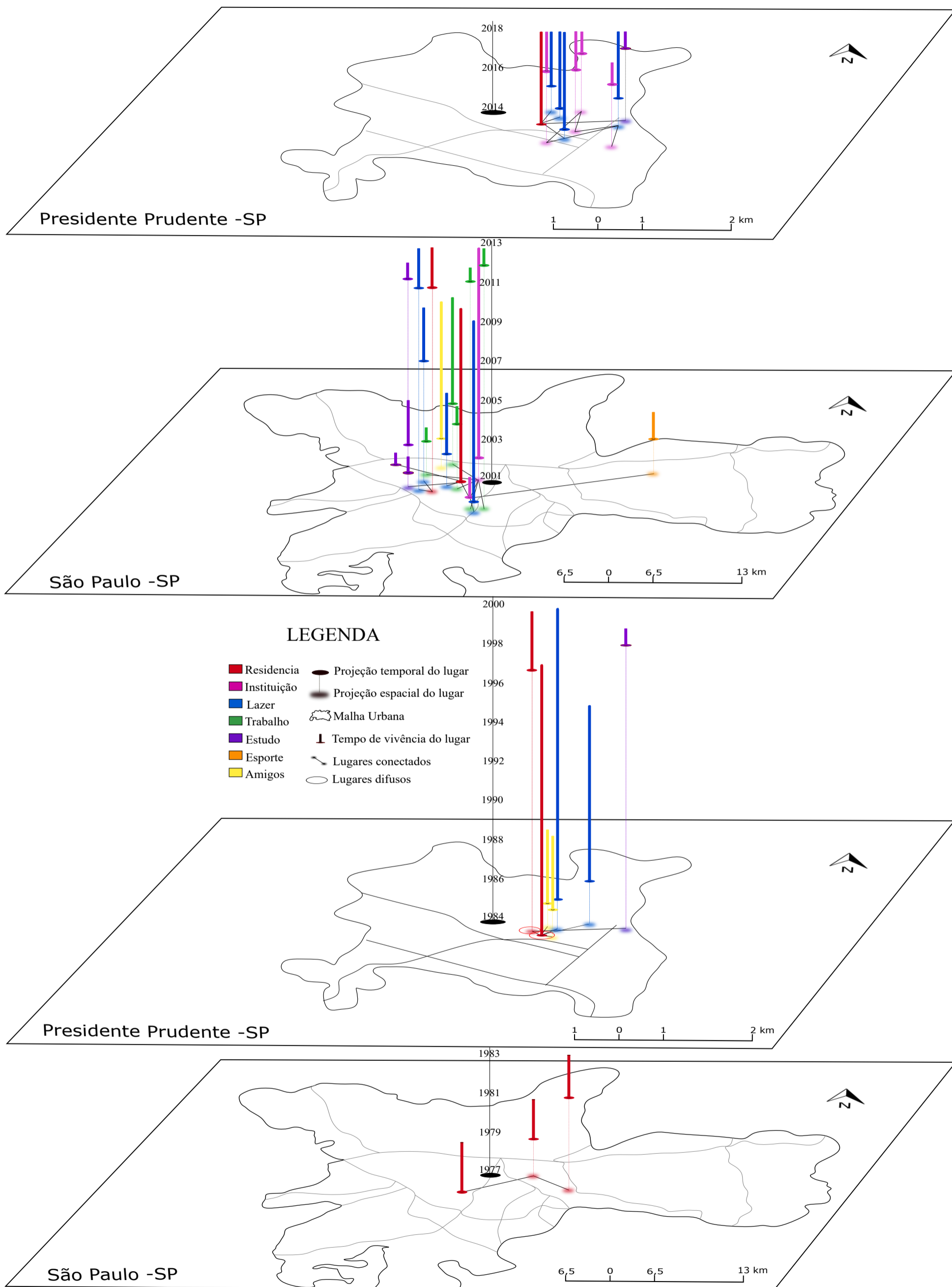


Figura 3- Trajetória de vida a partir do lugar - A garota Dinamarquesa
Elaboração: O autor (2020)

Dom quixote de la Mancha

Talvez o nome mais fácil de ser associado e diretamente ligado ao título do livro “*Dom quixote de la Mancha*”, a escolha do nome foi pelo caráter desbravador da vida, sempre recheadas de muitas histórias e amigos.

Dom Quixote nasceu em Estrela do Norte/SP, uma cidade localizada a aproximadamente 50 quilômetros de Presidente Prudente/SP. Cresceu sobre influências rurais, por viver em um sítio com seus pais, onde passou a maior parte de sua infância, mas também frequentava com bastante intensidade a área urbana de Estrela do Norte/SP e de Presidente Prudente/SP. Na cidade de Estrela do Norte frequentava a igreja central da cidade, onde ia aos domingos, por não ser uma malha urbana de grande extensão. Conhecia a maior parte da cidade, apesar de não ir com frequência, por viver no sítio com sua família e ter passado grande parte do seu tempo na cidade de Presidente Prudente -SP.

Foi em Presidente Prudente - SP que estudou até o primeiro ano do ensino médio até 2000. Apesar de ter uma boa relação com a escola e gostar de estudar, Dom quixote relata que sofria *bullying* por ser acima do peso. Segundo seus relatos, com oito anos já tinha uma massa equivalente a 80 quilos, passando a desenvolver diabetes tipo 2. Estudou em diferentes escolas, colégios e escolas públicas. Segundo ele,

Não.... Não sofria bullying na infância por ser gay, essa questão veio depois de mais velho. Mas primeiro, o primeiro foi por conta de ser gordo (Dom Quixote de La Mancha)

Além de frequentar a escola, outro fator relacional na cidade era visitar com bastante frequência a casa de sua vó e de sua tia, além de fazer, por um ano, natação na Associação Prudentina de Esportes (APEA), onde estabeleceu relações. Mas a vergonha o impediu de continuar. Por fazer o trajeto de cerca de 50 quilômetros diariamente fez uma primeira tentativa de morar com sua vó na cidade de Presidente Prudente -SP, no primeiro ano do ensino médio. Apesar de maior conforto de morar na cidade e gostar de ficar neste local, por excessos de discussões com sua avó, resolveu morar novamente no sítio em Estrela do Norte/SP. Nas palavras do entrevistado,

Por que eu tava me descobrindo, e minha vó era um pé no saco... E minha vó como ela já era de idade, pessoas de idade tem hábitos muitos... Muito concretos, muito consolidados né. Então não dá pra ficar discutindo, e a gente batia muito de frente. E você acha que eu moro hoje com minha avó por que? Porque eu to cego! Se eu tivesse a visão acho que eu não daria conta de morar não (Dom Quixote de La Mancha).

Já novamente na casa de seus pais, por terminar o segundo e terceiro ano do ensino médio e trabalhar nesse tempo no açougue de sua família, a qual via constante o abate de alguns animais como algo cultural da sua infância. Assim,

Aí voltei pra estrela, lembra que falei? Então é. Eu fiquei um ano, primeiro ano, foi quando eu tinha 15, 16 anos no Sarrion (Escola estadual em Presidente Prudente/SP) na minha avó, aqui. Aí depois eu fui pra estrela (cidade – Estrela do Norte/SP), aí 2 anos eu concluí o ensino médio (Dom Quixote de La Mancha).

No ano de 2004, tentou novamente ir morar na casa de sua avó, onde reside até os dias atuais. Dom quixote nunca parou de estudar nesse meio tempo. Fez um ano de cursinho, prestou o vestibular para universidades públicas e privadas, passou em comunicação social, mas desistiu por falta de verba. Por ser uma pessoa extrovertida, sempre fazia muitas amizades por onde frequentava.

Entrou no curso de *design* de moda na Uniesp, onde ficou mais um ano e resolveu abandonar o curso por descobrir que ainda não era aquilo que procurava, sempre fazendo amizades pelo caminho.

Além dos estudos, trabalhou por um período e praticou Kung fu em uma academia durante um ano. Mas rapidamente teve que parar pelo avanço da diabetes e do desenvolvimento da catarata nos olhos, que começou a dificultar sua visão. Por não ter cuidado, em 2011 teve a perda total.

Posteriormente à perda da visão, passou a frequentar a Associação filantrópica de Proteção aos cegos, onde aprendeu como se adaptar à sua nova realidade e oportunidades de aprendizado do braile, dentre outras coisas. No ano de 2013 e 2014, mesmo estando cego, fez um curso de massoterapia até conseguir entrar em 2015 em uma instituição pública de ensino, onde estuda até os dias atuais.

Dentre os anos que vivera em Presidente Prudente /SP, por sua avó ter certos costumes que ele julga arcaicos, passou a viver grande parte do seu dia fora de casa, indo a muitos lugares públicos como praças e o Parque do Povo, por exemplo, principalmente para fumar com seus amigos. A ida para sua casa em Estrela do Norte-SP tem se dado com cada vez menos frequência,

aproximadamente duas vezes ao ano, bem diferente de sua infância, quando ia e voltava para sua casa em Estrela do Norte -SP, diariamente.

Por morar na zona rural do município de Estrela do Norte – SP, onde os limites das propriedades são mais permeáveis a travessias e passagens. Houve o estabelecimento de uma construção difusa com o lugar, as relações construídas na cidade foram em torno da igreja por onde brinca durante o horário da missa e gerou outro lugar difuso. Contudo, Presidente Prudente-SP foi o local escolhido por sua família para que ele estudasse, passando por diferentes escolas ao longo da sua formação, um fator predominante para esta escolha foi o fato da residência de sua vó e familiares serem em Presidente Prudente-SP.

Depois de finalizar o Ensino Médio e resolver se mudar definitivamente para Presidente Prudente-SP, Dom Quixote, aumentou exponencialmente os lugares de pertencimento, através de realização de cursos técnicos e universitário, novas amizades, novos lugares de lazer.

Ao analisar a história e sobrepormos ao mapa espaço-temporal de Dom quixote, percebemos que por ter sua residência quando ainda era criança em um ambiente Rural, seus limites sempre foram muitos difusos e permeáveis. Essa liberdade ganhou ainda mais conotação no contato com uma cidade pequena próximo ao lugar em que morara. Esses traços ainda são carregados até hoje na vivência da cidade, no qual para ele não tem limites. Sua explosão e constante buscar por novos lugares não é atrapalhada pela falta de visão. Diferentemente da Garota Dinamarquesa, que já tem sua aceitação onde vive, Dom Quixote vive na Rua e nos lugares que frequenta a sua plenitude e seus valores construídos.

Sem medo e com muita força de vontade ele sempre sinta a cidade como um todo e não como uma parte.

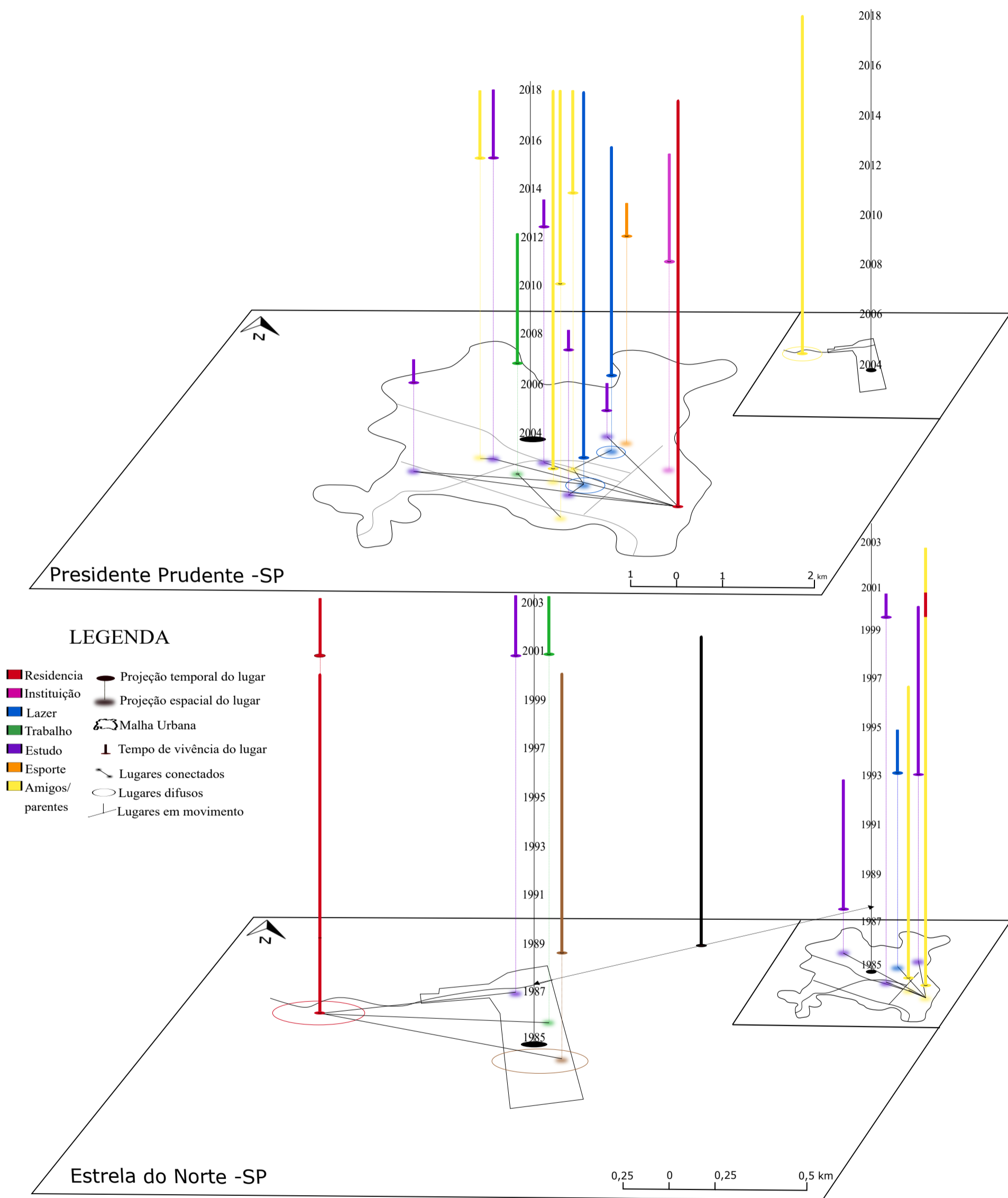


Figura 4 - Trajetória de vida a partir do lugar - Dom Quixote de la Mancha
 Elaboração: O autor (2020)

O evangelista

O nome foi dado, principalmente, pelas relações com a igreja evangélica, e pelo fato de que sua vida tem como premissa seguir os ideários protestantes. O forte papel da igreja em sua vida o faz ter posicionamentos contrários às relações entre pessoas do mesmo sexo ou mesmo fazer sexo antes do casamento. Ainda segundo ele, várias vezes se considera como O Servo de Deus.

Nosso maior contato, por um período de 8 dias juntos, foi em um Trabalho de Campo em uma disciplina em que eu fazia estágio docência e ele como um aluno de Graduação. Essa relação possibilitou uma maior interlocução entre ambos e os caminhos que foram sendo construídos em nossa trajetória de vida. Embora pelo longo período que passamos juntos, foi muito difícil saber de informações muito detalhadas, suas falas são curtas e geralmente negando ou perpassando as respostas sem muita convicção. Acredito que alguns fatores contribuíram para isso, como o nosso enorme distanciamento de valores sociais e culturais. Ele como sujeito, heterossexual, evangélico e eu cheio de tatuagens, sem religião predominante e homossexual. Apesar dessas enormes diferenças, conseguimos estabelecer uma relação saudável e cheia de brincadeiras.



Figura 5 e 6 – Diário de campo do autor

Fonte: Autor (2018)

O sujeito da pesquisa já nasceu com cegueira congênita na cidade de São Paulo - SP e se mudou para a cidade de Santo Anastácio-SP ainda muito pequeno. Sua mãe se separou quando era pequeno e seguiu morando com ela todos esses anos, com uma postura sempre protetora não deixando que ele participasse de tarefas diárias da casa como lavar, cozinhar e andar sozinho pela cidade. Essa superproteção acabou afetando suas relações sociais e espaciais. Os maiores vínculos afetivos construídos na cidade de Santo Anastácio - SP são as casas de parentes, a igreja e a praça da cidade que frequenta às vezes. Segundo ele,

Minha mãe me acompanha em praticamente em todas as atividades, só saio sozinho para ir ao ponto de casa para pegar o ônibus para ir para prudente [Presidente Prudente-SP], isso desde de São Paulo quando eu precisava ir para o Adorino Novil [associação para pessoas cegas] e para os lugares onde eu fazia as consultas (O evangelista).

Ainda morando em Santo Anastácio- SP começou a frequentar a Associação de Proteção aos cegos, onde ficou por um grande período da sua vida e auxiliou no desenvolvimento de diversas atividades para capacitação e empoderamento. Foi nesse lugar que ele adquiriu sua primeira bengala para pessoas cegas. Nas palavras do entrevistado,

Eu frequentei a associação por dez anos, eu gostava muito de lá... aprendi muita coisa. A psicóloga me ajudou bastante, porque eu falava da minha vida e ela me dava alguns conselhos (O evangelista).

Posteriormente ao término do ensino médio, foi tendo maior liberdade principalmente para estudar, começou então a fazer diversos cursos na cidade de Presidente Prudente/SP durante muitos anos, nas primeiras vezes o evangelista comenta que sempre tinha alguém para acompanhá-lo mais depois que aprendia o caminho realiza todo o trajeto sozinho. Esses cursos foram importantes para sua independência e hoje são os principais motivos da sua liberdade em relação a sua mãe. Além do estudo, estar na igreja o possibilita realizar diversas viagens para outras cidades e estados sempre com a finalidade de propagar o ideário evangelista. Segundo ele,

ixi... já viajei em muitas cidades, a maioria pela igreja né, tem muita interação, digo assim... viagem grande, né! Tirando prudente [Presidente Prudente – SP] e Bernades [Presidente Bernades –SP] que visito de vez em quando meus parentes. Ah! e agora na geografia com os trabalhos de campos, igual eu fiz no segundo ano e agora esse que to fazendo com você [pesquisador] (o evangelista).

Nos últimos anos conseguiu entrar em uma universidade pública, a qual vem frequentando desde então, raramente falta nas aulas e participa das atividades como trabalhos de campos e muito feliz com a possibilidade de estudar em uma universidade pública.

As relações construídas com o lugar foram primeiramente construídas na cidade de São Paulo/SP através da residência e das associações para pessoas com cegueira, uma vez que já nascera cego. Com sua mudança para a cidade de Santo Anastácio as relações predominantes além de sua residência são as atividades de lazer e ida à igreja evangélica, raramente visita a casa de alguns parentes. Presidente Prudente- SP tornou uma cidade importante para ele, pois foi um novo desafio para poder estudar, praticar esportes como natação, frequentar associação para pessoas cegas.

Por sua limitação visual, ser presente desde o nascimento, suas relações foram se estabelecendo de maneira mais lenta a medida a medidas que suas desconfianças com os lugares eram dissolvidas, o que fez com tivesse poucos lugares de relações de pertencimento. Os lugares construídos permanecem como estruturantes na sua até hoje em sua vida. Ainda permanece morando com a mãe, frequentando a mesma igreja, a mesma praça. O que sofreu maiores mutações foram os ambientes em que estudou, uma maneira de sentir importante e o qual conecta com diferentes realidades.

LEGENDA

- Residência
- Instituição
- Lazer
- Trabalho
- Estudo
- Esporte
- Amigos
- Projeção temporal do lugar
- Projeção espacial do lugar
- Malha Urbana
- Tempo de vivência do lugar
- Lugares conectados
- Lugares difusos
- Lugares em movimento

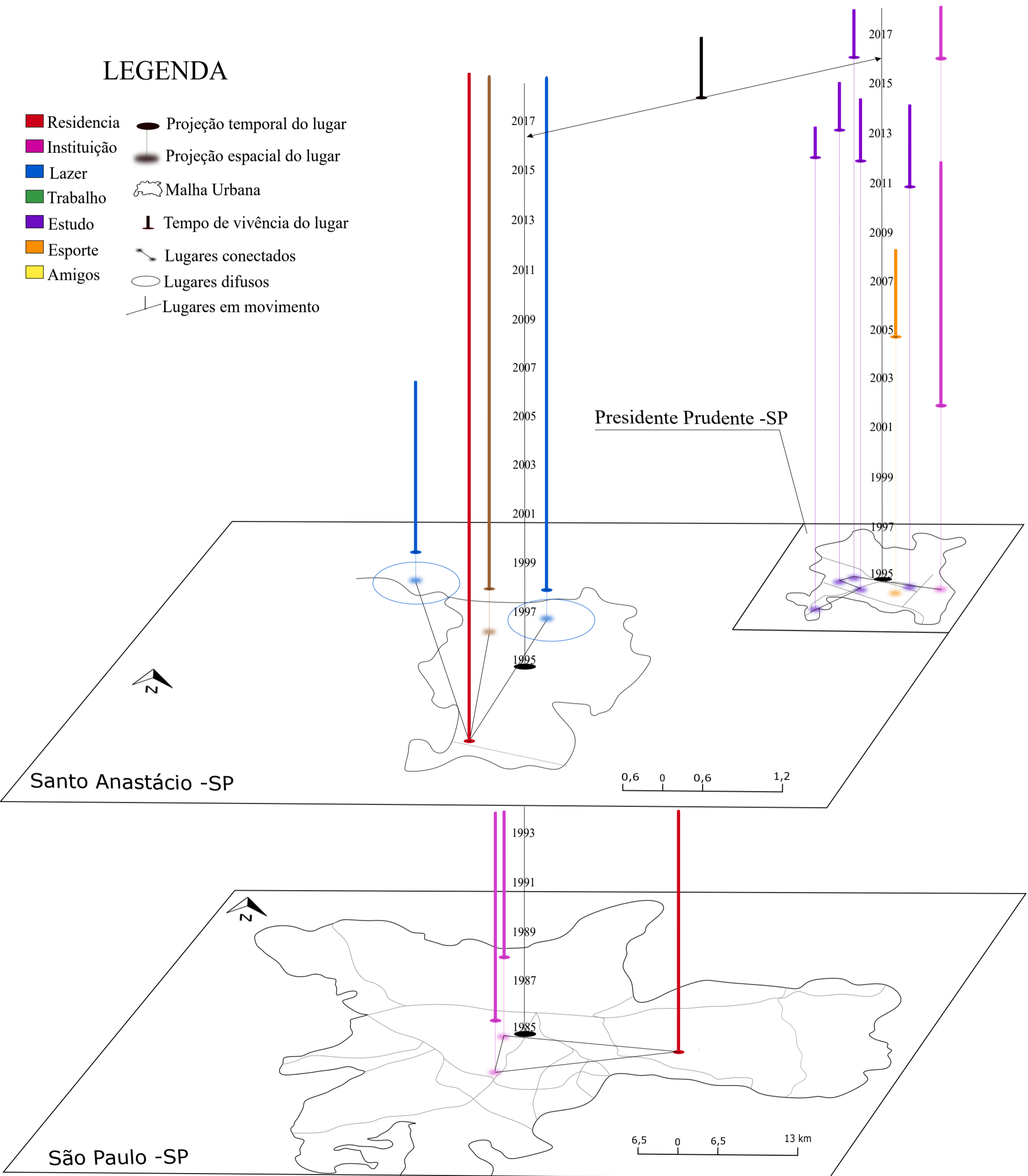


Figura 5 - Trajetória de vida a partir do lugar - O Evangelista
 Elaboração: O autor

2.

A VIDA NO COTIDIANO



Figura 8. Linha de pensamento desenvolvida para o capítulo 2
Org: O autor (2019)

Caixa de dialogo II

O EU E O OUTRO NA SOCIEDADE

Este capítulo tem a intenção de evidenciar as manifestações espaciais dos sujeitos que compõem a pesquisa - “*as marcas do corpo*” através das interseccionalidades e cursos de vida. As vivências espaciais destes sujeitos estão intimamente imbricadas com o modo de vida social e sua reprodução espacial, mas também tencionando através de lutas, sejam elas em qualquer escala, não apenas nos locais e lugares, mas também ao se movimentarem pela cidade.

Os papéis de gênero, limitações biológicas, classes sociais e étnicas são (re) significados pela sociedade prevalecendo os papéis de empobrecimento e desvalorização daqueles que não são homens heterossexuais brancos e sem limitações patológicas aparentes. Por isto, é necessária uma compreensão da interseccionalidade destes sujeitos e seus cursos de vida para que possamos pensar políticas de enfrentamento para todos aqueles que de alguma forma sofrem preconceito da sociedade.

Os caminhos metodológicos adotados neste capítulo foram os mais complexos da dissertação e suas diferentes práticas foram cuidadosamente descritas para que possam auxiliar trabalhos futuros e críticas construtivas referentes aos processos empregados. Foram escolhidas a observação participante e a entrevista com roteiro semiestruturado como aportes qualitativos para o entendimento da realidade na vida cotidiana, além da realização de dois diferentes tipos de mapas, elucidando os pontos fixos e movimentos dos sujeitos na apropriação do espaço urbano.

Esta seção tem um diálogo muito sincero com o último capítulo da dissertação. Apesar de serem construídos a partir de métodos diferentes, eles se complementam em suas análises. A divisão foi realizada porque o foco que estou propondo aqui está direcionado para a subjetividade, diferentemente, do quarto capítulo, que está baseado na determinação social dessas vidas. A complementaridade expressa que os métodos nem sempre são antagônicos nas análises dos dados.

Processos e práticas no entendimento da realidade

Observação participante

As observações participantes foram baseadas no excelente livro de Kathleen M. DeWalt and Billie R. DeWalt escrita no ano de 2002 com o título “*Participant observation: a guide for fieldworkers*”. O seu diferencial está em mostrar diferentes modos que se pode realizar uma pesquisa etnográfica, com exemplos bastante explicativos e, atitudes e consequências tomadas a partir dos caminhos empregados por diferentes pesquisadores. Essa experiência prática vai além de uma linguagem apenas sobre a teorização do como fazer e serviu como um grande auxílio na tomada das minhas próprias escolhas durante a realização do procedimento.

É necessária ainda salientar que todas observações aqui descritas estão dentro de parâmetros legais acordados com o comitê de ética em pesquisa, fundamento este, extremamente importante para o resguardo tanto do pesquisador em ações que podem colocá-lo em risco quanto aos sujeitos que participaram do processo.

Vivenciar a experiência de ser um estranho em um novo meio social e espacial não uma, não duas, mas três vezes durante a realização da observação participante, foi uma tarefa desafiadora enquanto pesquisador. Os sentidos ficam em alerta e as observações ganham uma conotação muito mais técnica nas análises do cotidiano, como as vestimentas usadas, ritmos de fala, grau de formalidade. Esses procedimentos mais detalhados são necessários em um primeiro momento para estabelecermos o grau de interação com cada sujeito (DeWalt e DeWalt, 2011).

É dessa maneira que DeWalt e DeWalt (2001) salientam como é entrada de um pesquisador no meio social para a coleta de dados a partir observações e participações das atividades diárias para captar aspectos explícitos da sua cultura e da sua vida.

A expressão “*aspectos explícitos*” significa entender até onde vão os limites dos saberes geográficos ou mesmo de outras ciências sociais, como a Antropologia e Sociologia. O foco do trabalho não está no entendimento das práticas veladas ou inconscientes, mas sim na maneira como cada indivíduo consegue se comunicar com o meio externo, seja com palavras ou gestos com relativa facilidade. Qualquer aspecto fora desse contexto deve-se utilizar a ajuda de profissionais especializados, como psicólogos por exemplo.

Por demandar um esforço não só do pesquisador, mas também dos sujeitos que compõem o trabalho, encontrar participantes dispostos foi algo que demandou tempo. Todavia, no momento em que passei a estudar o fenômeno da cegueira pareceu que tudo ao meu redor me aproximava da pesquisa, direcionar minhas percepções, observações e pensamentos. Isto me auxiliou a ter contatos com muitos sujeitos cegos e conseguir três pessoas dispostas a participar da pesquisa.

DeWalt e DeWalt (2001) entende que encontrar pessoas que estão no centro do debate, líderes de grupos, ativistas possibilita um maior enriquecimento do trabalho, à medida que esses indivíduos possuem uma maior realidade crítica dos papéis sociais e maiores possibilidades de compartilhar suas experiências.

A colaboração por parte dos sujeitos é de extrema importância, pois ao me deparar com observações participantes, percebi o quanto era complexo estudar a vida de outra pessoa, principalmente na transcrição de todas as informações para o papel a partir das vivências e percepção do mundo. Foram muitas observações, algumas planejadas e outras de surpresa, auxiliando que pudesse montar um “*quebra cabeça*”, a partir de fragmentos diários.

Isto foi um fato diferente para mim, pois quando fiz observação participante na minha pesquisa de graduação com crianças com Transtorno do Espectro Autista, apesar de sentir que a pesquisa entrava adentrando minha percepção de vida, era apenas no ambiente escolar que realizava meus estudos e quando deixava aquele local me desligava de certa forma com o que estava acontecendo.

O estilo de aproximação foi sendo estabelecido à medida que ia conhecendo as rotinas diárias e as concepções de mundo de cada um. Escolhi dois modos de fazer as observações participantes. O primeiro tipo de aproximação é um aprofundamento maior dentro da vida dos sujeitos. Quanto mais profundo você entra na vida de outra pessoa, mas você conhece a realidade do sujeito em menos tempo. Todavia, envolve uma maior capacidade psicológica de diferenciação daquilo que é ou não é o ato de pesquisar e um maior cuidado no momento do distanciamento, já que os laços estabelecidos são mais fortes.

A segunda aproximação que optei por realizar foi estabelecida com mais cautela. As relações e os laços foram se afirmando conforme o passar do tempo e, portanto, resulta em período maior para conseguir captar todas as informações que são necessárias. Comecei as minhas primeiras observações com os dois sujeitos com cegueira adquirida, a primeira em março e a segunda em agosto de 2018, de uma maneira mais lenta.

Contudo, como supracitado, a prática não foi exatamente como o planejado, pois no segundo semestre, período que já estava realizando uma observação, surgiu a oportunidade de um estágio docência no curso de Geografia, com a oportunidade de ser monitor de um aluno da Geografia com cegueira congênita e podê-lo acompanhá-lo em um trabalho de campo de oito dias para Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

A constante convivência no trabalho de campo fez com que eu tivesse um mergulho nas relações com este sujeito, que foram distanciadas posteriormente ao fim da disciplina. Contudo, apesar de haver um aprofundamento na sua vida cotidiana durante o trabalho de campo e conseguirmos obter uma relação muito amigável, entramos em grandes debates a respeito de política, gênero, sexualidade pelos diferentes modos de perceber o mundo.

No caso dos sujeitos com cegueira, as maiores coletadas de dados e aproximações com os sujeitos aconteceram principalmente através de viagens para São Paulo (dois dias) e Mato Grosso do Sul e Mato Grosso (oito dias), Santo Anastácio (um dia) e Estrela do Norte (um dia), na qual puderam dar uma panorama maior a respeito de suas percepções e dificuldades.

O pesquisador deve estar atento a aprender e experimentar as perspectivas que ocorrem no meio, pois é muito mais difícil examinar criticamente as suposições, crenças de pesquisa sem participação em todas as atividades, não apenas para compreender a perspectiva dos participantes, mas também sentir o ponto de vista do outro (DeWALT e DeWALT, 2011).

Nesses tipos de situações muitas pessoas sentem dúvida e podem ser colocadas em questão: existe um limite para determinadas práticas na observação participante? O pesquisador deve colocar seu ponto de vista e intervir em algumas situações que julgar perigosa?

Evidente que, por se tratar de um estudo altamente qualitativo, sua resposta também não é objetiva. Contudo, os autores DeWalt e DeWalt (2011) oferecem alguns elementos que auxiliam neste processo.

O pesquisador deve estar ciente que, ao escolher estudar um determinado tema, deve estar atento aos seus próprios valores ideológicos e culturais, pois entrar em outro meio social pode exigir alguns comportamentos não habituais. A relutância em participar de algumas atividades podem colocar o pesquisador à margem das relações, contudo deve sempre ser levado em conta o respeito aos aspectos legais. O não respeito às leis como participação do assalto, cometer um crime para se passar um preso para entender a relação de um penitenciária, uso de drogas ilícitas ou casos extremos de práticas sexuais de alto risco. Até onde ir com a pesquisa é sempre um critério de

cada pesquisador, mas deve estar atento às possíveis consequências (DeWALT & DeWALT, 2011).

Intervenções de alto grau devem ser consideradas com muito cuidado, analisando as relações culturais e as práticas habituais de diferentes corpos pois, em alguns relatos de pesquisadores houve comportamentos diferentes a partir de casos polêmicos. Alguns pesquisadorxs optaram por não denunciar casos de estupros, por exemplo, por este processo a partir de um relativismo cultural e, em outros casos, a solução encontrada foi intervir e até denunciar o caso para as autoridades. O argumento utilizado para esta opção foi que, ao observarmos, também somos coparticipantes da ação, como informantes, o que inclui o ativismo (DeWALT e DeWALT, 2011).

É importante novamente salientar que cada trabalho deve ser individualizado pelas circunstâncias, identidade étnica, classe, sexo, religião e *status* familiar e muitos outros fatores. Pesquisadores que trabalham em casos complexos podem optar ainda por outros tipos de procedimentos metodológicos, como apenas a observação - estudo de comportamentos que remove o pesquisador de participar dos atos, como gravação de comportamentos para posterior análises ou até mesmo observações de um espelho unidirecional (DeWALT e DeWALT, 2011).

Segundo os autores a combinação entre observação e pesquisa é um paradoxo de uma tensão criativa entre o objetivo da observação documentada e objetivo crítico, o que envolve mergulhar em uma cultura e a removê-la diariamente para poder intelectualizar o que foi observado (DeWALT e DeWALT, 2011).

Entrevista com roteiro semi-estruturado

A entrevista se destaca como outro elemento para o entendimento da vida cotidiana dos sujeitxs, preocupada como um caráter multidimensional através da apreensão de diferentes significados que ajudam na compreensão de mundo do entrevistado (TRIVIÑOS, 1987). Segundo o autor, para este tipo de abordagem também é um estudo que depende da colaboração de cada entrevistado, na qual *“falam o que quer falar”*.

Contudo, o pesquisador tem um papel fundamental na elaboração de questões coerentes e claras, levando em conta as particularidades de cada sujeitx entrevistado, para buscar uma

compreensão da sua totalidade. O roteiro semi-estruturado, neste caso, garante parcialmente uma orientação em pelo menos de parte da pesquisa, além de ser um elemento para o pesquisador se organizar no momento anterior à entrevista (TRIVIÑOS, 1987)

A pesquisa com roteiro semi-estruturado aconteceu, posteriormente, às observações participantes e à entrevista do tipo história oral (realizada conforme descrita no primeiro capítulo). Toda essa carga de material já coletado possibilitou um enriquecimento do pesquisador no momento da elaboração das perguntas.

Mansini (1989) ressalta que a entrevista com roteiro-semiestruturado não deve ser realizada considerando um indivíduo isolado, mas dentro de uma sua realidade social, cultural e espacial fazendo um bom uso de tecnologias, de preferência que não inibam a fala dos sujeitos. O gravador, segundo o autor, é ainda a ferramenta mais adequada neste caso, por ser compacto e quase que imperceptível. Isto possibilita a gravação em diferentes locais, como em ônibus (principalmente nas viagens em que passava horas conversando com os sujeitos). Para evitar o uso de filmagens, eu tirava muitas fotos dos locais da entrevista, seja no ônibus, casa dos sujeitos (com a devida autorização é claro), o que ajuda a lembrar o contexto da entrevista no momento da transcrição e análise dos dados.

Mapa dos locais fixos e das relações sociais

O primeiro mapa foi realizado com software Qgis 2.18.2 e trouxe em evidência quais são os locais mais frequentados pelos três sujeitos com cegueira em um período de uma semana, considerando-se o tempo de permanência em cada um dos ambientes frequentados. Os locais foram classificados em quatro grupos: Residência, Estudos, Lazer e Outros afazeres e excluído o período que os sujeitos passam dormindo (para evitar as disparidades exageradas entre o período na residência em comparação com outros lugares)

Ainda foram acrescentados no mapa o procedimento metodológico desenvolvido na dissertação de mestrado da Juliana Przybysz (2011), que classifica se os sujeitos estão no centro ou à margem das relações estabelecidas nesses ambientes.

Mapa dos deslocamentos diários

O segundo mapa teve como objetivo mostrar a mobilidade dos sujeitos em trajetos diários, elaborado a partir do Google Earth Pro e editado no InkScape 0.92.3, ambos com download gratuito. As etapas no Google Earth Pro foram desenhar o caminho percorrido pelos sujeitos em uma dimensão 3D na sua máxima deformação possível, escolha de melhor ângulo e escala para representação para, posteriormente, salvar a imagem e abri-lá no InkScape 0.92.3.

No inkScape 9.92.3 foi realizado o tratamento da imagem, desenhos na malha urbana sob uma perspectiva 3D e aplicação de sombra. Como utilizamos sempre o melhor ângulo das imagens em 3D, cada mapa tem um ponto cardinal diferente.



A) Imagem salva Google Eath Pro



B) Desenhos das ruas em 3D no InkScape 0.92.3



C) Exclusão da imagem, tratamento e aplicação de sombra

Figura 9 - Processo de elaboração do mapa dos deslocamentos
Org: o autor (2019)

As interseccionalidade com o espaço geográfico

A análise das interseccionalidades tem como objetivo destacar que a cegueira não é o único aspecto que modifica as relações com o espaço geográfico, pois assim como os sujeitos não são apenas indivíduos cegos e o corpo não é somente um atributo biológico. Há outros aspectos que engendram a vida desses cidadãos, carregando consigo diversas interseccionalidades que precisam ser evidenciadas e que causam assimetrias nas relações destes indivíduos.

Em toda ação, há consigo tensionamentos que geram geometrias de poder. A conjuntura social, cultural e espacial que estes sujeitos estão submetidos renega sua condição enquanto sujeitos participantes da vida pública, sofrendo visíveis ações constantes, pois o poder está contido no espaço em todos os níveis, e contém espacialidades pelo seu caráter relacional (PRZYBYSZ & J. SILVA, 2017).

Um corpo marcado pelas espacialidades da vida, faz dele um corpo como espaço, alterando e ressignificando seus cursos da vida cotidiana. É através destas relações e das interseccionalidades construídas no espaço que evidenciamos a cotidianidade de sujeitxs cegxs referentes a esta pesquisa.

Quadro 1 – Dados e Interseccionalidades dos sujeitxs da pesquisa

	Dom Quixote	A garota Dinamarquesa	O Evangelhista
Tipo de limitação	Cegueira adquirida	Cegueira adquirida	Cegueira congênita
Naturalidade	Estrela do Norte/SP	São Paulo/SP	São Paulo/SP
Idade	33	43	36
Cor	Branco	Branca	Pardo
Orientação Sexual	Homossexual	Heterossexual	Heterossexual

Gênero	Homem	Mulher Transsexual	Homem
Religião	Matrizes africanas	Não praticante	Evangélico
Escolaridade	Ensino superior incompleto	Ensino superior incompleto	Ensino superior incompleto
Renda Familiar	Até 4 salários mínimos	Até 3 salários mínimos	Até 3 salários mínimos
Principal Transporte	Transporte aplicativo	Transporte aplicativo	Ônibus
Residência	Presidente Prudente/SP	Presidente Prudente/SP	Santo Anastácio/SP
Residência adaptada	Não possui	Não possui	Não possui
Estado Civil	Solteiro	Solteira	Solteiro
Número de filhos	Não possui	Não possui	Não possui
Ano da limitação	2011	2015	Nascimento
Faz uso de TA*	Bengala para cegos	Bengala para cegos	Bengala para cegos
Plano de saúde	Não	Não	Não
Benefício seguridade social/aposentadoria	Sim	Sim	Sim
Possui aparelho telefônico	Sim	Sim	Sim (apenas ligações programadas)

*TA: tecnologia Assistiva

Fonte: Entrevista com roteiro semiestruturado

O autor (2018).

A tabela acima tem por objetivo evidenciar as diferenças entre os sujeitos, destacando suas individualidades, justamente pelos modos com que a sociedade privilegia alguns sujeitos e inferiorizam outros, seja por ideologias de comportamentos, modos de vida, opções religiosas, orientação sexual, cor de pele, tipos de patologia, nos causando intensos questionamentos a respeito de quem somos e o que nos tornamos através de práticas que têm sido naturalizadas ao longo do tempo. A naturalização da vida não leva em consideração os tensionamentos das práticas cotidianas e das interseccionalidades que os sujeitos estão inseridos.

Segundo J. Silva; Ornat e Chimin Junior (2017 p.13)

Criar um conhecimento descorporificado, neutro e universal foi uma fantasia importante para a manutenção das hegemonias, constituindo-se em uma fábula narrada e reproduzida constantemente. A ciência criou o mito da existência de um olhar que tudo vê, que tudo explica e que não pode ser visto, escapando assim a qualquer representação possível.

Ainda, segundo os autorxs, a Geografia latino-americana vem sofrendo pressões de diversidades étnicas, raciais, sexuais e de gênero, pois na história da Geografia, estas questões por muito tempo têm sido apagadas e naturalizadas como corpos homogêneos, ou seja, um corpo masculino, heterossexual e branco. Assim, Silva, Ornat e Chimin Júnior (2017) consideram de extrema importância estes temas para dar respostas e sustentar as novas gerações de geógrafxs.

Assim, deve-se desmistificar que os cientistas que se reconhecem em suas identidades sejam elas de gênero, sexuais, classe ou étnicas são gênios, pois, na verdade, são pessoas que apesar de todas suas dificuldades, invisibilidades de sua existência, se colocaram como um outro pensar geográfico, contestando o que está universalmente imposto na sociedade, ou seja de um conhecimento difundido como “*neutro*” (sob o ponto de vista das relações sociais), mas que na verdade carrega consigo uma concepção científica majoritariamente feitos por corpos masculino (SILVA; ORNAT; CHIMIN JÚNIOR, 2017, p. 13).

Rose (1993) destaca que, para as feministas, as rotinas cotidianas e os trajetos das mulheres nunca perdem a sua importância, porque acontecimentos aparentemente banais e triviais do dia-a-dia do cotidiano estão ligados às estruturas de poder que limitam e confinam as mulheres. Na nossa sociedade, na esfera que compõem o cotidiano, é o palco das relações que, segundo a autora, “[...] o patriarcado é (re) criado e contestado (ROSE, 1993, p. 32, traduções nossa)”.

Ressaltaria ainda que não apenas as mulheres, mas também grupos oprimidos ou corpos disformes que não se encaixam no padrão da sociedade também são alvos de opressão e merecem destaque na vivência da cotidianidade. Pois no caso dos cegos, por exemplo, suas limitações não habituais da espécie humana fazem com que suas dificuldades sejam enormes, pois sua vivência está pautada em um mundo que enxerga.

Em vista do exposto acima, fica evidente que o estudo dos cursos de vida destes sujeitos é fundamental para a Geografia, pois o espaço como palco de relações deixa marcas (sejam elas boas ou ruins). A relação do sujeito com local em que ele está inserido é dada por diferentes fatores e quando estas relações introjetam e se mesclam no psiquismo humano, produzem uma maneira única do indivíduo de se relacionar com o mundo (CORRÊA DA SILVA, 2000). Essas relações vão estabelecendo fluxos subjetivos e participam ativamente da construção de novos espaços e lugares.

Pensando nisto, através da entrevista com roteiro semi-estruturado e observações participantes, evidenciamos as interseccionalidades dos três sujeitos que participaram da pesquisa, pois, a partir dos procedimentos metodológicos, conseguimos identificar diferenças consubstanciadas, como o caso da Garota Dinamarquesa que teve sua vida completamente transformada pela opção de mudança de sexo.

A garota dinamarquesa fez todo o procedimento para mudança de sexo na cidade de São Paulo, apesar de já estar alocada Presidente Prudente-SP, morando com seu pai, que foi uma pessoa fundamental na sua vida pelo acolhimento durante todo o processo. Isso foi essencial na vida da garota dinamarquesa, pois sua mudança de gênero teve que ser rápida pelo seu estágio avançado de cegueira, para poder reconhecer seu novo órgão genital.

Após a sua recuperação, aos poucos ela assumiu papéis colocados como femininos em sua casa, pois morava apenas com seu pai, que também tem a visão muito debilitada por conta de um descolamento na retina nos dois olhos. Mesmo sem enxergar, passou a cuidar da casa, ir ao mercado, pagar contas que acabaram deixando ao centro das relações sociais em sua residência, onde todas as decisões tomadas são em virtude das suas escolhas. Muitas vezes ela deixa de ter um conforto ou momentos de lazer para cuidar da casa e os afazeres diários, que geralmente são empregados ao sexo feminino.

Muitos dos locais em que frequenta, atualmente, pela sua luta social e sua determinação, a colocam no centro das relações. Muitas pessoas querem conhecer a garota dinamarquesa, que é constantemente convidada para ir ao Sesc para dar palestra aos funcionários sobre transfobia, OAB (Ordem de Advogados no Brasil, Presidente Prudente /SP) e Centro Cultural Matarazzo. Sua condição de ser uma mulher cega e transexual a levaram a um “*status*” na sociedade de um ser estranho que, por conta da cegueira e do acolhimento do pai, teve sorte e serve como exemplo de determinação, como se a vida fosse apenas um jogo de sorte ou azar.

Nos relatos de suas entrevistas, esse caminho não foi linear. Várias vezes ela pensou em prostituição, caminho este muito seguido por travestis ou mulheres transexuais como única opção pela marginalização do seu corpo e do seu ser frente à sociedade, mas só não realizou pela dificuldade de não enxergar seus clientes. Sua opção, então, foi encontrar na luta seu caminho de sobrevivência.

A Garota Dinamarquesa relata que após sua transformação, sofreu uma maior marginalização pela cegueira do que pela mudança de gênero, pois nos dias atuais ela tem traços considerados femininos, o que causa as dúvidas nas pessoas, mas não a certeza. Outros lugares, por mais que a sua vida esteja bem resolvida, ela não se sente à vontade, como ir ao mercado e pedir ajuda para poder pegar os produtos, estar sempre com um funcionário da faculdade que frequenta para locomoção, pedir ajuda sempre a um(a) amigx ou algum meio de locomoção para andar na cidade como Uber, moto táxi. Pela condição de ser cega, a garota dinamarquesa conseguiu uma aposentadoria, que a permite viver com um mínimo de conforto. Contudo, como precisa pegar muitos meios de locomoção pagos, grande parte do dinheiro acaba se destinando a isto.

Ao assumir definitivamente o sexo feminino, a garota dinamarquesa acabou sendo vítima de restrições por autoridade que não se faz pela lei, mas pelo caráter ideológico que posiciona, o que é ser mulher em um mundo machista, com restrições patriarcais e da própria sociedade após sua transformação.

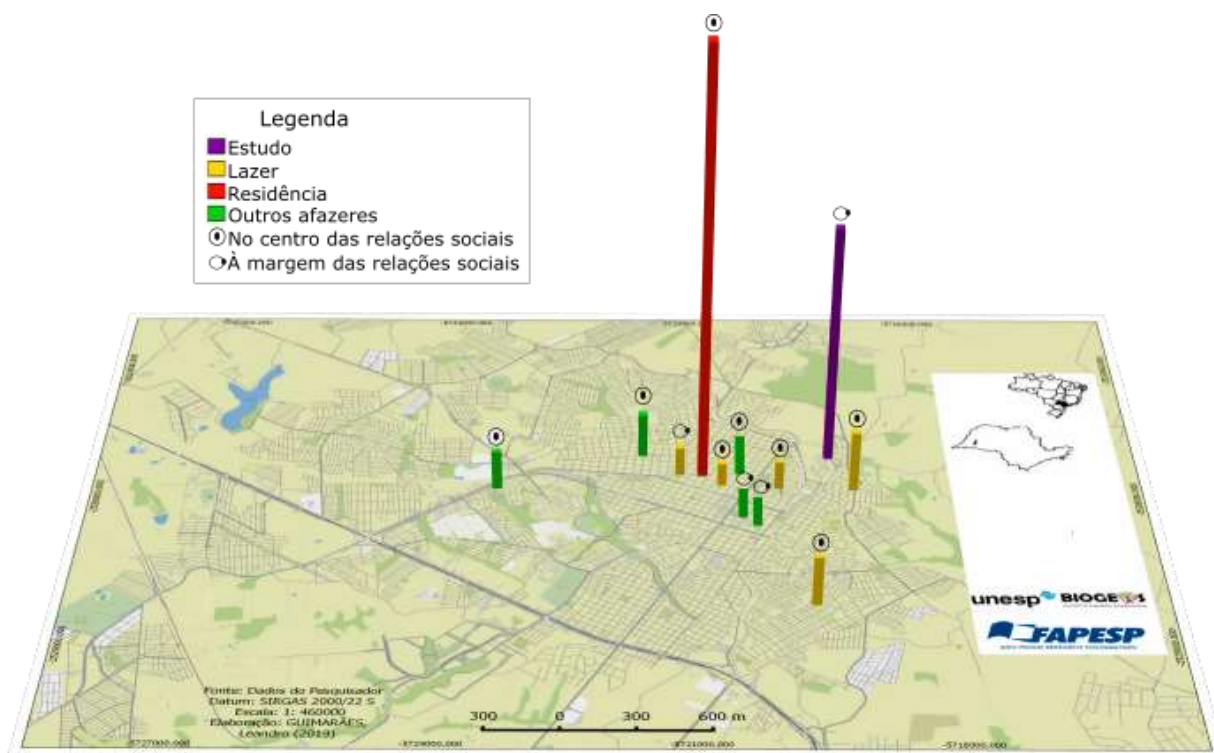


Figura 10 – Mapas com os locais de permanência nos lugares e relações sociais – A garota Dinamarquesa

Elaboração: O autor (2019)

Nesse mapa podemos ter uma dimensão espacial e temporal dos ambientes que a Garota Dinamarquesa, além do tempo de permanência. Podemos perceber uma grande variedade de locais na realização de diversas funções, mas uma permanência principal em dois locais: universidade (estudo) e na residência. Ela se sente à margem das relações sociais em ambientes como a universidade e no centro das relações no qual ela exerce um papel protagonista.

O caso de Dom Quixote é bem diferente do vivido pela Garota Dinamarquesa. Primeiro porque sua mudança para a casa de sua avó, na cidade de Presidente Prudente/SP, foi algo planejado, diferentemente dos relatos acima, que deixam essa evidente ter sido a única opção

encontrada pela Garota Dinamarquesa, após a expulsão da casa de seu tio e do fato de não conseguir emprego na cidade de São Paulo.

A mudança ocorreu, segundo relatos de Dom Quixote, pela dificuldade de estudar em outra cidade, principalmente pela dificuldade de locomoção para o estudo, agravamento da cegueira, poucos espaços de lazer e pelo “*sufocamento*” da sua família que limitava seu poder de ação.

Apesar de se declarar como homossexual, isto ainda é um tabu na sua família e ainda não se sente à vontade em contar para a sua avó. Assim como a Garota Dinamarquesa, Dom Quixote também sofre com restrições de autoridade ideológica que o colocam o que é ser homem, assumindo papéis muito mais masculinos quando está com sua família. Contudo, para ele, isto ainda pode ser velado, diferentemente da Garota Dinamarquesa, que não consegue esconder a sua transformação, onde cada passo dado é um enfrentamento social.

Dom Quixote, ao optar por assumir papéis de masculinidade onde mora, não se sente na obrigação de ajudar os afazeres de casa. Seu tempo é destinado para estudar, sair, se divertir com os amigos, sem cobranças dos afazeres diários. Por conta da repressão da sua homossexualidade dentro da sua própria casa, não consegue levar ninguém para visitar, com medo da sua vó ficar reclamando dos amigos ou descobrir algo que ele não queira.

Ao se distanciar do espaço, sua personalidade muda completamente. Dom quixote apresenta trejeitos considerados como afeminados, fala muito sobre sexo, usa drogas diariamente, come muito doces (algo limitado dentro da sua casa pela diabete que ele possui). Assim, todas as suas ações são basicamente fora da sua casa, pela liberdade que outros locais oferecem. Mas apesar de toda dificuldade que é estar em casa, ele se sente feliz na companhia da sua avó e seus familiares.

Por ter uma postura mais afeminada e ser também cego, Dom Quixote tem se relacionado com pessoas que também são marginalizadas pela sociedade, como outros homossexuais, negros, mulheres e usuários de maconha, o que, muitas vezes, o levou a ser parado por policiais em revistas e muitas agressões e xingamentos em diversos espaços públicos, por causa da sua limitação física e orientação sexual, o que o levou a frequentar na maioria das vezes locais privados, como casa de amigos e sua religião de matrizes africanas.

Toda essa mescla de sentimentos tem um importante papel de militância na luta por pessoas que também são marginalizadas como ele, indo a espaços de debates como Matarazzo, Galpão da lua, lugares de resistência, o que o coloca no centro de muitos debates.

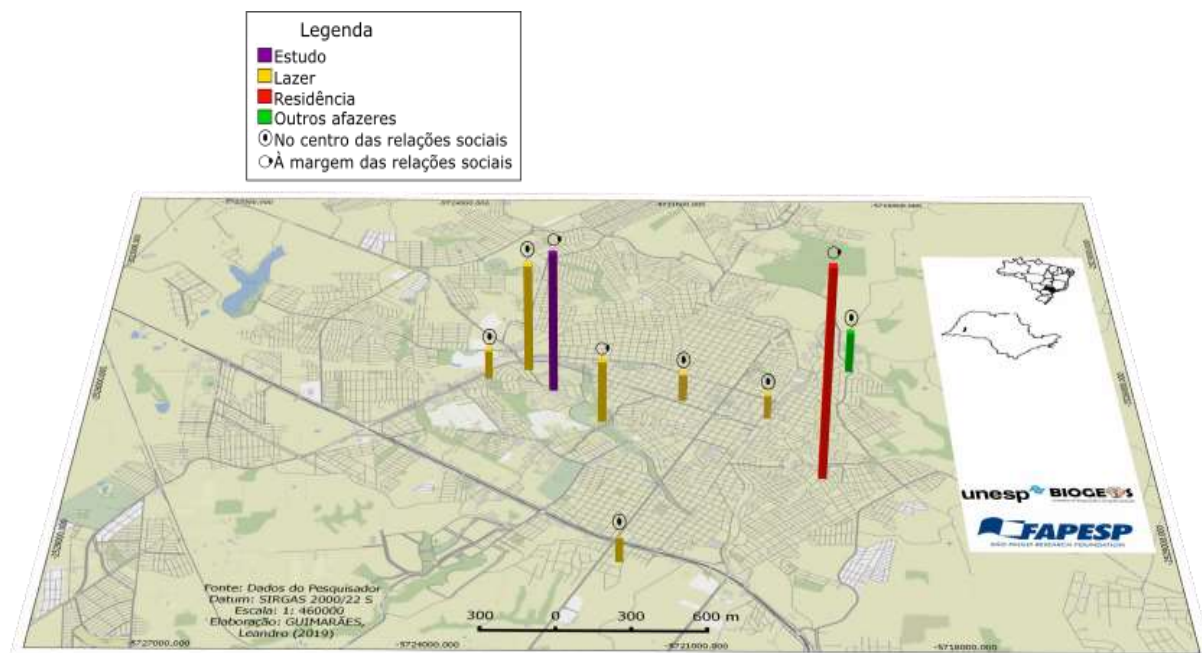


Figura 11 – Mapas com os locais de permanência nos lugares e relações sociais – Dom quixote de la mancha

Elaboração: autor (2019)

No mapa acima podemos perceber que Dom Quixote tem nas suas relações sociais seu alicerce. A casa de amigos representa um importante lugar para sua autoafirmação enquanto Homem Homossexual Universitário Cego. Novamente as instituições de ensino não conseguem a total inserção desses sujeitos, o que acaba por prejudicar na formação e falta de vivência da Universidade em sua plenitude. Embora passe um tempo consideravelmente grande em sua residência, suas relações não são das melhores, fazendo com que passe o maior tempo em seu quarto.

Evangelista, diferentemente dos outros sujeitos, tem a limitação visual, como uma fator predominante nas suas relações sociais, embora outras internacionalidades como a cor parda, e também o baixo poder aquisitivo, acabam interferindo na construção social do espaço. Por ter uma cegueira congênita, suas ações foram muito restringidas e nos locais que frequenta resguardam grandes reflexos como dificuldade de tomar banho sozinho, não saber mexer no celular, até abrir uma lata de refrigerante. Pude vivenciar isso com frequência durante a monitoria da viagem.

Estes aspectos de repressão das suas limitações por parte da sua família tiveram um grande impacto na sua socialização, refletindo em medo de conhecer o mundo. Entre suas atividades diárias estão em ir para a faculdade, para a igreja, muito raramente na casa de parentes e todo tempo restante em casa, ouvindo rádio ou televisão. Não participa de nenhum afazer de casa, no qual toda a responsabilidade recai nos ombros de sua mãe, que também não admite que ele participe de tarefas simples dentro de casa.

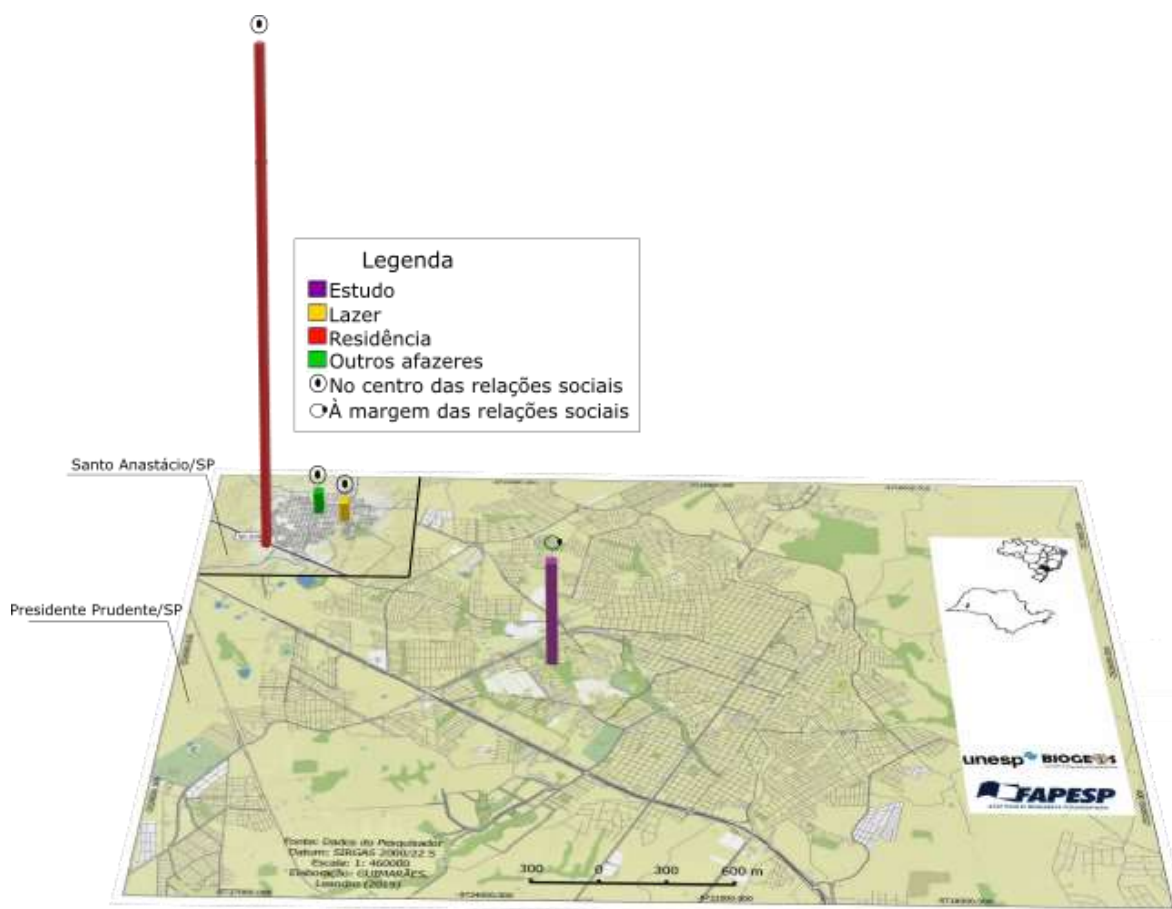


Figura 12 – Mapas com os locais de permanência nos lugares e relações sociais – O Evangelista

Elaboração: O autor (2020)

Diferentemente dos outrxs sujeitxs participantes da pesquisa, sua mobilidade é bem reduzida, estando limitadas aos afazeres básicos como ir para a faculdade, para a igreja e a praça da cidade, sempre acompanhado de sua mãe ou de alguma pessoa de confiança. Em vista disso, sua permanência na residência é exponencialmente maior do que quaisquer outras atividades. Outro dado preocupante é novamente a instituição de ensino à margem das relações.

Do movimento à mobilidade no espaço urbano

A mobilidade urbana é uma das principais preocupações no período recente em vista da necessidade cada vez maior de realizar ações e deslocamentos em um curto período de tempo. Contudo, a mobilidade vem a cada dia se tornando mais seletiva, resultando em escolhas por transportes que atendam às necessidades individuais de cada sujeito. Essa opção pelo uso do transporte automotivo privilegia as pessoas com maior poder aquisitivo e aptas a este tipo de transporte, fazendo com que as mobilidades sejam uma forma de poder na vida cotidiana (MASSEY, 1994).

Urry (2002) acrescenta que apesar da mobilidade ter se tornado o principal valor cultural do capitalismo, através do desenvolvimento de transportes cada vez mais rápidos, tem ao mesmo tempo produzido um sentimento de impotência nas pessoas, principalmente daquelas que não podem ter acesso. Este processo, segundo o autor, levanta um paradoxo, pois apesar das tecnologias ter melhorado a mobilidade de alguns povos e lugares, também aumenta a imobilidade de outros.

A identificação de quem realiza ação define uma série de elementos que precisam ser evidenciados: tais como as sensações (sentimento), as intencionalidades (razão), a capacidade e as possibilidades. Essas representações e significados são importantes, pois, diferentemente dos outros seres vivos, nosso movimento não é dependente do instinto de sobrevivência.

Nós, seres humanos, possuímos uma particularidade em relação aos outros animais, pois desenvolvemos ao longo da nossa história meio de transporte que nos possibilitam realizar movimentos sem a necessidade de caminhar. Este avanço tecnológico possibilitou que muitas pessoas com limitações também tivessem acesso às mobilidades urbanas, mesmo que ainda seja precária.

A complexidade do conceito vem exigindo dos pesquisadores estudos a partir de diferentes variáveis como frequência, velocidade, fluidez, intersecção dentre outros. Se movimentar de um ponto A para um ponto B pode ser muito diferente dependendo do modo com que se realiza a ação, agrupando um conjunto diversificado de formas de movimento em escalas que vão desde o corpo (ou, na verdade, partes do corpo) até o globo, envoltos em narrativas sociais, culturais e espaciais, de cada sociedade (CRESSWELL, 2010).

Sheller e Urry (2006) acrescentam ainda que a mobilidade envolve aspectos tão diferentes do indivíduo e do mundo social que alguns autores propuseram como um paradigma analítico que se deve usar o termo "mobilidades" em vez de "mobilidade". Essa pluralidade de padrões, representações e práticas é denominado por Creswell (2006) de constelações de mobilidade.

Particularmente, nos interessa a discussão da vida cotidiana nos espaços urbanos com pessoas que possuem limitações em seus trajetos, suas mobilidades, imobilidades e entrelaçamentos. Para isto, propomos estudar os trajetos cotidianos de pessoas com limitações através de três perspectivas: o andar, transporte automotivo particular e transporte público de uso coletivo, especialmente os ônibus.

A mobilidade através dos pés é múltipla e complexa, assim como qualquer forma de mobilidade está diretamente relacionada ao planejamento urbano e direito à cidade. É importante ressaltar que as ruas, como espaços públicos, têm uma finalidade social. São espaços projetados para incentivar a vida em comunidade e promover um senso de lugar (TALLEN, 1999). Dessa forma, os planejadores urbanos devem estar atentos ao ato de caminhar pela cidade, como uma prática importante para a redução de gases poluentes e possibilitar uma dimensão social de consciência (BEAN, KEARNS e COLLINS, 2006).

Contudo, apesar de considerar as análises dos autores em questão, evidenciando a ação de caminhar como sendo importante para a política urbana, ela vem perdendo destaques nos projetos urbanos e até mesmo pela população em geral. Em primeiro lugar pela fragmentação das cidades, o que ocasiona um distanciamento nos trajetos, acompanhado de uma necessidade maior pelo uso de transportes que sejam rápidos e confortáveis. Em segundo lugar pela sensação de estar vulnerável e desprotegido de algo que por ventura venha a acontecer.

Baumann (1994) ressalta que esse último fator é ocasionado pelas relações de poder que estão presentes nas ruas. O autor afirma que para quem não pode pagar a segurança de um carro, as ruas se apresentam mais como selva do que como teatro, principalmente em cidades com alto grau de criminalidade e de violência.

Trazendo essa análise para realidade brasileira, podemos afirmar substancialmente essa afirmação, em que o medo de andar pela cidade é uma constante para quem vivencia o espaço urbano com os pés no chão. Recentemente, mesmo em países que conseguiram resolver sua violência internamente, o medo de andar tem crescido exponencialmente através de atentados

terroristas como na França em 14 de julho de 2016 onde, 82 pessoas que andavam pelas cidades foram atropeladas, além de países como Alemanha, Espanha e Reino Unido.

A mobilidade do caminhar para pessoas com limitações apresenta ainda mais variáveis que dificultam o deslocamento a pé, que dependem também de uma boa estrutura nas calçadas, sinalização, rampas de acesso. Para as pessoas com cegueira, por exemplo, muitas vezes é difícil se locomover de um ponto para o outro, não pela falta de referência espacial, mas por um medo natural no qual é viver a cidade sem poder enxergá-la além das dificuldades de locomoção nos espaços públicos.

Todos esses fatores fazem com que a mobilidade do caminhar seja destinada às distâncias cada vez menores. Isto tem o impacto na relação dos sujeitos com a percepção da cidade, situações muito difíceis de serem notadas por meio de um carro, uma moto e até mesmo nos transportes públicos. Segundo Bean, Kearns e Collins (2006)

Vistas exteriores, cheiros, sons e sensações são diluídos, enquanto os interiores são controlados através dispositivos como aparelhos de ar condicionado ou estéreos. Os controles e as rodas do carro funcionam como intermediário entre organismos e cidades e o sentido visual é aumentado, mas feito banal pela velocidade em que o carro é necessário mover-se. O som de o carro e paisagens sonoras construídas pessoalmente dentro do carro também entorpecer o efeito de o urbano no motorista ou no passageiro audição, e a capacidade da cidade cheira a penetrar no carro é limitado. Dito isto, um intervalo de experiências incorporadas é impossível sem o carro. BEAN, KEARNS & COLLINS, 2006, p. 2835)

Se não há políticas públicas que vão na contramão destas práticas, a mobilidade do andar vai se tornando cada vez mais imobilidades, segregado socialmente daqueles que podem optar e pagar por diferentes tipos de mobilidades daqueles que não têm essas opções.

Para quem pode pagar pelo acesso ao carro há uma facilidade maior em programar diversas atividades em pequenos fragmentos de tempos, criando uma complexidade da vida social. É fato que o transporte particular automotivo vem gradativamente criando uma dependência maior pela opção de uso, mesmo que em alguns casos que não seja a melhor opção, como passar diversas horas em engarrafamentos ou até mesmo com dificuldades em estacionar. A dependência gerada pelo uso do carro ocasiona uma marginalização de outras formas de mobilidade, como como caminhar e o uso do transporte público coletivo (MIDDLETON, 2018).

Com as novas tecnologias e aplicativos de celular, esse problema tem agravado continuamente, principalmente pelo acesso ao carro através de aplicativos como o UBER, que conseguem oferecer preços competitivos ao transporte público e se torna a opção de muitas pessoas que precisam chegar nos locais em curtos período de tempo.

O meio de transporte mais impactado com esse tipo de tecnologia, inevitavelmente, é o transporte público. É incalculável as consequências que podem variar desde o aumento dos preços, fornecendo longos períodos de espera, baixa conectividade até serviços não confiáveis e o sucateamento dos ônibus (CURRIE, 2010)

Ao observarmos os deslocamentos diários dxs sujeitxs, há grandes diferenças no deslocamento de cada um, evidenciando uma mobilidade plural destes indivíduos. A Garota Dinamarquesa, por realizar diversos afazeres no seu dia-a-dia, opta pelo uso dos aplicativos de transporte urbano individual e uso de mototaxis, ou carona de amigxs. Raramente utiliza um transporte público coletivo pois, segundo ela, muitas vezes está sozinha no ponto, não sabe qual ônibus poderia pegar pelos diferentes trajetos que faz, já que não existe nenhuma sinalização sonora. Além disso, ela conta com o desrespeito de alguns motoristas que não param ou reclamam de ter que ajudar porque seguem um horário da linha e isto acaba atrapalhando, o que justifica a sua preferência por andar nas menores distâncias e fazer uso do aplicativo de celular que demora apenas alguns minutos, estão cada vez mais acessíveis e te deixam na porta no lugar desejado.

Diferente da Garota Dinamarquesa e de Dom Quixote, o Evangelista utiliza majoritariamente o transporte coletivo interurbano e urbano na grande parte dos seus trajetos. Pela sua rotina diária e pelo fato de quase sempre seguir um mesmo ritmo, o Evangelista foi se adequando aos horários dos transportes que o leva da sua cidade Santo Anastácio/SP até Presidente Prudente/SP até um determinado ponto da faculdade e depois por já conhecer os motoristas do ônibus e pelas pessoas que o ajudam pega o ônibus até a universidade, repetindo o mesmo trajeto na volta. Dos poucos locais que se descola na sua cidade caminhando, sempre está sendo auxiliado por uma pessoa de sua confiança, principalmente pela sua Mãe e alguns parentes. Por não ter um celular com sistema operacional Android ou IOS e não conseguir se adequar aos aparelhos mais novos, sua rotina é dependente quase exclusivamente do transporte público para se locomover pela cidade de Presidente Prudente/SP ou até sua casa em Santo Anastácio/SP.

Por uma política de mobilidade

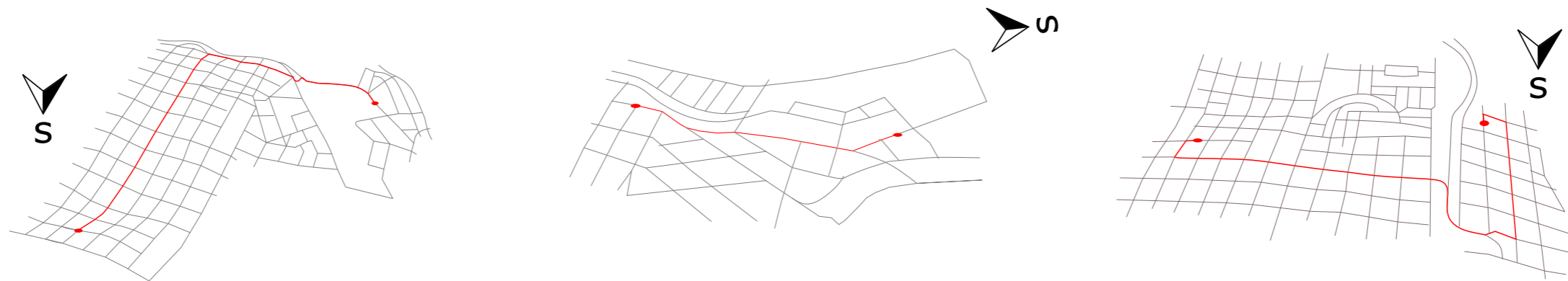
Pensar a respeito de uma política de mobilidade que abarque as classes sociais, gêneros, etnias, nacionalidade e grupos religiosos não é uma tarefa simples, além de incluir grande diversidade. Segundo Cresswell (2010) é necessária uma percepção para as várias políticas que podem ser adotadas ao invés de privilegiar uma sobre as outras. Para isso, o autor propõe seis questionamentos para auxiliar na compreensão de todos os elementos que envolve a política de mobilidade.

- I. *Por que uma pessoa ou coisa se move? (why does a person or thing move?)* É evidente que para realizar o movimento é necessária uma força aplicada. De acordo com o autor, essa força pode ser interna ou externa, ou seja, o movimento pode ser feito a partir de uma escolha ou através de coação sofrida pelx sujeitx.
- II. *Quão rápido uma pessoa ou coisa se move? (how fast does a person or thing move?)* O aumento da velocidade frente às dinâmicas atuais da globalização possibilita que as pessoas cheguem a lugares em tempos cada vez maiores. Tais práticas vêm sendo acompanhadas por uma forte restrição da liberdade de ação e aumento da exclusividade ao acesso.
- III. *Em que ritmo uma pessoa ou coisa se move?* O ritmo indica frequência, a oscilação entre pausa e movimento repetidos sob as particulares individuais de cada sujeito. Cresswell (2010) apoia-se em Lefebvre para salientar que apesar do ritmo possuir singularidade, é também um tempo regulado, governado por leis racionais que são impostas aos sujeitos.
- IV. *Qual o caminho pegar?* A mobilidade na maioria das vezes é canalizada por rotas e condutos fornecidas no espaço geográfico. Estes efeitos de tunelamento distorce o espaço de tempo das cidades, as áreas valorizadas da metrópole são direcionadas para que elas sejam atraídas para “interação intensa entre si”, enquanto outras áreas são efetivamente desconectadas dessas rotas, produzindo imobilidades.
- V. *Como se sente?* Essas questões têm por objetivo evidenciar a noção de experiências vividas. Muitas pessoas são alvo de preconceitos e marginalização dependendo do comportamento, características ou condição social.
- VI. *Quando e como parar?* Esta questão está intimamente relacionada ao primeiro tópico em um sentido inverso. O ato de parar o movimento muitas vezes não é uma escolha pelo fortalecimento

do investimento em segurança, controle de acesso, portões, muros, fronteiras (invisíveis ou reais) que limitam o acesso de um determinado grupo de pessoas.

O entendimento de uma cada destas políticas de mobilidade está imbricado na produção e reprodução de relações de poder e constituição de hierarquias em tempos e lugares em diferentes escalas.

As três figuras abaixo 13, 14 e 15 apresentados acima representam o tipo de deslocamento utilizado por esses sujeitos, com os locais e horários. Foi acrescentado a ideia do relevo como um maior elemento de aproximação da realidade. Podemos perceber que as dinâmicas sociais da Garota Dinamarquesa e Dom quixotes necessitam que elxs se desloquem constantemente no espaço geográfico. Os transportes públicos hoje estão se tornando lentos em sua cidade cada vez mais acelerada, o que faz com que optem pelo uso dos aplicativos de celular para se deslocar na cidade, o que acabam pagam um preço mais caro, e encarecendo a conta no fim do mês. Uma alternativa frente à aceleração da cidade que, literalmente, acaba custando caro. Por ter uma rotina mais calma tendo a Universidade como elemento principal do seu dia, o Evangelista opta pela preferência do transporte público da prefeitura, também por ser inviável outra alternativa de transporte. Assim acaba que seu trajeto se resumindo da casa para o ambiente de ensino e vice-versa.



Residência

Meio de locomoção: Moto.
Distancia: 2,3 KM.
Horário: 06:54 Hrs.
Tempo de deslocamento: 8 Min.

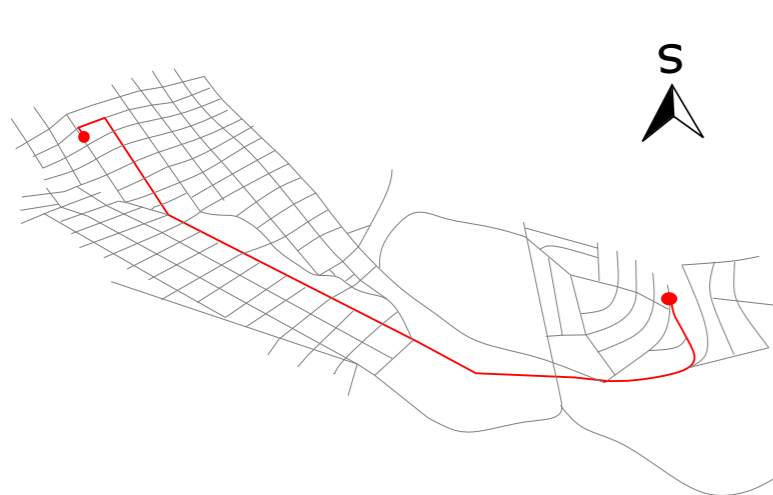
Faculdade

Meio de locomoção: À pé.
Distancia: 1,1 KM.
Horário: 11:02 Hrs
Tempo de deslocamento: 32 Min

Centro Cultural

Meio de locomoção: Moto.
Distancia: 2,1 KM.
Horário: 14:30 Hrs
Tempo de deslocamento: 10 Min

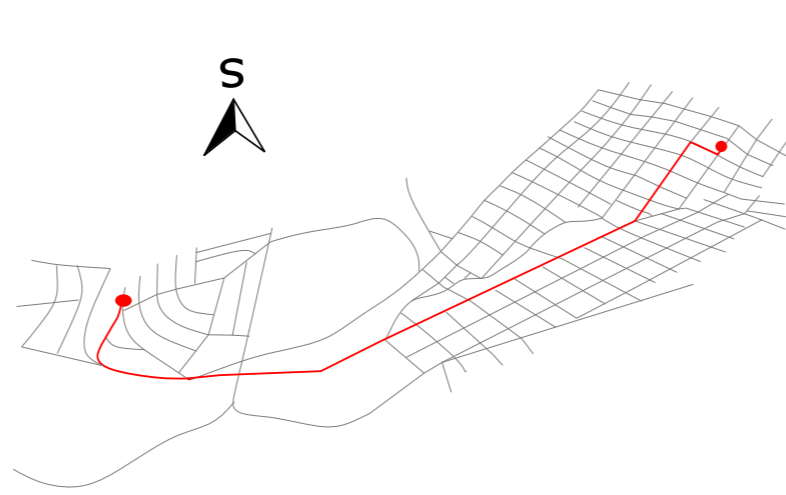
Residência



Residência

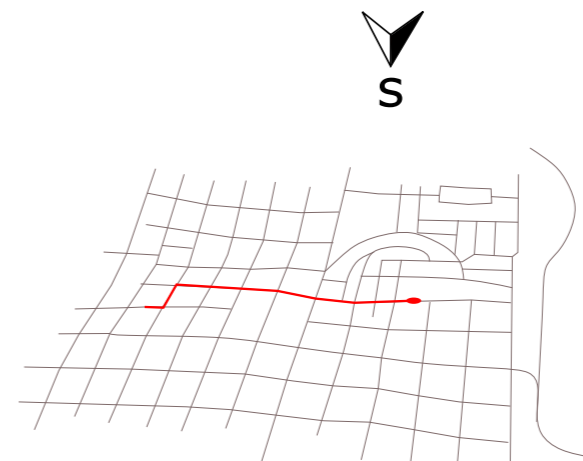
Meio de locomoção: Carro.
Distancia: 2,9 KM.
Horário: 15:30 Hrs.
Tempo de deslocamento: 11 Min.

Serviço Social do Comércio



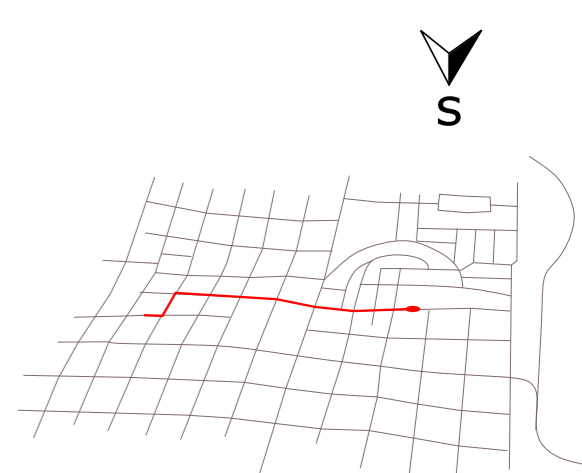
Meio de locomoção: Carro.
Distancia: 2,9 KM.
Horário: 18:30 Hrs
Tempo de deslocamento: 10 Min

Residência



Meio de locomoção: À pé.
Distancia: 900 M.
Horário: 19:31 Hrs
Tempo de deslocamento: 11 Min

Central Unica dos Trabalhadores



Meio de locomoção: À pé.
Distancia: 900 M.
Horário: 21:38 Hrs
Tempo de deslocamento: 11 Min

Residência

Figura 13- Mapas de deslocamento diário - A garota dinamarquesa
Elaboração: O autor (2020)

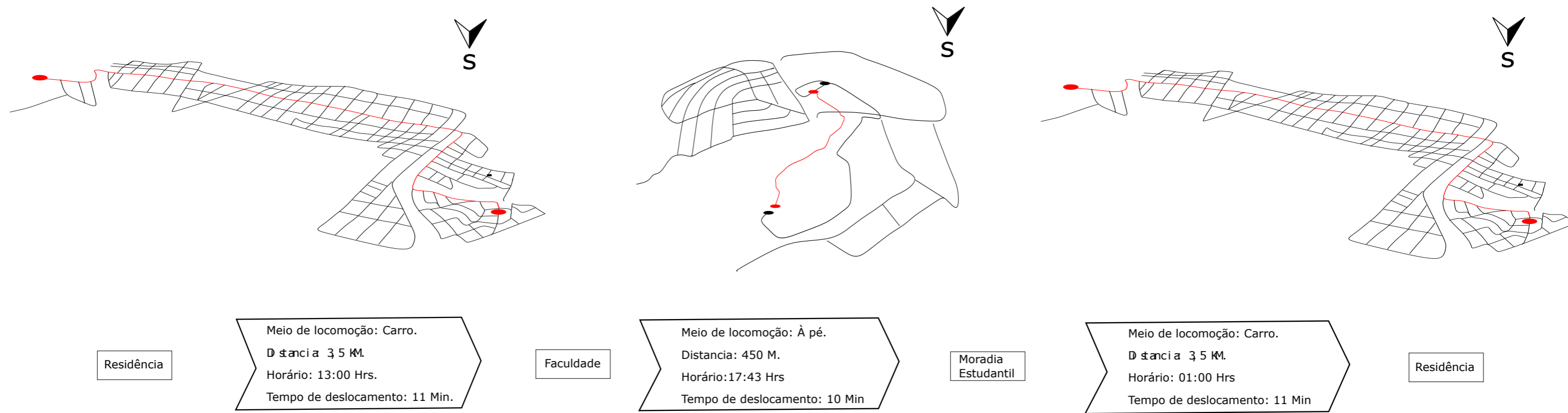


Figura 14- Mapas de deslocamento diário - Dom Quixote de la Mancha
Elaboração: O autor (2020)

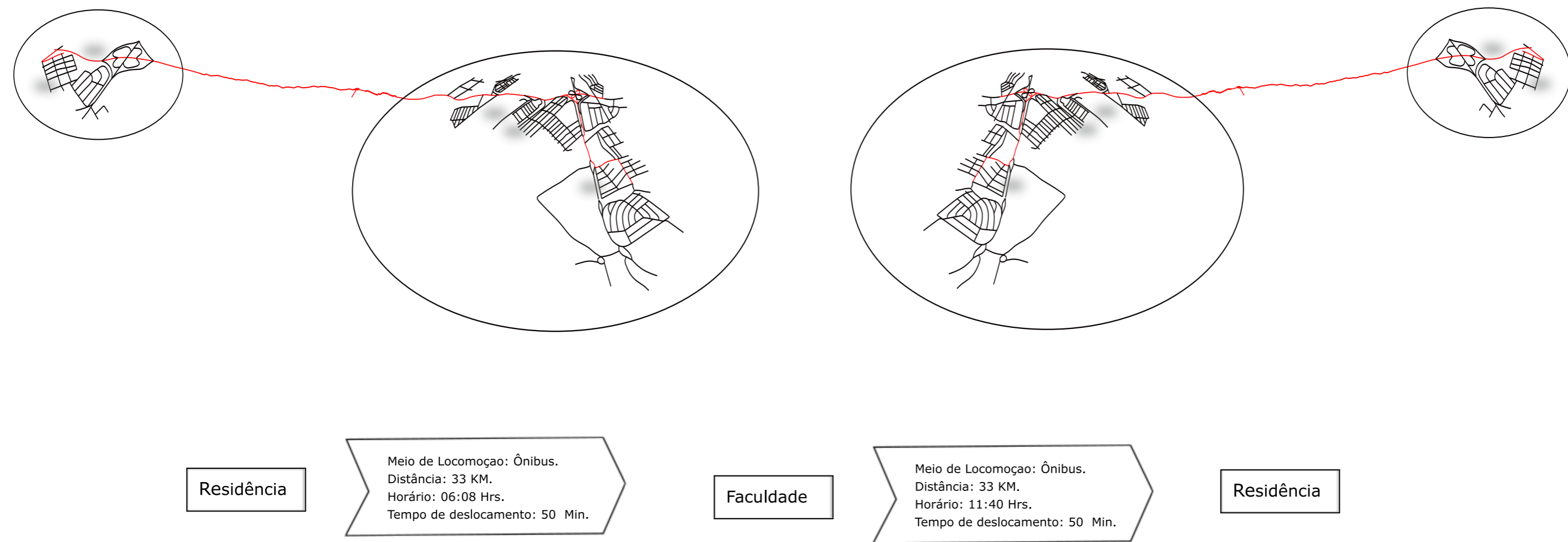


Figura 13- Mapas de deslocamento diário - O Evangelista
Elaboração: O autor (2020)

3.

A VIDA NA COMPLEXIDADE

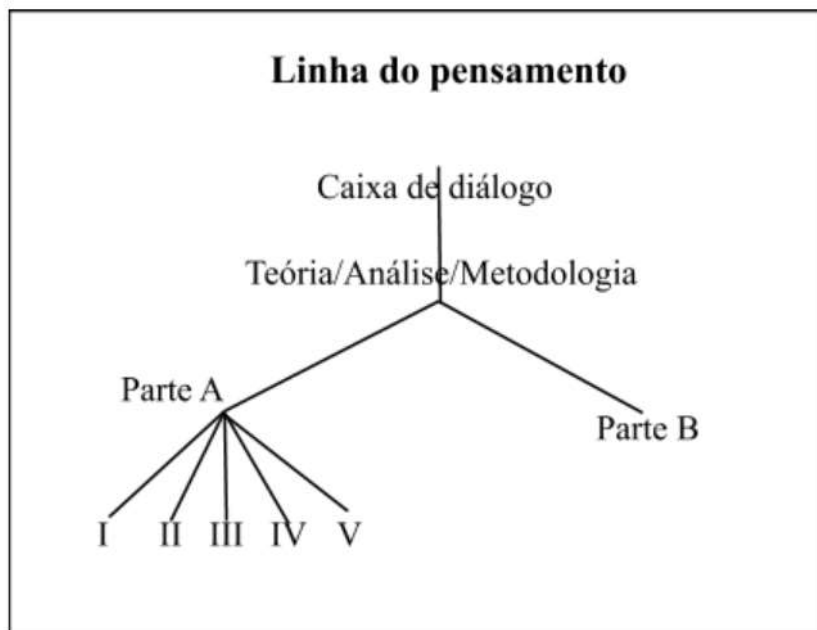


Figura 16. Linha de pensamento desenvolvida para o capítulo 3

Org: autor (2020)

Caixa de diálogo III:

ULTRAPASSANDO OS LIMITES DO CORPO

Ouvir uma música de olhos fechados é privilegiar a pureza que a audição pode nos oferecer. Fechar os olhos para beijar quem se ama é privilegiar a pureza que o tato pode nos oferecer. Ao sentir aquele cheirinho de comida de avó, muitas vezes fechamos os olhos resgatando uma memória afetiva, privilegiando a pureza que o olfato pode nos oferecer. Para saber identificar mesmo se gostamos de uma comida muitas vezes fechamos os olhos para tentar valorizar seu sabor isto é privilegiar a pureza que o paladar pode nos oferecer.

Todos os sentidos contribuem de uma maneira ou outra para nossa construção espacial e localização geográfica, uma geografia construída a partir da exploração dos sentidos do corpo possibilita a apreensão de novos conteúdos geográficos. Os sentidos não só despertam sensações, mas também nos ajudam a construir a percepção de um objeto, um ser ou até mesmo do espaço e lugar obtendo nossas experiências e formação de uma memória subjetiva.

É evidente que todo sentido sensorial nos desperta algo em nosso cotidiano e viver sem a presença de qualquer um deles é algo que afeta a nossa percepção. Todavia, o objetivo deste capítulo é evidenciar as qualidades dos outros sentidos, suas possíveis potencialidades de desenvolvimento e maneira com que podemos ampliar nossa percepção através de corpos ciborgues e até outros elementos vivos valorizando uma geografia da saúde e não uma geografia do sofrimento.

Os sentidos do corpo na cidade: uma experiência sem a visão

Audição e a linguagem

Embora algumas pessoas achem monótono ouvir uma pessoa mais velha falando da sua vida, outras pessoas se incomodam em ouvir fofocas! A audição é um elemento essencial em nossas vidas, eu por exemplo, adoro ouvir música, mas poucas vezes fico prestando atenção nos diferentes instrumentos que compõem a música e suas diferentes vibrações.

O fato é que ouvir pode nos trazer diversos elementos para entender as relações sociais e espaciais, suas subjetividades e uma construção mental dos ambientes. Para entender todo esse processo, dialogo neste tópico com Murray Schafer em seu livro “*O ouvido pensante*”, escrito em 1999, o qual nos traz muitos pontos relevantes e nos coloca a pensar sobre tudo o que ouvimos, particularmente os elementos simples, presentes no nosso cotidiano.

É mais interessante ainda que o livro todo está baseado em aula para o primeiro ano de graduação e apresenta os diálogos dessa interação professor – aluno, facilitando no processo de raciocínio.

Segundo o autor, devemos saber distinguir alguns elementos quando falamos sobre ato de ouvir, sendo eles: som, silêncio, ruído, timbre, melodia, amplitude e ritmo. O mais comumente falado por nós é a palavra som, que significa “*cortar o silêncio através de uma vibração (SCHAFER, 1999 p.59)*”, ou então pode ser entendido como “*uma linha que se movimenta de modo regular (SCHAFER, 1999 p.59)*”. A ausência de som é chamada, portanto, de silêncio, e o ruído é o som indesejável que pode variar de acordo com os sujeitos ou cultura que está inserido (SCHAFER, 1999)

O timbre, por sua vez, é um som que distingue um instrumento de outro, em uma frequência e amplitude. Segundo o autor, o timbre pode ser entendido como a cor do som. A amplitude é a força que vai do mais fraco ao mais forte, do mais grave ao mais agudo. A melodia pode ser qualquer combinação de som, é como o ato de palavras cada letra tem seu som, juntas formam a melodia das palavras. Por fim, o ritmo divide o todo em partes podendo elas ser regulares, irregulares, longos ou breves, um exemplo de marcação de ritmo em nosso cotidiano é o tic-tac do relógio (SCHAFER, 1999).

Todas essas variantes estão presentes de uma forma ou outra em nossas vidas. É evidente que ao perder algum sentido do corpo, nosso cérebro tenta suprir a falta encontrando novas formas de perceber e compreender a realidade. Alguns sujeitos cegos desenvolvem a capacidade distinguir com maior facilidade os sons que estão presentes por não terem a visão. Enfim, enxergar é uma ação socialmente construída pelos seres humanos, e a visão é utilizada, principalmente, como meio de verificação.

Os videntes, quando ouvem algum barulho estranho ou não, rapidamente param para olhar o que está acontecendo. Para quem é cego o som, o tato, olfato e paladar devem oferecer elementos sólidos que ajudam neste processo de verificação da realidade, principalmente quando não é possível utilizar os outros sentidos do corpo.

Tomemos a batida de carro como, exemplo, com e sem a visão:

- sujeitos com capacidade de enxergar: quando você ouve a batida de um carro como exemplo que está relativamente longe e fora do seu campo de visão, qual é a primeira coisa que faz depois de ouvir o som? Certamente é olhar e procurar onde foi a batida para ver se está realmente aconteceu
- Sujeitos sem a capacidade de enxergar: ao ouvir a batida do carro em uma distância relativamente longe e não tendo a certeza do que aconteceu, certamente começa a ouvir gritos, pessoas correndo, algumas pessoas expressando espanto, e se esperar alguns minutos poderá até ouvir o barulho da ambulância.

O que importa aqui não é quanto tempo demora a identificação da realidade, porque, dependendo do que acontece os sujeitos com cegueira podem identificar e verificar elementos muitos antes que qualquer pessoa. O fato é que na maioria das vezes ela ocorre com ou sem a visão, pois somos altamente adaptáveis às realidades que nos são expostas, embora alguns(mas) sujeitos mais e outros menos.

As combinações de todos esses elementos integram uma imagem sonora do espaço e produzem uma paisagem. A construção cartográfica a partir do som elucidada como os sujeitos com cegueira constroem uma paisagem sonora a partir de um ponto fixo.

O mapa abaixo foi construído a partir de aportes teóricos elucidados na obra de Schafer (1999) e adaptados à realidade da pesquisa. O sujeito participante desta técnica foi Dom Quixote de la Mancha. Foi solicitado a ele que identificasse e classificasse todos os sons presentes em um

espaço público em um tempo de trinta minutos. A partir de sua percepção informou se o som estava perto, médio ou longe.

Por estar em um espaço aberto, houve uma grande diversidade de elementos que ajudaram a compreensão da paisagem. Os sons identificados nas menores distâncias foram o balançar das folhas nas árvores, os pássaros cantando, pessoas conversando ou andando de skate, músicas e toques de celular. Por estar em uma área verde o barulho dos carros foi ouvido a maior distância, juntamente com mais pássaros cantando e cachorros latindo e brincando no parque. Os sons a grande distância foram ouvidos apenas com a passagem de um helicóptero da polícia e o sino da igreja central, na qual toca de meia em meia hora e pode ser ouvido em grande parte da cidade.

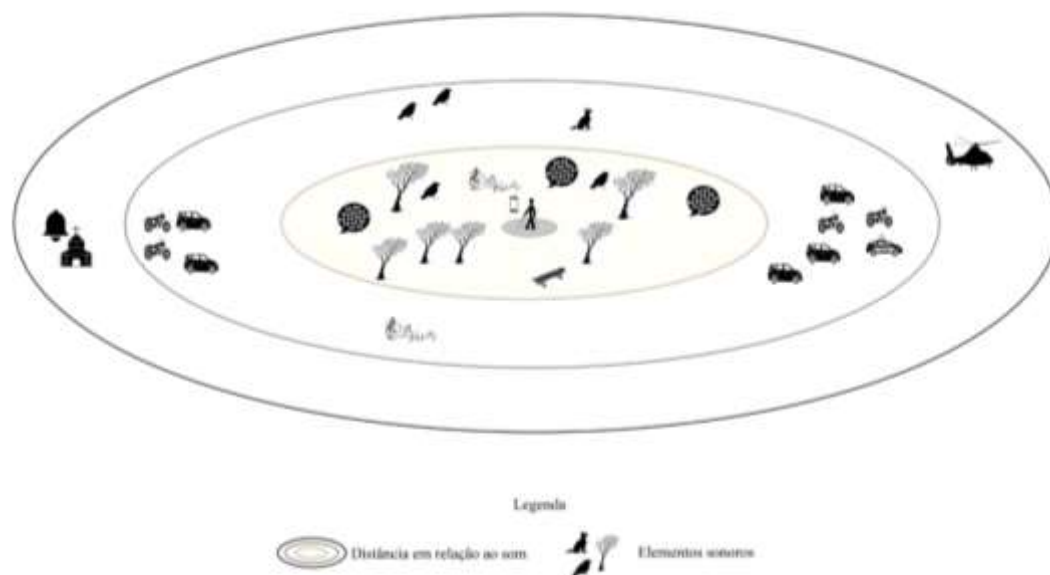


Figura 17 – Paisagem Sonora – Dom Quixote de la Mancha
Elaboração: O Autor (2020)

Tato

O tato é um mecanorreceptor¹, assim como a audição, mas diferentemente do ouvido, que está concentrado em apenas dois pontos, o sentido do tato está espalhado pela maior parte da pele e mucosa. Os receptores destas diferentes sensações são chamados de corpúsculos sensitivos responsáveis pelas diversas associações como calor, leveza, frio, frescor, suavidade dentre outros nas quais não estão distribuídos uniformemente pelo nosso corpo. É importante salientar ainda que a sensibilidade está intimamente ligada ao contato, portanto objetos extremamente grandes ou distantes da pele são de difícil distinção (MARTINI, TIMMONS, TALLITSCH, 2009)

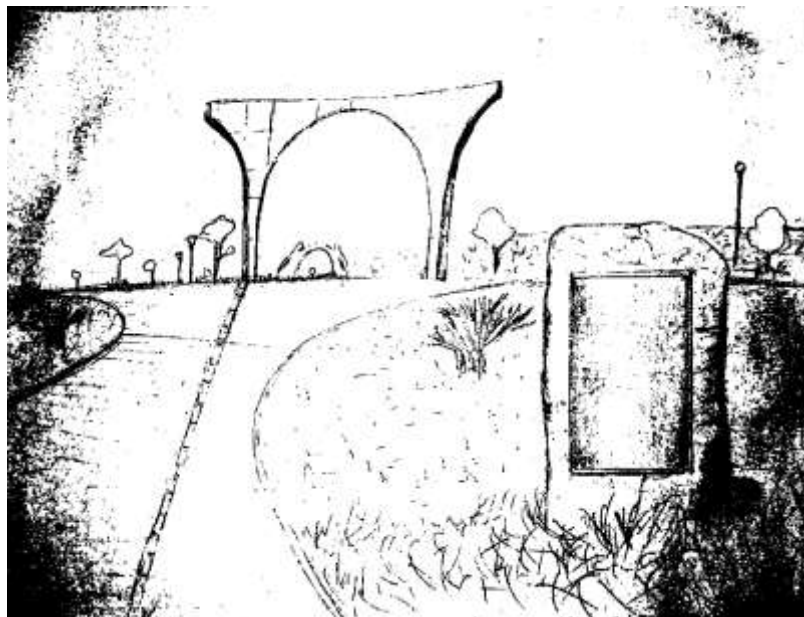
Os corpúsculos sensitivos estão subdivididos em quatro categorias explicados brevemente neste trabalho. *a. Corpúsculos de Meissner* são responsáveis pelas impressões do contato se localizam na superfície da pele, principalmente em regiões como as palmas das mãos, dedos, lábios, margem da pálpebras, mamilos e genitália externa; *b. Corpúsculo de Pacini* ficam nas camadas mais profundas da pele e são responsáveis pelo estímulos de pressão e estão distribuídos em diferentes regiões do corpo; *c. corpúsculos de Krause* são responsáveis pelas sensações térmicas do frio e o *d. Corpúsculo de Ruffini* pela sensação térmica de calor, este dois últimos corpúsculos também estão distribuídos pelas diferentes partes do corpo (MARTINI, TIMMONS, TALLITSCH, 2009).

O tato desenvolvido nas palmas das mãos, associado aos movimentos finos, são os principais instrumentos utilizados pelos videntes para ter contato com os objetos e seres vivos, assim como pelos sujeitos cegos que conseguem identificar diferentes características do rosto de outras pessoas, diferentes formas da sociedade mesmo que seja um processo que leve um maior tempo quando comparado a visão. A importância dada ao tato o torna um importante, principalmente, no sistema de educação em âmbito mundial com o desenvolvimento do sistema braile e também no âmbito brasileiro através da inclusão de crianças cegas utilizando maquetes e ou elementos que permitem uma compreensão da realidade por parte destes sujeitos sociais.

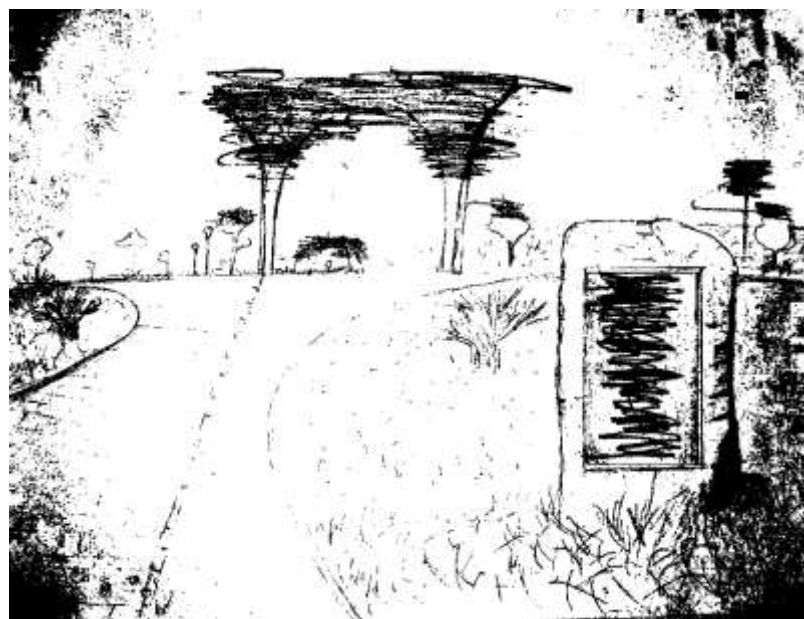
Para entender a realidade da pessoa com cegueira e sua construção do mundo através do tato, fizemos um croqui de tudo aquilo que era possível identificar em uma praça pública através do tato e uso da bengala como uma extensão do tato. Na primeira imagem representada através do

¹ Um receptor sensorial que responde a pressão ou outro estímulo mecânico.

croqui, são os elementos presentes na praça, na segunda imagem as partes que não estão presentes no croqui foram os objetos em que o evangelista não conseguiu identificar, são principalmente objetos altos.



a) Croqui representando a paisagem



b) Croqui com manchas não perceptíveis aos cegxs

Figura 18 – Paisagem tátil – O Evangelista
Elaboração: O autor (2020)

Olfato e paladar

As patologias sensoriais mais comumente conhecidas estão relacionadas aos setores da visão, da audição e da fala. Porém há várias patologias relacionadas ao paladar e ao olfato, variando entre níveis de acometimento, dos parciais aos integrais; incluindo também a deficiência tátil que ocorre de forma mais esporádica (PALHETA NETO, TARGINO, PEIXOTO, et al, 2011)

O olfato não necessita do toque direto para atender aos seus objetos, absorve para si através do ar substâncias químicas que dele emanam, o que ocasiona uma alteração de sua percepção na medida em que os objetos atingem o olfato e se afastam. Tal como o paladar, o olfato é um sentido químico. O mecanismo de percepção dos odores começa pelas células olfativas encontradas na região interna superior do nariz. A partir desse momento a informação olfativa é lançada no córtex cerebral se integrando-se ao nosso material sensório-espacial (PALHETA NETO, TARGINO, PEIXOTO, et al, 2011).

O paladar é um sentido químico, tendo seus estímulos dos receptores gustativos atuando sobre as substâncias químicas dos alimentos. As papilas gustativas, são membranas estabelecidas na mucosa da boca, o gosto chega ao córtex primário. O paladar permite a uma pessoa selecionar substância a partir de seus próprios desejos e de acordo com as necessidades de cada metabolismo (MARTINI, TIMMONS, TALLITSCH, 2009).

Nos seres humanos o olfato é o sentido fisiologicamente menos desenvolvido. Em Nossa trajetória, a visão intensificou o seu poder e a sua importância. A vivência olfativa mostra-se, como no caso do paladar, intimamente entremeada com a esfera da sobrevivência: assim, os odores agradáveis são benéficos para o organismo e os desagradáveis são nocivos e da mesma forma em relação aos sabores, sem contarmos que sentimos os odores ao mesmo tempo em que respiramos (PALHETA NETO, TARGINO, PEIXOTO, et al, 2011).

Ao respirarmos, claramente executamos uma atividade vital para o organismo. Com pessoas cegas, a questão do olfato tende a desenhar uma função de maior importância, na dinâmica de orientação. Cotidianamente, cegos utilizam odores de diferentes lugares que circundam e caracterizam os ambientes.

Para elucidar como os sujeitos com cegueira constroem uma paisagem olfativa, criamos uma imagem feita com a Garota Dinamarquesa. Para realização desta atividade andamos juntos por cerca de 500 metros em uma calçada. Durante este percurso ela foi me descrevendo os cheiros e odores e apontando com o dedo de onde estava vindo essa percepção. A Garota dinamarquesa identificou três cheiros desagradáveis (Poluição dos automóveis, lixo urbano e esgoto) e dois agradáveis (perfume e comida).

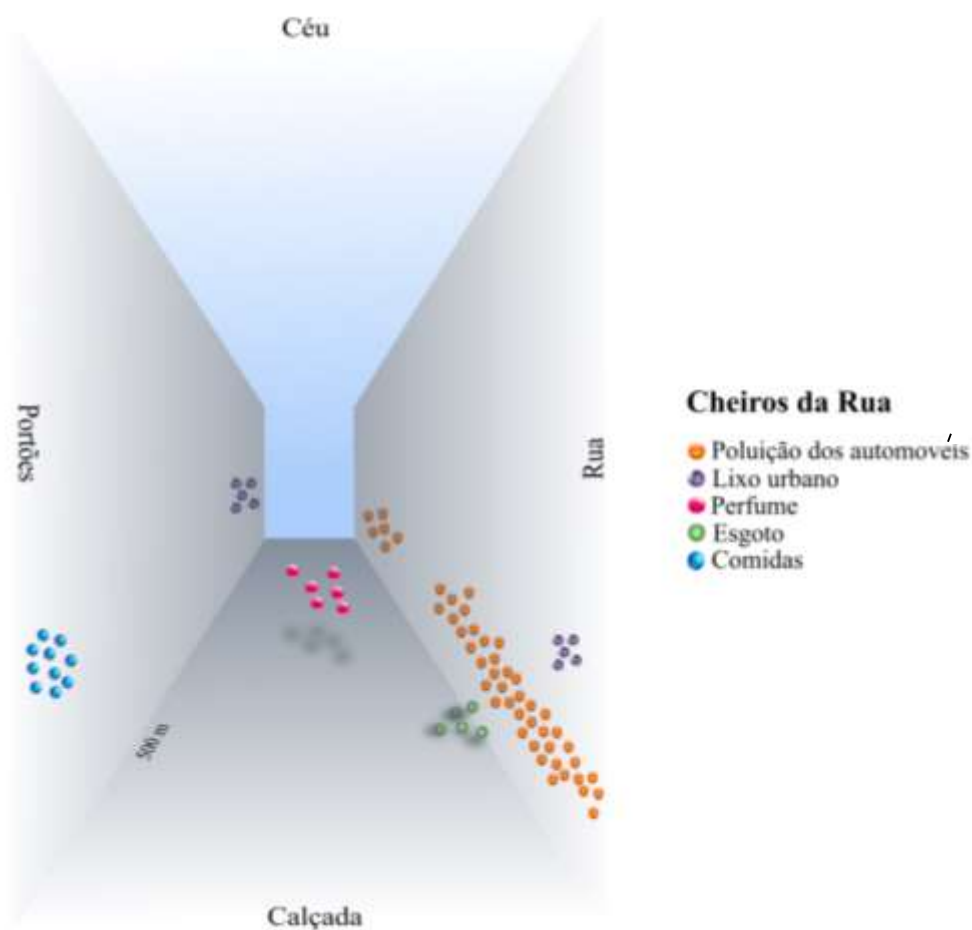


Figura 19 – Paisagem olfativa – A Garota dinamarquesa
Elaboração: Autor (2020)

Muito além dos quatros sentidos

Com o advento do desenvolvimento da sociedade e da tecnologia, novas formas de entender a realidade foram sendo incorporadas às pessoas com algum tipo de limitação como uso das lentes de grau no auxílio da visão, pernas mecânicas e braços mecânicos, aparelhos auditivos dentre outros. Com xs sujeixs com cegueira isto também não foi diferente, principalmente com métodos alternativos como a bengala para cegos e uso de cão guia no auxílio do deslocamento de diversos ambientes.

A principal função da bengala é permitir uma maior segurança e velocidade para x sujeitx cegx caminhar, permitindo que xs sujeitxs detectem diversos níveis e objetos no plano do solo até sua cintura.

Essa extensão do corpo para entendimento da realidade pode se configurar muito além de auxílio, mas também como sentido extra para o corpo e uma certa, independência, principalmente nos trajetos realizados.

A bengala para cegxs é um exemplo disto, pois possui diferentes formatos e tecnologias. Apesar do nome bengala para cegxs, na verdade nada mais é que um bastão articulado que divide geralmente de quatro a sete partes iguais, com um tubo metálico formado por diferentes materiais dependendo do tipo de bengala e por dentro um fio elástico utilizado para dividir as partes da bengala sem desarticular uma parte da outra. Apesar das diferentes especificidades e diferentes materiais, as mais utilizadas são as bengalas de ponteiros fixas ou rotativas (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2006)

Juntamente com o aprimoramento da tecnologia, há cada vez mais a tentativa de incorporar tais práticas em bengalas para cegxs, alguns tipos destas bengalas já estão disponíveis. A mais utilizada é que emite um sinal sonoro quando a ponta da bengala, que está em contato com chão, encontra um obstáculo à sua frente.

Para a utilização da bengala, devem ser feitos cursos técnicos pois diversos fatores precisam ser considerados, como o tamanho da bengala (o tamanho auxilia na coordenação pé/bengala ou toque/passada e sua altura deve estar alinhada ao diafragma); movimentação (descolar a bengala ao pé oposto em movimento, o movimento de pêndulo deve cobrir toda a largura do corpo e a bengala deve estar ao sentido oposto ao pé que está à frente no passo e estar com o dedo indicar acompanhando a bengala como se fosse a extensão do corpo), (BRASIL,2003).

Esses cursos, geralmente, são oferecidos por associações, instituições ou organizações presentes nas cidades, como a associação de proteção aos cegos na cidade de Presidente Prudente/SP e Laramara e Adorino Novil na cidade de São Paulo/SP, que oferecem tudo de forma gratuita. A introdução e as técnicas de uso da bengala longa são apresentadas para a pessoa cega nos treinamentos de Orientação e Mobilidade (OM) (BRASIL, 2003).

Outros dispositivos vêm sendo testados em laboratório, como o sistema de substituição tátil-visual (TVSS), que tem por finalidade transformar estímulos visuais em estímulos elétricos compostos por uma câmera que capta o sinal visual, um computador, um conversor que transforma energia luminosa em energia elétrica e uma matriz de estimulação elétrica na pele. Esses estímulos na pele geram padrões e, com o tempo, serão responsáveis pela formação de uma imagem tátil distal.

Os ciborgues da vida real, como denomina Bach-Y-Rita (2002, p.953), sofrem alterações *“[...] por meio de incorporação de marcadores softwares leitores de tela, ou quaisquer outros recursos ou acoplamentos criativamente desenvolvidos em práticas cotidianas, nas relações que se estabelece em um ambiente, estão ativamente reescrevendo os textos de seus corpos e sociedades”*

Contudo, ao mesmo tempo que devemos pensar como formar alternativas que lidam de certa forma com a ausência da visão, carrega consigo um estigma social que indica que o portador de tais aparelhos é um indivíduo cegx e também perigos relacionados aos riscos a violência da assaltos, por serem considerados pela sociedade como vulneráveis.

Essa rejeição ocorre principalmente na fase de aceitação da cegueira que muitas pessoas tentam esconder a sua limitação ou provar para as outras pessoas que a cegueira não mudou nada na sua relação com o ambiente. Esse processo deve ter uma atenção maior parte da sociedade para o acolhimento, inclusão e ressignificação de suas práticas.

Lugli e Okimoto (2016) salientam que para evitar a rejeição de sujeitxs que já nascem cegxs, é indicado que desde de pequeno a criança tenha contato com atividades que são denominadas de pré-bengala, no qual nada mais é que a utilização de objetivos que como cadeiras, carrinhos de bonecas, carrinho de feira, bastões que auxiliem a manipulação e compreensão a respeito da utilização da bengala.

Além da utilização de tecnologias, o sujeito com cegueira pode optar pela utilização de elementos vivos, como o caso do cão guia, que ainda não apresenta uma grande adesão no Brasil,

tendo em vista a falta de lugares especializados no treinamento destes animais e pelo alto custo associado.

A Lei nº 11.126/2005 garante o ingresso do cão guia que em locais públicos ou privados com o fim exclusivo de guiar a pessoa com cegueira que deve seguir alguns requisitos como estar castrado, não ser um animal agressivo, ter porte adequado para a realização da sua função e estar com vacinação completa. A proibição do ingresso do cão-guia é justificada em estabelecimento de saúde e lugares esterilizados. Exceto esses lugares a proibição de pessoas cegas de frequentar lugares por estar com o cão-guia constitui ato de discriminação, sendo penalizado com multa e até interdição do local (SOUZA & FERREIRA, 2018).

O treinamento de cão-guia é um processo complexo e pode chegar a até dois anos, mesmo período que deve ser o treinamento para sujeitos cegos, que deve seguir as seguintes etapas: seleção de animais compatíveis para a finalidade, socialização, treinamento específico para a função e adaptação do cão junto com a pessoa com deficiência. Muitos cachorros podem ser desligados de tais práticas pelo comportamento do animal, o que pode atrasar o processo para aquisição de cão-guia. Diferente do uso das bengalas, os cães-guias são elementos fundamentais na aproximação das pessoas cegas com os outros sujeitos, na medida que cachorros fazem parte da vida diária das pessoas (SOUZA, FERREIRA, 2018).

Uma construção mental da cidade a partir do lugar

Podemos perceber desde o início desta dissertação, o tempo, as interseccionalidades, o movimento e os sentidos do corpo e os próprios elementos urbanos da cidade, juntos, vão produzindo uma maneira particular de cada sujeitx construir um mapa mental da cidade. É claro que esta construção mental privilegia alguns locais em detrimento de outros a partir das variáveis já citadas.

Para as pessoas com cegueira ter um mapa mental é extremamente necessário conseguir se localizar na cidade, necessidades e afazeres do dia-a-dia e até mesmo uma independência das pessoas para realizar determinadas atividades.

Assim, o estudo de xs sujeitxs cegxs constroem um mapa mental foi muito desafiador, porque para as pessoas que enxergam, quase cem por cento das respostas é baseada na visão, principalmente para memorizar locais, trajetos, pontos de referências. Tudo bem que para quem perdeu a visão ainda tem uma memória dos antigos trajetos e lugares. Contudo, ainda assim é difícil acompanhar todas as transformações da cidade.

Pude perceber durante a realização da pesquisa que, além dos sentidos do corpo auxiliarem no processo de construção de uma memória espacial, os lugares de pertencimento também constroem esta percepção, pois quanto mais afeto sentimos dos diferentes ambientes, maior a tendência de voltarmos a esse lugar. Ao se movimentar de um lugar de pertencimento a outro, vão se criando uma memória dos trajetos, auxiliando os sentidos de direções que afloram (direita, esquerda, para frente e para trás) e os sentidos do corpo como o olfato (o cheiro de bolacha que vem de uma fábrica), o paladar (a comida de vó), a audição (diversos sons da cidade, relatos de outras pessoas), o tato (muro chapiscado, uso de bengala que distingue diferentes tipos de chão, buracos na rua, pisos acessíveis e até as partes da calçadas levantadas pelas raízes das árvores).

A construção mental da cidade é, portanto, realidade e imaginação e descobrir o que é novo a cada dia, se surpreender e se alegrar com novos elementos e se entristecer com coisas que nunca mudam, são pequenos detalhes que fazem as pessoas ter uma memória da cidade para chamar de sua.

4.

A VIDA COMO RESISTÊNCIA



Figura 20. Linha de pensamento desenvolvida para o capítulo 4

Org: O autor (2020)

Caixa de diálogo IV

A IMAGEM DA CIDADE ÀS CEGAS

O objetivo deste capítulo é elucidar um movimento histórico das transformações das cidades, desde o nascimento da industrialização até as dinâmicas que marcam o século XXI. Dentre as grandes mudanças, é evidente salientar alguns pontos que, como a fragmentação do espaço urbano juntamente com o crescimento dos enclaves fortificados e a tentativa de desvalorização do espaço público, tem acentuando a segregação da cidade e dificulta a formação de identidade pelos cidadinxs cegos a partir da unicidade.

A imagem da cidade para as pessoas com cegueira é percebida, principalmente, no acesso ao espaço público como praças, ruas, terminal urbano, centro da cidade, dentre outros locais que permitem a percepção não através da visão, mas pelos outros sentidos do corpo como o paladar, o olfato, a audição e o tato.

Contudo, essa percepção da cidade, que impõe limite e barreiras como falta de infraestruturas nos locais e falta de acessibilidade, vem sendo agravada pela exclusão sócio espacial imposta que impede que xs sujeitxs com cegueira vivam a cidade em sua plenitude, criando desconexões e territórios identitários seja de forma imposta (aplicação de programas sociais, preço mais acessíveis dos terrenos) ou mesmo planejada (condomínios de médio e alto padrão).

As transformações das cidades capitalistas

Sob o ponto de vista da materialidade histórico dialético, salientamos a necessidade de fazer uma breve recapitulação dos processos que marcam a virada de uma sociedade feudal para uma sociedade moderna, reestruturando completamente os modos como se concebe a cidade.

Esta mudança tem como ponto de partida a primeira revolução industrial, na segunda metade século XVIII, tendo a Inglaterra como país precursor. Lefebvre (2001) salienta que a industrialização foi o indutor para o desenvolvimento da realidade urbana na sociedade moderna.

A burguesia enriquecida pela acumulação prévia de Capital e pelos novos modos de vida da sociedade, como bancos e estabelecimentos comerciais, passam a deter o poder das terras antes sob domínio dos senhores feudais, o que fomentou o comércio nas cidades existentes e o nascimento de novos núcleos urbanos gerando uma nova divisão do trabalho (técnica, social e política) como salienta Lefebvre (2001).

Segundo o autor, quando a exploração substitui a opressão, as pessoas exploradas começam a ter um movimento degenerativo da criatividade pelo processo de cristalização de horários e afazeres resultantes principalmente da presença das fábricas. A cidade, portanto, permite a concentração de ferramentas, matérias-primas e mão –de-obra em um pequeno espaço, o que acelera o rápido crescimento produtivo.

Lefebvre (1972), em seu livro *“O pensamento marxista e a cidade”*, evidencia um rápido crescimento das cidades, dando origem a sua segregação em vista do excesso de mão-de-obra. Em primeiro lugar, pelas altas taxas de impostos cobrados aos camponês para produzir na terra dos senhores feudais. Em segundo lugar a grande seca que tomou grande parte da Europa diminuindo drasticamente a produção de alimentos no campo durante esse período. E por fim, ao colapso do Feudalismo causando uma ilusão aos camponês de que na cidade as condições de vida seriam melhores, caracterizadas pelo êxodo rural.

Esses enormes antagonismos causados pela sociedade moderna capitalista vão assumindo diferentes conjunturas na idade contemporânea. Em alguns países europeus, como França, Inglaterra, Portugal e Espanha, embora tiveram um grande avanço na diminuição da desigualdade principalmente com o Estado do Bem-Estar Social após a Segunda Guerra Mundial e a participação pública na ampliação dos direitos aos menos favorecidos, ela aconteceu sob um forte

sistema de exploração de continentes, como África e América latina, no início do sistema capitalista e no qual ainda ocorre nos dias atuais de uma forma velada (LEFEBVRE, 1972)

Se houve de certa forma uma diluição das desigualdades em alguns países da Europa, em outros países esse processo aconteceu de maneira completamente inversa, principalmente naqueles com um desenvolvimento tardio dos processos capitalistas denominados como “*periferia do capital*”. Esse sistema resultou em sociedades extremamente desiguais, como é o caso das cidades latino-americanas, cuja essência é representada pela desigualdade.

O fato é que ao nos transportamos do passado ao presente, apesar das diferenças entre os países, o substantivo que dá significado ao capitalismo ainda é a “*exploração*”. Mas, cabe aqui neste trabalho, salientar algumas mudanças evidenciadas principalmente na obra “*Condição Pós-Moderna*” de David Harvey (2006) sobre as características das cidades no período recente. É importante salientar que este trabalho não tem o intuito de discutir sob um ponto de vista filosófico, se vivemos a passagem da modernidade ou pós-modernidade, ou qual nome seria adequado a este movimento de renovação do capitalismo. O que nos importa, são os processos concretos de mudanças que podem ser analisados pelo método do materialismo histórico dialético no processo de produção e transformação das cidades.

Assim, um dos primeiros pontos colocado por Harvey (2006) como elementos de mudança é a transformação política e econômica e a passagem do sistema fordista para o sistema de acumulação flexível. A denominação “*flexível*” carrega consigo o sentido de fluidez dos processos, seja do trabalho, da comercialização dos produtos e até mesmo dos padrões de consumo. Esses processos resultam em uma “[...] *ciclicidade, pontuada por crises periódicas, porque as normas não podem ser modificadas com facilidade, e porque poderosas forças sociais se opõem a esses processos* (HARVEY, 2006, p.165, tradução nossa).

Todas essas transformações materiais resultaram em diferentes qualidades na compreensão do espaço-tempo, não podendo ser atribuído um aspecto objetivo, mas sim, práticas materiais em constante mutação. Ainda segundo Harvey (2006), as práticas materiais são tão variadas quantos as experiências individuais e coletivas que acabam sendo reverberadas na arquitetura e no projeto urbano da cidade.

A revolução industrial, iniciada primordialmente na Europa, e amplamente difundida pelos Estados Unidos no século XX através da expansão de Capital sob as vias das Guerras Mundiais, foi o gatilho para uma intensa modificação na estrutura urbana, evidenciado por Harvey (2006)

pela fragmentação do sistema urbano, moldados através de princípios estéticos que pode ou não ter relação com objetivos sociais. Este desfecho produziu uma estrutura urbana dispersa, descentralizada e desconcentrada, em parte fomentada pelo avanço computacional, tendo a diversidades de modelos e forma para uma produção sem necessariamente seguir um padrão de repetição, como salienta Duhál (2016) mas, principalmente, pela popularização dos meios de transportes, com grande protagonismo do automóvel.

Segundo Harvey (2006)

O populismo do livre mercado, por exemplo, encerra as classes médias nos espaços fechados e protegidos dos shoppings [...] mas nada faz pelos pobres, exceto expulsá-los para uma nova e bem tenebrosa paisagem pós-moderna de falta de habitação. A ênfase dos ricos no consumo levou, no entanto, a uma maior diferenciação de produtos no projeto urbano (HARVEY, 2006, p.80, *tradução nossa*).

Nessa análise histórica, podemos identificar em algumas cidades brasileiras a influência desta concepção que vem ganhando força principalmente nos dias atuais. A crítica da Doreen Massey (2005) em seu livro *“For space”* sob as concepções de Harvey (2006) em seu livro *“Condição pós-moderna”* são plausíveis na medida que o autor formula uma teoria de espaço-tempo em que o epicentro é Estadunidense, não levando em consideração as realidades diversas do globo, que embora sofra influências destes processos, acabou produzindo desigualdade e multiplicidade cultural sob sua própria particularidade.

Alicia Lindon (2006) ressalta que a expansão das grandes cidades brasileiras cresceu sob suas periferias. Ainda segundo a autora, ao analisar as metrópoles mexicanas e latino-americanas, ressalta que especialmente para os moradores das periferias pobres o deslocamento até determinados pontos das cidades vem se tornando cada vez mais inacessíveis. Nas palavras de Lindon (2006) *“Isto é o que nos permite postular uma precariedade da vida em sentido amplo (LINDON, 2006, p. 21)”*.

Essas práticas vêm sendo ampliadas com a crescente participação dos agentes econômicos no espaço urbano, na tentativa de desvalorização dos espaços públicos e fragmentação sócio espacial, criando cada vez mais as dificuldades dos Estados em administrar as diferenças sociais dxs cidadinxs. Holston (2013) aponta o Brasil como exemplo de uma falta de administração mais ofensiva pela diminuição das desigualdades sociais que alimenta os privilégios das pessoas mais ricas, revelando uma influência cada vez maior dos agentes econômicos (HOLSTON, 2013).

A palavra democracia fomentou uma promessa por igualdade e com isso uma justiça social para a diminuição de tais diferenças que nunca se concretizou. Na verdade, o que tem acontecido é um aumento em conflitos entre os cidadãos, carregados na sua grande maioria por preconceitos e desigualdades.

Caminho metodológico

Os processos metodológicos foram realizados a partir de uma pesquisa quantitativa através da aplicação de questionários abertos e elaboração cartográfica com base nos dados coletados. Foram realizados um total de 39 questionários com pessoas que apresentam a patologia desde o nascimento (congenita) ou provocada por algum acontecimento durante a vida (adquirida) e, que possuem um campo visual de dez graus até ausência total de luz como classifica o código internacional de doenças (CID-10, 2010).

Segundo Gil (1999)

O questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc (GIL, 1999, p. 121).

Ainda segundo o autor a aplicação de questionários abertos no qual solicita-se aos indivíduos para que ofereçam suas próprias respostas, fornecem ao pesquisador maior facilidade no agrupamento e tabulação dos dados, além de atingir um grande número de pessoas, mesmo que estejam dispersas ou em áreas de grande extensão (GIL, 1999).

As perguntas do questionário foram gravadas e elaboradas a partir da literatura de Kevin Lynch (1959) baseadas nas próprias perguntas colocadas pelo autor com o cuidado de trazê-las à realidade brasileira, bem como, para o período atual. A localização dos sujeitos e aplicação foi realizado em sua maioria na Associação de Proteção aos cegos de Presidente Prudente/SP e através de pessoas que estivessem dispostas a participar da pesquisa.

A partir das transcrições dos áudios e tabulação dos dados foi utilizado o software Qgis 2.18 para elaboração do mapa e utilizados dados que atingiram um índice de 50 por cento de repetição nas respostas dos entrevistados.

Em vista deste tipo de abordagem, alguns elementos tiveram que ser desconsiderados, como os locais religiosos, pela diversidade de igrejas que são presentes na cidade e lugares específicos de cada sujeito, como o colégio Sesi de Presidente Prudente, Unesp, Associação Prudentina de Esportes de Presidente Prudente (APEA), Unidade de Pronto Atendimento Ana Jacinta (UPA), além dos bairros onde os moradores com cegueira residiam.

A imagem da cidade às cegas

As transformações da cidade no âmbito neoliberal impõem um jogo de força entre diferentes atores sociais que procuram impor os seus interesses políticos e fazem do espaço urbano uma área de intensas disputas em diferentes escalas (ALVES, 2010). Partindo desta perspectiva, Sposito (2011) destaca ainda que a escala do indivíduo em movimento não coincide, necessariamente, com a escala do espaço urbano, pois a essência destas articulações está no conflito e não no diálogo entre as ações.

É importante ressaltar essas questões pois, apesar de existirem leis que garantem a todos, dificilmente elas são cumpridas ou implementadas, o que faz com que pessoas com algum tipo de limitação que possam ser automaticamente excluídas a partir de uma organização espacial já existente (ALVES, 2010).

Dos 39 questionários aplicados há uma prevalência de pessoas com cegueira acima de 41 anos, pela entrevista ter sido realizada em uma Associação que apresenta sujeitos em sua maioria nesta faixa etária, mas também por ser neste período um aumento na ocorrência da patologia que se agravam com a idade como o Glaucoma Avançado e a Retinopatia Diabética Avançada.

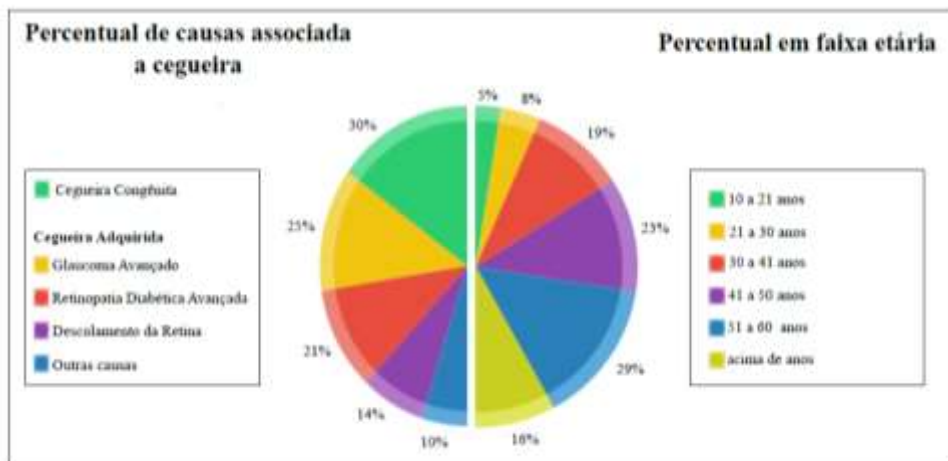


Figura 21 - Gráficos com índices estáticos da aplicação do questionário

Fonte: O autor (2020)

O mapa a seguir, presente na tese de doutorado de Alves (2010), acrescenta aos gráficos levantados a partir da aplicação dos questionários ao salientar que os locais de maior exclusão social possui os maiores índices de sujeitos com algum grau de limitação, dados estes, que acompanham uma análise feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) presente censo de 2010 e também a realidade das pessoas com cegueira em Presidente Prudente/SP. Todos esses fatores dificultam uma percepção da imagem da cidade não apenas pela de falta da visão, mas sim da impossibilidade de viver a cidade em plenitude, pela exclusão socioespacial que estxs sujeitos estão constantemente sendo submetidos.

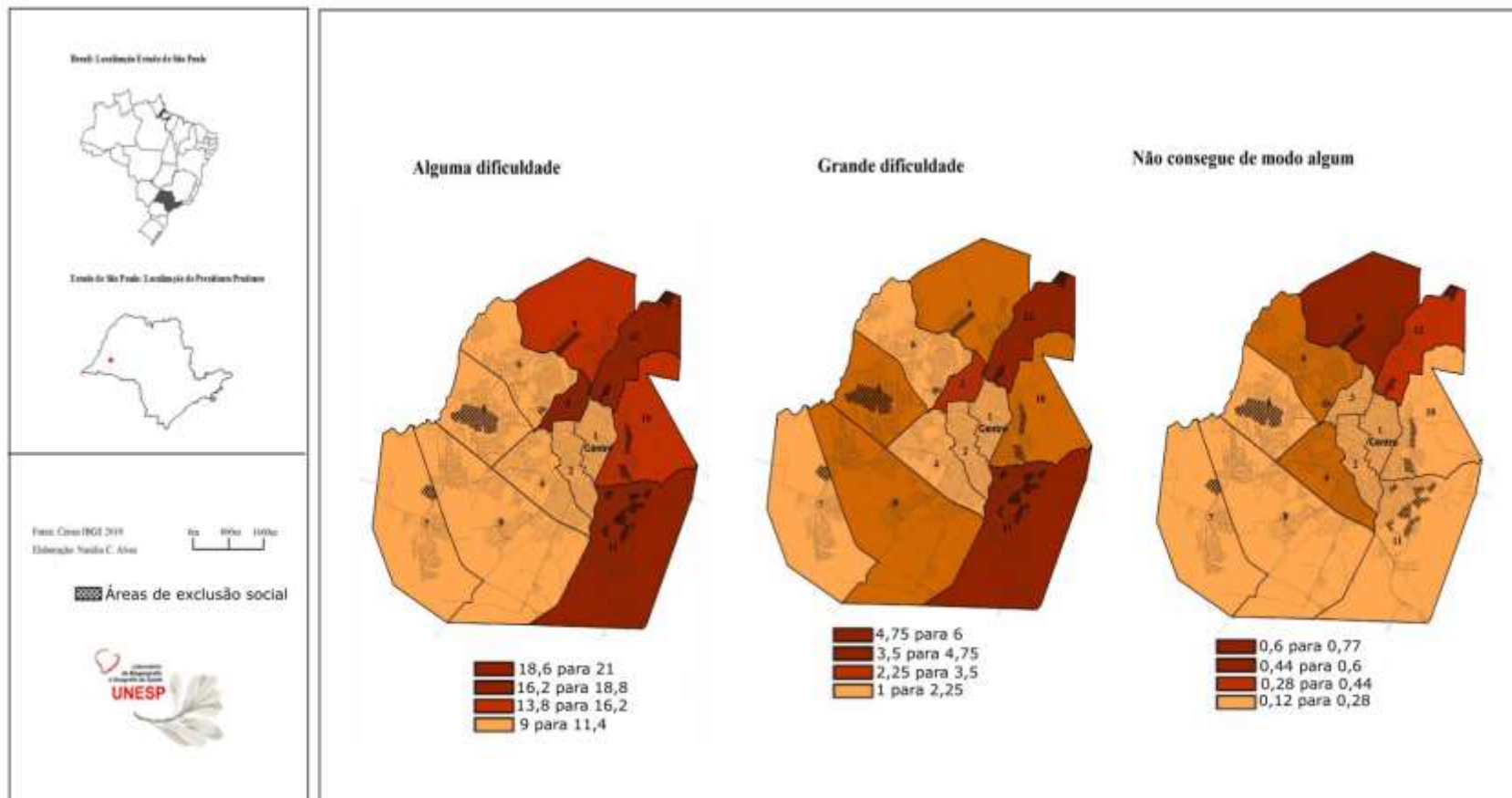


Figura 22 - Percentual de pessoas com cegueira por níveis de dificuldade em Presidente Prudente/SP
Fonte: Alves (2010)

A cidade, mais que uma obra arquitetônica, é uma construção do espacial e de transformação social, a qual a cada instante há mais elementos do que a visão consegue enxergar. Nada não se experimenta em si mesmo, mas sim no contato com o entorno e no qual nos faz refletir sobre acontecimentos da vida cotidiana e que permitem a construção de uma imagem da cidade (LYNCH, 1959).

A imagem pública de uma cidade é a soma de muitas imagens individuais. Essa imagem da cidade é um importante elemento coletivos para a cooperação por uma cidadã do espaço urbano. Para compreender a imagem da cidade, o autor aponta cinco elementos como primordiais. São eles: as vias, os limites/barreiras, os bairros, os nós ou lugares de pertencimento e marcos de referência. Esses elementos são passíveis de cartografia e, por isto, serão os principais elementos que constituirão o mapa feito para este trabalho.

I. Vias: são acessos condutores que ligam a cidade, pode ser uma rua, avenida, vias férreas, canais hidroviários;

II. Limites/Bordas: são rupturas da continuidade da cidade como rios, condomínios fechados (muros)

III. Bairros: são locais em que o observador reconhece facilmente, não precisa de um ponto de localização, todas as suas ruas são nítidas em sua imaginação;

IV. Lugares de Pertencimento/Nódulos: São os pontos estratégicos de uma cidade, em que os sujeitos têm relações de pertencimento, onde podem entrar e experienciar seus locais;

V. Pontos de localização/Marcos de Referência: São locais estratégicos da cidade, relacionados a identificação de um local, onde não precisa ter relações de pertencimento.

Através do mapa podemos observar que os pontos de localização e de relações de pertencimento são em sua maioria espaços públicos, excluindo as vias porque são consideradas locais público por excelência. Este aspecto evidencia que para os sujeitos cegos são espaços extremamente importante para suas percepções em relação ao ambiente, lazer, realizações de atividades diárias e até acessos a espaços particulares. Com base na produção dos mapas podemos notar uma concentração das atividades desses sujeitos cegos principalmente no centro da cidade caracterizado como um espaço público, onde poucos metros encontra várias atividades que estão

sujeitxs estão acostumados a fazer no seu dia-a-dia, o que facilitam a vida de quem não enxerga a se localizar com mais facilidade pela cidade.

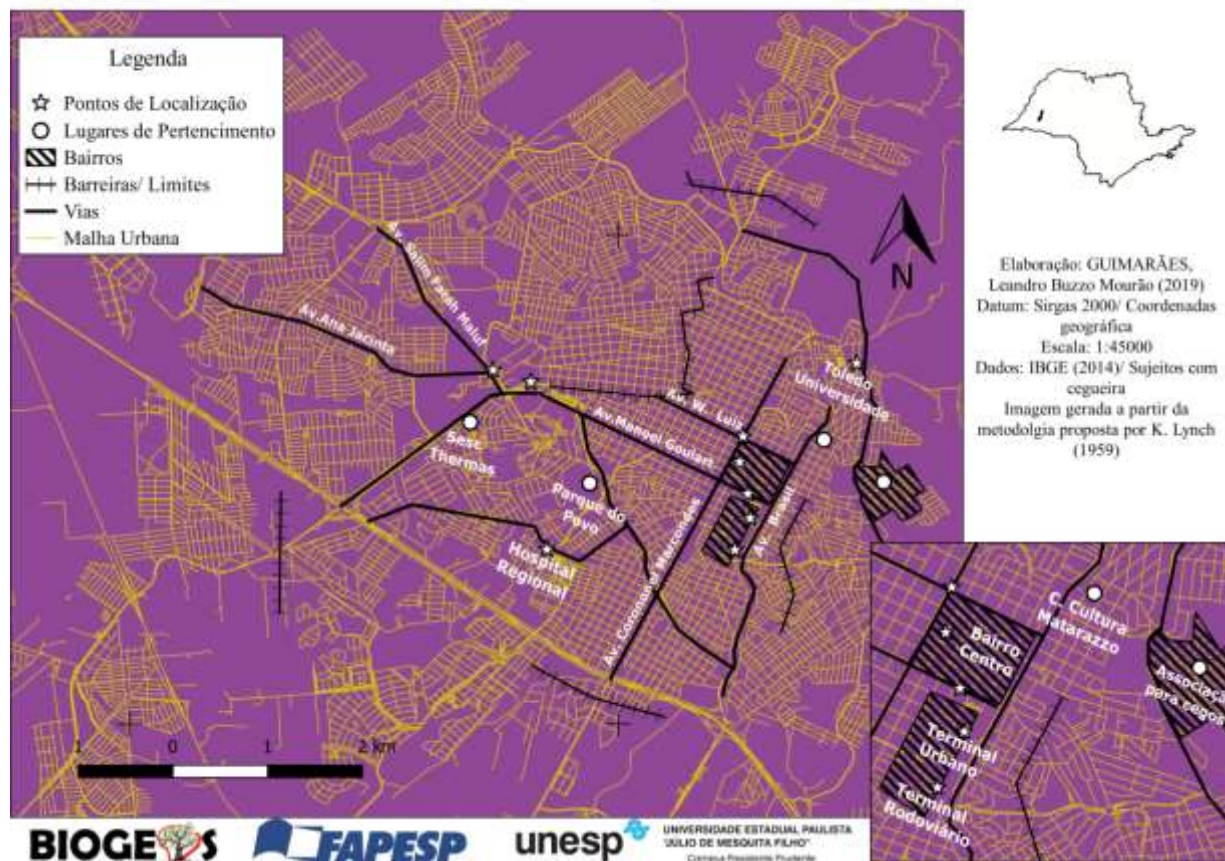


Figura 23 - A imagem da cidade para pessoas com cegueira

Elaboração: O autor (2020)

O espaço público é um importante meio para que a pessoas com cegueira consigam construir seu raciocínio espacial. Por isto, consideramos relevante realizar uma importante discussão a respeito deste tema e por isto não pode ser compreendida apenas sob uma perspectiva. Delgado (2011), por exemplo, trata o espaço público como uma ideologia sob um conjunto de movimentos de reforma ética do capitalismo. O espaço público, segundo o autor, é um espaço físico que ilude a existência de uma cidadania, ou seja, uma maneira da classe dominante encobrir as desigualdades e contradições da sociedade. O espaço público para autor é em sua essência, uma

fetichização das relações sociais, se apresentando como uma realidade ideológica para o Marxismo clássico.

Apesar de concordamos em partes com as colocações do autor temos um posicionamento contrastante em relação ao espaço público, o qual permite uma análise tendo em vista suas transformações, principalmente, no período recente para evitarmos uma perspectiva puramente ideológica. Para isso, é preciso trazer outros autores para o debate.

Segundo Carrión (2016) o espaço público apresenta elementos culturais, econômicos e políticos que transcende a criação das cidades, o que se torna também como um meio de contestação do capital como uma área significativa para expressão dos conflitos urbanos, principalmente pela crescente influência do mercado econômico, fazendo com que os espaços privados organizem a cidade através habitação, do comércio e da indústria (CARRIÓN, 2016).

Ainda de acordo com esse autor, o espaço público deve ser compreendido como parte da relação social e simbólica da cidade. Afinal, o espaço público é a sustentação material da cidade, com quantidades gigantescas de investimentos públicos e infraestrutura. Ao contrário de Carrión (2016), para Delgado (2011) o espaço público vem perdendo importância frente à difusão capitalista cada vez maior pela cidade, que o percebe como um excesso, que deve dar lugar às construções privadas, principalmente de uso coletivo como os shopping centers. Para o autor o espaço público tem a função de em primeiro lugar dar significados às formas urbanas que são coletivas (DELGADO, 2011).

Trazendo novamente essa discussão para a realidade dos cidadãos comuns, é no espaço público que essas pessoas convivem com outros sujeitos que compõem a cidade. Muitas vezes é nesses lugares que eles se sentem pertencidos e tem a possibilidade de ter contato com a plenitude da vida urbana, suas mudanças, criar mapas mentais, se localizar e poder se apoderar da cidade.

Delgado (2011), além de salientar os aspectos subjetivos e simbólicos para cada sujeito, traz a representação da comunidade como segundo elemento importante para análise dos espaços públicos. Para o autor, são principalmente nesses espaços que as pessoas convivem com a diversidade de corpos, de mentes, de posicionamentos políticos e diferentes classes sociais.

Contudo, devemos estar atentos às colocações de Serpa (2007) segundo o qual alguns espaços públicos que estão sendo construídos carregam consigo intencionalidades no sentido de predestinar quem “*pode*” frequentar esses espaços. Muitas vezes a partir de convênios entre

empresas públicas e privadas que tem uma estratégia de visibilidade, guiadas pelo grande espetáculo, valorizando locais de acordo com seus interesses.

Neste sentido é preciso estar atento que o espaço público na sua essência é um direito de todos os cidadãos (as), e por isto devem ser acessíveis a todos, pois, para que os habitantes consigam viver as cidades e (re) significar os espaços, eles precisam em primeiro lugar ter acesso através de transportes públicos, rampas de acesso, pisos táteis. É preciso tirar algumas pedras dos caminhos daqueles que vivem em cidades que são projetadas para a maioria e não para o todo.

Por isto a área onde está localizado o centro da cidade de Presidente Prudente -SP é um importante espaço da cidade no qual o cego consegue identificar com maior facilidade, um plano ortogonal, o que implica em uma maior facilidade de deslocamento, ainda a necessidade de melhoria nos pisos táteis, sinalizações sonoras, melhorias das condições das calçadas e a podagem das árvores.

Um outro fator facilitador para os cegos é relativa à proximidade do terminal urbano e rodoviário em relação ao centro da cidade, facilitando que as pessoas com cegueira e que utilizam transporte público possam se deslocar com certa facilidade até o centro da cidade e um dos pontos que localização destacada no mapa.

De modo geral, assim como a maioria dos cidadãos, as pessoas com cegueira obtêm acesso aos locais de destinos através das avenidas da Cidade, apenas algumas rodovias e ruas foram destacadas pelas pessoas com cegueira como é o caso da Rua José Bongiovanni, na qual está localizado o Hospital Regional (HR), local muito frequentado pela necessidade de exames constantes.

Ainda segundo os questionários, as vias são grandes problemas porque se realiza quase que todo o trajeto em algum tipo de condução. O grande problema foi relatado pelas pessoas que moram em bairros afastados com um baixo poder aquisitivo e, portanto, precisam da utilização do ônibus como principal meio de transporte, relata em primeiro lugar pela demora por serem bairros afastados e, em segundo lugar pela menor circulação de pessoas. Para agravar o problema há ainda a falta de consideração de muitos motoristas que passam direto pelo ponto de ônibus e não param por serem pessoas com cegueira. Isto é um fator limitante tanto para as pessoas saírem de suas casas quanto para outras pessoas acessar esses locais.

Outro ponto bastante citado é a construção dos condomínios fechados, o que por muitas vezes inviabiliza que as pessoas com cegueira tenham conhecimento de determinados pontos da

cidade. O caso de maior relato como limite imposto para acesso está localizado no conjunto de condomínios Dahma I, II, III e IV., Príncipe de Andorra e o João Paulo Segundo.

A fragmentação da cidade, espaços vazios e os condomínios fechados se caracterizam como barreiras ou limites para os cegos transitar pela cidade, principalmente para as classes sociais que dependem do transporte público coletivo, precisando atravessar grandes distâncias entre um local e outro. É importante salientar que dentre todos os entrevistados e entrevistadas, nenhum deles ou delas relataram residir em condomínios fechados.

Prévot-Shapira (2001) evidencia que a cidades fragmentadas em razão de suas múltiplas fronteiras acabam por dividir o espaço em descontinuidades que empobrece a cidade a medida que agrava o par centro-periferia havendo uma dissociação de uma ou várias partes da cidade, ou por escolha pessoal (maior poder aquisitivo) ou por imposições (menor poder aquisitivo). Esta dinâmica por sua vez, retira uma identidade de unicidade da cidade e substitui por território identitários.

Sposito (2001) acrescenta que os processos de fragmentação estão diretamente relacionados com o tamanho demográfico, pois se refere ao tamanho do mercado, criando novos espaços de consumo e forma de habitat, promovendo um esvaziamentos e/ou degeneração de antigos bairros e do centro principal das cidades.

Diante dos fatos, Caldeira (2000) ressalta que a segregação seja ela social ou espacial é uma característica marcante das cidades, no qual o espaço urbano é organizado basicamente por diferenciações sociais que separam e segregam o espaço urbano. Essa dinâmica acaba influenciando a ida e vinda dos locais públicos das pessoas que vivem a cidade e podem criar intencionalidades para diferentes camadas sociais que vivem na cidade.

Caldeira (2000) cita especialmente os enclaves fortificados como meio dificultador para acessibilidade e livre circulação de pessoas, valores estes importantes nas cidades da atualidade, acentuando ainda mais o par centro – periferia. Esse padrão das cidades brasileira é caracterizado segunda a autora por quatro pontos principais, são eles: 1) é disperso em vez de ser concentrado, principalmente pela diminuição da natalidade, 2) a distância entre as classes sociais; 3) a luta pela aquisição da casa própria independente da renda dos cidadãos e por fim 4) a diferenciação do método de transporte para deslocamento das pessoas, sendo destinado o ônibus aos menos favorecidos e o automóvel as classes com maior poder aquisitivo

A busca por um fim!

Será que cheguei ao fim de todos os caminhos
E só resta a possibilidade de permanecer?
Será a Verdade apenas um incentivo à caminhada
Ou será ela a própria caminhada?
Terão mentido os que surgiram da treva e gritaram — Espírito!
E gritaram — Coragem!
Rasgarei as mãos nas pedras da enorme muralha
Que fecha tudo à libertação?
Lançarei meu corpo à vala comum dos falidos
Ou cairei lutando contra o impossível que antolha-me os passos
Apenas pela glória de tombar lutando? [...]

Vinicius de Moraes
Rio de Janeiro, 1933

Você chegou até aqui! Então é ora de refletirmos juntos a respeito dos principais pontos abordados nesta dissertação, além dos possíveis encaminhamentos para outras pesquisas. Nosso principal objetivo foi estudar a concepção do lugar para pessoas com cegueira. Ao nos depararmos com esse tema, viemos que, para compreendermos esse conceito tão fundamental para Geografia, precisávamos entrar nas vidas dessas pessoas e entender suas concepções de vida.

Para isso, tivemos que dividir o capítulo em quatro frentes: *A vida no espaço-tempo*, *A vida na cotidianidade*, *A vida na complexidade* e *A vida como resistência*. Essa divisão facilitou a compreensão a respeito de tema tão complexo: entender o outro a partir do ponto de vista do pesquisador. Os capítulos, cada um com sua particularidade representaram a história de vida, suas tarefas rotineiras, a exploração dos sentidos para compreender a cidade e os modos de sobrevivência em uma sociedade desigual.

Contudo, ao sobrepor a realidade e a teoria, nem sempre elas se conectam em uma perfeita simbiose, uma vez que a realidade é complexa e extremamente dinâmica. Assim os conceitos precisam abarcar essas novas questões e desafios, o que torna necessário uma expansão do conceito ou até mesmo a formulações de novos.

No caso em questão, foi necessária uma reorganização do conceito de lugar a partir da necessidade empírica, agrupando-os em diferentes relações sociais no espaço geográfico.

Essas relações, sejam elas antagônicas ou complementares deram sentido ao que estávamos analisando e nos fizeram perceber que o lugar, mais do que dar sentido as relações eles auxiliam na construção mental da cidade, principalmente para os cegxs, pois, a partir do momento que estabelecemos relações íntimas com o ambiente, passamos a conhecê-lo em profundidade, incidindo diretamente no deslocamento e nas ações desses indivíduos.

Assim, a principal contribuição deste trabalho está no entendimento de que as relações estabelecidas com o lugar não são únicas para todos os sujeitos, mas sim a partir das características de cada um, o que envolve: as limitações biológicas do corpo, questões sociais, econômicas, culturais e geográficas. Nesse sentido, o lugar ganha protagonismo, por trazer vários elementos estruturantes da vida dos sujeitos, as relações de pertencimento e fatos marcantes impactam diretamente nas formas suas vivências. Isso faz com que, a existência destes sujeitos está intimamente imbricada com o modo de vida social e de sua reprodução no espaço geográfico, o que também tenciona.

Apesar de termos explorados uma grande quantidade de aspectos a respeito da vida desses três sujeitos, não podemos dizer chegamos ao fim, pois, há ainda diversas questões que precisam ser respondidas. Presidente Prudente -SP apesar de ter grandes problemas na estruturação da cidade têm uma condição privilegiada quando comparamos a outras regiões do Brasil e diferentes dimensões em seu território, seria ainda necessário a aplicação do estudos nas metrópoles brasileiras, teremos extremamente irregulares como favelas, cidades cuja condição de vida são precárias tensionam ainda mais o campo da ciência geográfica para buscar de nossas soluções. Sem contar outros temas sociais que não compareçam no trabalho como a cegueira e as questões raciais, pessoas que não conseguiram acesso a faculdade. Enfim, são infinitudes de temas que enriquecem as análises a respeito das pessoas com cegueira e contribuem para uma transformação social, histórica e espacial.

Referências

ALBERTI, V. **O fascínio do vivido, ou o que atrai na história oral**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2004.

ALVES, Natália Cristina. O outro na cidade: deficiência, acessibilidade e saúde em Presidente Prudente-SP. 2015. 139 f. **Tese (doutorado)** - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/127928>>.

APPOLINÁRIO, Fábio. **Metodologia da Ciência: filosofia e prática da pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.

BACHELARD, G. **La poétique de l'espace**. Paris: Les Presses universitaires de France, 1958.

BAUMAN, Z. **Desert spectacular**. In: Tester K (ed.) *The Flaneur*. London/New York: Routledge. 1994.

BRASIL. LEI Nº 11.126, DE 27 DE JUNHO DE 2005. Dispõe sobre o direito do portador de deficiência visual de ingressar e permanecer em ambientes de uso coletivo acompanhado de cão-guia. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/Lei/L11126.htm. Acesso em: 09/02/2012

BRASIL. **LEI Nº 11.126, DE 27 DE JUNHO DE 2005**. Dispõe sobre o direito do portador de deficiência visual de ingressar e permanecer em ambientes de uso coletivo acompanhado de cão-guia. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/Lei/L11126.htm. Acesso em: 09/02/2012

BRASIL. (2003). *Orientação e mobilidade: conhecimentos básicos para a inclusão do deficiente visual*. Elaboração de Edileine Vieira Machado et al. Brasília: MEC/SEESP.

BACH-Y-RITA, Paul. (2002). Sensory substitution and qualia. In: Noë, Alva & Thompson, Evan (orgs.). *Vision and mind*. Cambridge, MA: MIT Press, p. 497-514.

BEAN, C. E., KEARNS, R., & COLLINS, D. Exploring social mobilities: Narratives of walking and driving in Auckland, New Zealand. **Urban Studies**, v.46 n.18 2008.

BUTTNER, Anne. Home, reach, and the sense of place. In: BUTTNER, Anne.;

CARRIÓN, Fernando. El espacio público es una relación, no um espacio. In: KURI, Patricia R. (coord) *La reinvención del público em la ciudad fragmentada*. **INAM**: Cidade do México, 2016, p.13-47.

CALDEIRA, T. P do R. **Cidade dos muros**. SP: Ed.34/Edusp, 2000, p.301-340.

CID-10. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**. 10a rev. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2010. vol.1. 5.

SEAMON, David. (eds.). **The human experience of space and place**. New York: St. Martin's Press, 1980.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CANESQUI, Ana Maria. Ciências Sociais e Saúde no Brasil: Três Décadas de Ensino e Pesquisa. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 3, n. 1, p. 131-168, June 1998 . Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81231998000100131&lng=en&nrm=iso>. access on 14 May 2020.

CURRIE, G. Quantifying spatial gaps in public transport supply based on social needs. **Transport Reviews**, v.37 n.2, 2010.

CRESSWELL, T. The prosthetic citizen: New geographies of citizenship. **Political Power and Social Theory**. v.20 n.1. 2006.

CRESSWELL, T. Towards a politics of mobility. Environment and Planning. **Society and Space**, v. 28 n.1, 2010.

DARDEL, Éric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DELGADO, Manoel. **El espacio público como ideologia**. Madri: Catarata, 2011, p.15- 40.

DEWALT, K; DEWALT, B. **Participant Observation: a guide to fieldwork**. Oxford: Altamira Press, 2001.

DUHAI, Emilio; GIGLIA, Angela. **Metrópolis, espacio publico y consumo**. México: FCE, 2016

EYLES, J. **From equalization to rationalisation: public health care provision**. Wales: Aust. Geogr. 1985

GAUDENZI, Paula; ORTEGA, Francisco. Problematizando o conceito de deficiência a partir das noções de autonomia e normalidade. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 21, n. 10, p. 3061-3070, 2016 .

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GONCALVES, Rita de Cássia; LISBOA, Teresa Kleba. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. **Rev. katálysis**, Florianópolis , v. 10, n. spe, p. 83-92, 2007 .

GUIMARÃES, Raul Borges. Regionalização da saúde no Brasil: da escala do corpo à escala da nação. São Paulo, Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública, 2008. (**Tese de Livre Docência**)

GUIMARÃES², L. B. M.; GUIMARÃES², R. B. ; WIEZZEL, A. C. S. A scribble on a paper for the sense of place: the geographic study of with Autism Spectrum Disorder (ASD) at the school environment. **Estudos Geográficos**. Rio Claro/SP. v. 16, n.1 p. 60-74, 2018.

GUIMARÃES, R. Saúde Coletiva e o fazer Geográfico. **Caderno Prudentino de Geografia, Presidente Prudente**, n. 41, v. 1, p. 119-132, 2019.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna : uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural** . 6 ed. São Paulo: Loyola, 1996.

HARAWAY, Donna. (1991). Simians, cyborgs and women: the reinvention of nature. Nova York: Routledge

HETHERINGTON, Kevin. **The Badlands of Modernity: Heterotopia and Social Ordering**. London: Routledge, 1997

HISSA, Cássio Eduardo Viana. **A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

HOLSTON, James. **Cidades insurgentes. Disjunções da democracia e da modernidade no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, p.21-64 e p. 197-217.

KEARNS, R.; MOON, G. Place and Health: Towards a Reformed Medical Geography. **The Professional Geographer**. 2005.

KINGSBURY, P. Psychoanalytic approaches, in A Companion to Cultural Geography , edited by J.S. Duncan, N.C. Johnson and R. Schein. Blackwell: **Oxford**, 2003. p. 108–20.

LYNCH, Kevin. **La imagem de la ciudad**. Buenos Aires: Editora Infinito, 1968.

LEFEBVRE, Henri. **O pensamento marxista e a cidade**. Lisboa: Ulisséa, 1972, p. 29 a 76. _____ . **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LINDON, Alicia. La casa bunker y la desconstrucción de la ciudad. **Revista LimiaR**. Estudos sociales e humanísticos, ano 4, vol. IV, n.2, 2006, p.18-35.

LUGLI, D.; SUEMITSU, K.; MINOZZO, M.; OKIMOTO, M. L. Bengala customizável para mulheres com deficiência visual. **Design e Tecnologia**, v. 6, n. 12, p. 44-53, 30 dez. 2016.

MARANDOLA Jr., E. (2016). Identidade e autenticidade dos lugares: o pensamento de Heidegger em Place and placelessness, de Edward Relph. **Geografia** (Rio Claro. Impresso), v. 41, p. 5-15.

MARIN, L. **Utopics: Spatial Play**. London: Macmillan, 1993.

MARTINI, F.; TIMMONS, M. J.; TALLITSCH, R. B. **Anatomia humana**. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MASSEY, D. **Space, place and gender**. Cambridge: Polity Press, 1994

PRÉVOT-SHAPIRA, M. F. Fragmentación espacial y social: conceptos y realidades”. En Perfiles latinoamericanos. Nº 19. **FLACSO**. México, 2001.

MASINI, E. F. S. Enfoque fenomenológico de pesquisa em educação. In: FAZENDA, I. (Ed.) Metodologia da pesquisa educacional. São Paulo : Cortez, 1989.

MIDDLETON, J. Sense and the city: Exploring the embodied geographies of urban walking. **Social and Cultural Geography** Vol. 11 n.6, p. 575–596, 2010.

RELPH, Edward. **Rational Landscapes and Humanistic Geography**. New York: Barnes and Noble, 1981.

RELPH, Edward, 1996. Reflections on Place and Placelessness. **Environmental and Architectural Phenomenology Newsletter**. v.7, n.3, 1996

PALHETA NETO, Francisco Xavier et al. Anormalidades sensoriais: olfato e paladar. **Arquivos Int. Otorrinolaringol. (Impr.)**, São Paulo, v. 15, n. 3, 2011.

PRZYBYSZ, J. Articulando os espaços público e privado: transformações das espacialidades vividas por mulheres responsáveis pelo domicílio, após a dissolução conjugal na cidade de Ponta Grossa - Paraná. 2011. **Dissertação** (Mestrado em Geografia) – UFPG, Ponta grossa.

PRZYBYSZ, J.; SILVA, J. M. Espacialidades e interseccionalidades na vivência de mulheres prostitutas mães na cidade de Ponta Grossa-PR. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 21, n. 2, p. 570-585, agosto. 2017

ROSE, G. Progress in Geography and Gender. Or something else. **Progress in Geography**, v.17 n.4, 1993, p.531-537

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. Editora Universidade de São Paulo, 1994

SCHAFFER, R. M. **O ouvido pensante**. São Paulo: Editora Unesp, 1992. _____. Educação sonora. São Paulo: Melhoramentos, 1999.

- SHELLER, M., and URRY, J. The new mobilities paradigm. **Environment and Planning**. v, 38 n.2, 2006.
- SECHI, Bernardo, A cidade contemporânea e seu projeto. In: REIS Filho, Nestor, PORTAS, Nuno , TANAKA, Marta. **Dispersão urbana. Diálogo sobre pesquisas Brasil-Europa**. São Paulo: FAU, 2007, p. 111-139.
- SILVA, Armando Corrêa da. A aparência, o Ser e a Forma – Geografia e Método. Niterói: **Geografia**. vol.2, ed.3. 2000. p.07-25.
- SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alide Baptista. Geografias feministas e o pensamento decolonial: a potência de um diálogo. In: **Diálogos ibero-latino-americano sobre geografias feministas e das sexualidades**.
- SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alide Baptista (org). Ponta Grossa: Toda palavra, 2017, p.11-30.
- SHELLER, M., and URRY, J. The new mobilities paradigm. **Environment and Planning**. v, 38 n.2, 2006.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **O desafio metropolitano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000
- SERPA, Angelo. O espaço público na cidade contemporânea. São Paulo: **Conexto**, 2007, p. 21-39.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. In: Sposito, M.E.B. (org.) **Urbanização e cidades: perspectivas geográficas**. Presidente Prudente, 2001.
- TALLEN, E. Sense of community and neighbourhood form: An assesment of the social doctrine of new urbanism. **Urban Studies**. v.36 n.8, 1999.
- TUAN, Y. F. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a Pesquisa Qualitativa em Educação – O Positivismo, A Fenomenologia, O Marxismo**. São Paulo: Atlas, 1987. 175p
- URRY, J. Mobility and proximity, *Sociology*, V.36 n.2. London, **Sage**. 2002.
- VARELA, Francisco; Thompson, Evan & Rosch, Eleanor. (1993). **The embodied mind: cognitive science and human experience**. Cambridge, MA: MIT press.

WINNICOTT, D. W. **The maturational processes and the facilitating environment: Studies in the theory of emotional development.** Oxford, England: International Universities Press, 1965.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Vision 2020: The right to sight. 2007.** Disponível em: <<http://www.v2020.org>>

Para complementar

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: viver com cegueira: a construção do ser-no-mundo e as relações de pertencimento ao lugar em presidente prudente - SP **Pesquisador:** Leandro Buzzo Mourão Guimarães **Área Temática:**

Versão: 2

CAAE: 93806318.1.0000.5402

Instituição Proponente: Faculdade de Ciências e Tecnologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.813.881

Apresentação do Projeto:

A cegueira se caracteriza por um campo visual até dez graus, a qual abrange apenas percepção de luz ou sua total ausência. Ela pode ser classificada em congênita ou adquirida, afetando diretamente os trajetos e trajetórias destes indivíduos nos lugares que habitam. Isto remete a estudos essencialmente geográficos, uma vez que esses diversos temas insurgentes, não diluem mas aprofundam o conhecimento em uma busca constante da compreensão da vida, e sua construção enquanto ser-no-mundo na cidade de Presidente Prudente-SP. Para realização da pesquisa, o autor aprofundará em estudos de geografia humana com ênfase em geografia da saúde, através da abordagem qualitativa, com entrevista de roteiro semiestruturado e observação participante. (INFORMAÇÕES BÁSICAS DO PROJETO: 2018, p.2)

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo geral: “compreender como os sujeitos com cegueira congênita e adquiridas se utilizam dos outros sentidos do corpo na produção na vida. Objetivos específicos: compreender a construção do ser-no-mundo dos cidadãos cegos a partir da produção do espaço e das relações de pertencimento aos lugares vividos na cidade de Presidente Prudente –SP; comparar como as pessoas com cegueira congênita e adquirida usam os sentidos do corpo para minimizar as

dificuldades enfrentadas na vida cotidiana e analisar como esses indivíduos constroem a localização geográfica e espacial a partir das trajetórias que possibilitam apropriação do espaço urbano de Presidente”

(PROJETO DE PESQUISA, 2018: p. 12)

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Pelo procedimento verificado no projeto e na documentação apresentada à Plataforma Brasil, não se observa riscos aos participantes. Quanto aos benefícios a pesquisa certamente contribuirá com as discussões acerca da cegueira e as formas de vida construídas pelos sujeitos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa bastante relevante em relação à deficiência visual, especialmente em sua relação com as formas de produção de vida e espaço, na produção do lugar e relação de pertencimento.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória: Os termos foram todos apresentados e corretamente preenchidos.

Recomendações:

Nada a declarar.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Nada a declarar.

Considerações Finais a critério do CEP:

Em reunião realizada no dia 10.08.2018, o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências e Tecnologia - Unesp - Presidente Prudente, em concordância com o parecerista, considerou o projeto

APROVADO.

Obs: Lembramos que ao finalizar a pesquisa, o (a) pesquisador (a) deverá apresentar o relatório final